

Vindimas 2015
 Quantidade e qualidade da uva



pág. 14

Curso do Seminário em Bodas de Ouro



págs. 16 e 17

Papa Francisco em Cuba e nos Estados Unidos



págs. 26 e 27

Coligação vence Legislativas 2015

pág. 2



Empresários Chineses fecham negócios

pág. 3

Algarve Mediterrânico

pág. 6

Romaria da Peneda

pág. 7

Centro de Artes Rosa Maria

pág. 10

Albertina Fernandes romanceia "Homenagem ao emigrante Português"

pág. 11

Caixa Multibanco em Castro Laboreiro

pág. 12

Sacerdotes debatem catolicismo da população de hoje

pág. 13

O Tribunal de Melgaço ao longo dos séculos

pág. 18

Dicionário Crónico

pág. 23

Para acompanhar o Sínodo da Família

pág. 24

Centro de Dia de Castro Laboreiro

pág. 28

Visita ao Irão

pág. 30



QUINTA DE JUSTE
 SANTA LUCRÉCIA – BRAGA

VINHO DE QUINTA



Verde Tinto



Verde Branco: Loureiro

"FEITO DE UVAS EXCLUSIVAS DA QUINTA"

De Segunda a Sexta, das 08h às 17h e Sábados, das 09h às 12h e das 13h30 às 17h

Rotas dos Vinhos Verdes

Telef. 253 284 390

MIRACASTRO ALBERGARIA

CASTRO LABOREIRO
 Tel. 251 460 020
 Fax 251 460 029

Albergaria
 14 Quartos c/ casa de banho privativa, telefone, ar condicionado e TV.

Restaurante
 Sala com capacidade para 250 pessoas. Casamentos, Baptizados, e outros eventos.

Especialidades:
 Cabrito assado no forno, bacalhau com broa; Vitela dos nossos pastos; Sobremsa típica.

Resultados do País, do Distrito e em Melgaço

Legislativas 2015: Resultado Nacional

PARTIDOS	% VOTOS	VOTANTES	DEPUTADOS
PPD/PSD.CDS-PP	36,83%	1.979.132	99
PS	32,38%	1.740.300	85
B.E.	10,22%	549.153	19
PCP-PEV	8,27%	444.319	17
PPD/PSD	1,51%	81.054	5
PAN	1,39%	74.656	1
PDR	1,13%	60.912	0
PCTP/MRPP	1,11%	59.812	0
LTDA	0,72%	38.958	0
PNR	0,50%	27.104	0
MPT	0,42%	22.384	0
PTP-MAS	0,38%	20.690	0
NC	0,35%	18.695	0
PPM	0,28%	14.799	0
JPP	0,26%	14.196	0
PURP	0,26%	13.739	0
CDS-PP	0,14%	7.536	0
CDS-PP.PPM	0,07%	3.654	0
PPV/CDC	0,05%	2.658	0
PTP	0,03%	1.748	0

Legislativas 2015: Viana do Castelo

PARTIDOS	% VOTOS	VOTANTES	DEPUTADOS
PPD/PSD.CDS-PP	45,54%	58.509	4
PS	29,82%	38.309	2
B.E.	7,96%	10.225	0
PCP-PEV	5,23%	6.726	0
PDR	1,87%	2.400	0
PCTP/MRPP	0,87%	1.113	0
PAN	0,85%	1.086	0
NC	0,81%	1.037	0
PTP-MAS	0,75%	959	0
PNR	0,44%	559	0
PPM	0,42%	535	0
LTDA	0,35%	453	0
MPT	0,35%	445	0
PPV/CDC	0,30%	390	0
PURP	0,17%	213	0
JPP	0,12%	160	0

ABSTENÇÃO EM VIANA DO CASTELO

49.26%
Nulos: 2.141 (1.67%) Brancos: 3.228 (2.51%) Não Votaram: 124.731

Legislativas 2015: Melgaço

PARTIDOS	% VOTOS	VOTANTES	DEPUTADOS
PPD/PSD.CDS-PP	43,47%	1.672	0
PS	37,08%	1.426	0
B.E.	5,59%	215	0
PCP-PEV	2,42%	93	0
PDR	1,38%	53	0
NC	0,94%	36	0
PTP-MAS	0,88%	34	0
PCTP/MRPP	0,75%	29	0
PAN	0,62%	24	0
PNR	0,42%	16	0
PPM	0,42%	16	0
LTDA	0,31%	12	0
PPV/CDC	0,29%	11	0
MPT	0,29%	11	0
PURP	0,16%	6	0
JPP	0,13%	5	0

ABSTENÇÃO EM MELGAÇO

67.12%
Nulos: 67 (1.74%) Brancos: 120 (3.12%) Não Votaram: 7.852

MELGAÇO	AGIR - PTP e MAS	BE	CDU - PCP e PEV	JPP	LTDA - POUS	NC	PPV/CDC	PCTP/MRPP	MPT	PDR	PNR	PPM	PS	PURP	PAN	PPD/PSD e CDS-PP
ALVARADO	3	21	9	1	1	6	0	2	0	8	3	1	92	0	2	78
CASTRO LABOREIRO E LAMAS DE MOURO	3	23	7	0	0	3	1	0	1	1	2	1	127	0	3	94
CHAVIÃES E PAÇOS	6	16	8	1	0	5	3	2	0	7	0	2	134	1	0	109
COUSSO	1	2	1	0	1	2	0	1	1	3	0	0	26	1	1	80
CRISTÓVAL	2	9	7	0	0	2	0	1	1	3	2	1	78	0	0	117
FIÃES	0	1	1	0	0	0	0	2	0	0	0	0	49	0	1	41
GAVE	0	3	4	0	0	1	0	1	0	0	0	1	23	0	0	78
PADERNE	5	28	11	0	0	2	0	3	3	5	4	2	169	1	4	175
PARADA DO MONTE E CUBALHÃO	6	1	1	0	0	2	0	0	0	4	2	3	50	0	1	217
PENSO	1	16	5	1	2	0	1	4	0	4	1	0	76	0	0	107
PRADO E REMOÃES	3	22	6	1	4	3	0	0	1	4	0	1	117	0	1	94
S. PAIO	1	13	3	1	0	2	2	6	1	2	0	2	106	0	3	104
VILA E ROUSSAS	3	60	30	0	4	8	4	7	3	12	2	2	379	3	8	378

Melgaço "laranja" no concelho e em seis freguesias

Em Melgaço, o resultado da coligação PàF ganhou vantagem aos socialistas por 246 votos. Com 43,5% dos votos, os partidos de Direita ficam aquém dos 53,5% de 2011, mas asseguraram franca vantagem nas seis Freguesias e União de Freguesias onde foram vencedores, nomeadamente, na União de Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão (74,1%), Gave (64,5%), Couso (63,5%), Penso (47,4%), Paderne (40,2%) e Cristóval (50%). O PS asseguraria a vantagem em sete das Freguesias e União de Freguesias do concelho.

Abstenção recorde no país e no concelho

Em Melgaço, dos 11 698 inscritos, apenas 3 846 eleitores exerceram o seu direito de voto, o que representou uma participação no sufrágio na ordem dos 32%. Em 2011, havia mais eleitores registados (12 185 inscritos) e mais de 4 500 melgacenses exerceram o seu dever cívico. A percentagem de adesão foi, nesse ano, superior a 37%.

No entanto, o cenário dos números da abstenção de Melgaço acompanharam a tendência nacional. Se no nosso concelho os números apontam para taxas de abstenção superiores a 67%, a nível nacional atingiram-se os 43,1%. Não votaram 4 065 288 eleitores inscritos.

No total nacional, foram registados 86 571 votos nulos e 112 293 votos brancos.

João Martinho

NÚMERO DE MANDATOS

Coligação PSD/CDS . 104
PS 85
Bloco de Esquerda ... 19
CDU 17
PAN 1

NOTA: Falta distribuir os quatro referentes à Europa (2) e resto do mundo (2).

PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«JORNAL A VOZ DE MELGAÇO, LDA.»
Largo da Senhora-a-Branca, 105;
4710-926 BRAGA
jornal.vozmelgaco@gmail.com
Telef. 253 214 284
Contribuinte n.º 502668636
NIB 0018 0000 28639224001 05
IBAN: PT50 0018 0000 28639224001 05

Gerência:

Carlos Nuno Salgado Vaz e
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:

Carlos Nuno Salgado Vaz, Maria do
Rosário Salgado Vergara Vaz, Júlio
Nepomuceno Vaz, António Luís Vaz e
Manuel Luís Vergara Vaz, 20% cada.

PRÉ-IMPRESSÃO:

Candeias Artes Gráficas
Rua Conselheiro Lobato, 179
4705-089 BRAGA

IMPRESSÃO, ACABAMENTOS E EXPEDIÇÃO:

Empresa Diário do Minho, Lda. - Braga
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:

Portugal - 20 Euros
Estrangeiro - 25 Euros

A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA

Tel./Fax: 253 214 284

E-Mail Geral
jornal.vozmelgaco@gmail.com
Site: www.vozdemelgaco.pt.la
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:
n.º 163455/01

Registo de Imprensa
n.º 101960

Tiragem deste número
1.900 ex.

Director

Carlos Nuno Salgado Vaz,
Cartão de Jornalista, n.º TE 889

Editor

Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção

Júlio Nepomuceno Vaz
Manuel Luís Vaz

Correspondentes

Eduardo Jorge Lourenço - Melgaço
João Martinho Silva - Melgaço

Colaboradores:

Abílio Francisco Conde - Melgaço
Alberto Magno P. Castro - Valença
Alcídio Silva Figueiredo - Porto
Álvaro Carvalho - Braga
Ana Cristina Costa - Braga
António Jorge Tavares - Açores
Arminda Urze - Melgaço
Arménio Augusto de Melo - Braga
Armindo Vaz (Dr.) - Macau
Arturo Diaz - Barcelos
Gaspar Caldas - Melgaço
Helena Matos - Braga
José Afonso Marques - Orense
José António Gonçalves - Peso
José Armando Monteiro (Dr.) - Faro
José Manuel Domingues (Dr.) - Braga
José Marques (Cónego e Doutor) - Braga
Júlio de Sousa Domingues - Monção
Manuel António Esteves - Braga
Manuel Félix Igrejas - Brasil
Manuel Fernandes (Dr.) - Braga
Manuel José Pereira - Penso
Manuel Luís Vaz (Eng.) - Melgaço
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) - Brasil
Maria Ester Taveira - Braga
Maria José Lobo Elias - Lisboa
Maria Nadalete Costa Lopes - Braga
Maria Teresa Tábuas - Leiria
Pe. Manuel Domingues - Chaviães
Ramiro Lima Cerqueira - Melgaço

Membro da:

AIC - Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

Empresários chineses visitam Melgaço para "fechar negócios" Produtores locais apresentaram cabaz completo de produtos endógenos

Cerca de uma dezena de empresários do sector agro-alimentar da China visitaram, no início de Setembro, o concelho de Melgaço para conhecer os produtos e aquilatar eventuais relações comerciais com os empresários locais.

O encontro, promovido pela Associação de Jovens Empresários Portugal-China (AJEPC), realizado a convite da Câmara Municipal de Melgaço e mediado pela Secretaria de Estado da Alimentação e da Investigação Agro-Alimentar, permitiu aos principais produtores de vinho, carne, queijo, mel e fumeiro de Melgaço a apresentação do seu



"namoro difícil" aos CEO's chineses, reuniu pela primeira vez os empresários locais com representantes de um mercado em forte expansão e onde os produtos portugueses poderão alcançar importantes nichos de mercado. "As empresas que estão aqui, demorou tempo a namorá-las para as trazer cá, fazer com que despendessem tempo", esclareceu Alberto Carvalho Neto.

A ideia de um "Portugal gourmet" nos expositores temáticos das principais superfícies comerciais chinesas poderá sair reforçada após esta visita, onde Portugal perfilou toda uma mostra "de qualidade" e onde a ideia da escala produtiva não incomoda os representantes. "Alguns produtos daqui da região já estão na

China, em quantidades pequenas, mas é nesse nicho que devemos continuar a trabalhar, no Portugal gourmet, no Portugal Best Corners, ideias que se consigam trabalhar de forma a acrescentar valor", nota ainda o presidente da AJEPC.

Para Alberto Neto, a presença do autarca de Melgaço, Manoel Batista, ainda que no cumprimento do protocolo de recepção à delegação chinesa e abertura da sessão que decorreu no Solar do Alvarinho, acrescentou "credibilidade" à iniciativa que visa reforçar a confiança do mercado chinês nos produtores e comerciais portugueses.

E se a missão é de prospecção comercial, o repto foi aceite pelos visitantes com seriedade e



objectividade e nem houve tempo para passeios, como nota o presidente da associação de empresários. "Não vieram em missão de turismo. Em Lisboa, quando saíram do Ministério da Agricultura, de uma reunião com trinta empresários portugueses, não pediram para ir visitar o Terreiro do Paço, pediram para ir visitar os supermercados porque queriam ver aí o posicionamento dos produtos portugueses. São pessoas que vem para fechar negócios".

Manoel Batista realçou a possibilidade de "abrir canais de colocação de produtos de Melgaço na China" e ainda que os resultados não sejam imediatos "é importante que os nossos empresários comecem a habituar-se a este trabalho de apresentação dos

seus produtos aos mercados. Neste caso foi a autarquia que mediou este encontro, noutras alturas serão eles a ter este trabalho".

A "profissionalização" dos empresários melgacenses nestas acções de marketing é um processo que o autarca vê como positivo, pois será cada vez mais comum para uma região onde o estigma da falta de volume produtivo é uma "falsa questão". "É verdade que em certos produtos é preciso volume, mas há outros que são para nichos e os nossos vinhos, que já tem volumes consideráveis em alguns produtores, noutros não tanto, podem estar abertos a mercados grandes como o chinês, mas em nichos desse mercado", aponta Manoel Batista.

Os vinhos, os queijos, o mel, o fumeiro, e a carne de gado bovino criado no concelho melgacense fez parte de uma mostra que se apresentou e provou. À espera de "carta branca" está ainda o fumeiro e derivados da carne de porco, cujo embargo da China a Portugal estará prestes a ser levantado, segundo indicações que o representante dos empresários tem da tutela agro-alimentar.

João Martinho



produto e convívio com alguns dos 'decision-makers' do mercado chinês.

Numa visita a Portugal em que, durante uma semana, os empresários chineses visitaram algumas empresas portuguesas em Lisboa, Aveiro, Porto, Coimbra e Guimarães (citando apenas algumas das principais cidades deste roteiro), Melgaço foi o único concelho do Alto Minho a receber a visita da comitiva.

Alberto Carvalho Neto, presidente da AJEPC – criada em 2012, com um grupo de trabalho assente no voluntarismo e no networking – realçou a importância da iniciativa para os empresários convidados a esta apresentação. A acção de prospecção, que a associação conseguiu após um





ESTHETIC SMILE
CLÍNICA MÉDICA & DENTÁRIA

Mês de Outubro
Mês de Rastreamento Radiográfico

ORTOPANTOMOGRAFIA (Rx da boca completa)
Com oferta do CD
15€

Venha visitar-nos em:
Esthetic Smile
Travessa de Santiago, Nº 67
4960-613, Melgaço

geral@estheticsmile.pt
+351 251 404 002

Costa menos sorrir melhor

Solicite ao seu médico!

Mediante Prescrição Médica, LIMPEZA DENTÁRIA, a ORTOPANTOMOGRAFIA, o TAC FACIAL e EXTRAÇÕES DENTÁRIA SIMPLES terão os seus preços reduzidos

Costa menos sorrir melhor!

Largo da feira 4960-613 Melgaço

A Região em Notícia

Alto Minho recebe certificação da "Carta Europeia de Turismo Sustentável" da Federação Europeia de Parques Nacionais e Naturais

A candidatura à Carta Europeia de Turismo Sustentável (CETS) do Alto Minho promovida pela Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (CIM Alto Minho), no âmbito do projecto BIOLANDSCAPE ALTO MINHO, co-financiado pelo PO Norte (ON.2), acaba de ser aprovada, por unanimidade, pela Comissão de Avaliação da Federação Europeia de Parques Nacionais e Naturais – Federação EUROPARC.

A Carta Europeia de Turismo Sustentável é uma ferramenta desenhada, avaliada e certificada pela Federação EUROPARC, que tem o intuito de promover o desenvolvimento de um turismo sustentável em áreas protegidas e classificadas.

A imagem do território como um único destino turístico, a inserção numa rede europeia de destinos de excelência, uma melhor organização da oferta turística, o reconhecimento da importância da população local e dos empresários no processo de planeamento e desenvolvimento da atividade turística, uma maior satisfação dos visitantes e um maior retorno na economia local da atividade turística, a promoção da preservação dos valores naturais e culturais do território e o acesso a programas específicos de co-financiamento, são apenas algumas das vantagens desta adesão à CETS.

Unidade Local de Saúde do Alto Minho destaca-se com o primeiro lugar no TOP 5 da excelência dos hospitais portugueses

A Unidade Local de Saúde do Alto Minho, EPE (ULSAM) recebeu o primeiro prémio do TOP 5 da excelência dos Hospitais Portugueses no âmbito das Unidades Locais de Saúde. A IASIST, empresa que se dedica, em diversos países do mundo, à realização de estudos de benchmarking, promoveu, pela

segunda vez em Portugal, a atribuição de prémios aos Hospitais do Serviço Nacional de Saúde que apresentam anualmente os melhores níveis de desempenho. A Conferência de atribuição do prémio teve lugar na Reitoria da Universidade Nova de Lisboa a 22 de Setembro e contou com a presença do Ministro da Saúde.

ARCOS DE VALDEVEZ Município investe mais de 1 milhão de euros no regresso às aulas

No âmbito do Apoio Social Escolar, a Câmara Municipal apoia os alunos das EB1 na compra de livros escolares e material escolar e o conjunto total das crianças ao nível das refeições mediante os escalões em que estão inseridos. As refeições escolares têm um custo anual 248 145,05€, sendo que todos os dias são servidas cerca de 800. Ao nível dos transportes escolares, foram adjudicados 64 circuitos no valor de 693 770,32 euros para transportar diariamente 1279 alunos.

Entre as obras de intervenção nos estabelecimentos escolares destacam-se a melhoria de condições no Centro Escolar Dr. Manuel Costa Brandão, em Sabadim, com um custo de 165 mil euros; na EB1 de Soajo, que integrará o Jardim de Infância, num investimento de cerca de 60 mil euros.

CAMINHA "Meias casas" dos pescadores de Caminha são tema de tese de mestrado

"A Rua e as Meias Casas de Pescadores de Caminha" foi o tema escolhido pela jovem ar-



quitecta Renata Sousa Monteiro para a sua tese de mestrado, recentemente apresentada aos caminhenses. Com este trabalho, a autora pretende divulgar e consencionalizar para a salvaguarda deste tipo de património.

Miguel Alves, presidente da Câmara Municipal de Caminha, considerou o trabalho da jovem caminhense como um grande contributo para o conhecimento e valorização do património do concelho e anunciou que, no próximo ano, a propósito do Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, as "meias casas" serão um tema em evidência.

Renata Monteiro viu o seu trabalho aprovado com 19 valores pelo júri da Escola Superior Gallaecia, onde se formou em Arquitectura e Urbanismo. Agora vai mostrar a sua investigação nas Jornadas de Património da Catalunha, em Barcelona, já no próximo mês de Dezembro.

MONÇÃO 2º Festival do Cordeiro à Moda de Monção nos roteiros "obrigatórios" da gastronomia regional



A Câmara Municipal de Monção promove o 2º Festival do Cordeiro à Moda de Monção nos dias 9, 10 e 11 de outubro com a participação de 23 restaurantes do concelho e um programa complementar que prevê animação

de rua, workshops de tradições, noite de fado, baile, visitas ao centro histórico de Monção, demonstrações culinárias e tertúlias gastronómicas.

Nesta iniciativa gastronómica, apoiada pela Associação Comercial e Industrial dos Concelhos de Monção e Melgaço e a EPRAMI, os restaurantes participantes, devidamente licenciados na categoria de restauração, prometem confeccionar aquele prato tradicional com qualidade, requinte e genuinidade, apresentando-o em pequenos alguidares de barro com uma inscrição alusiva ao certame.

Assumindo a promoção dos recursos endógenos e diferenciadores do concelho como uma das estratégias do executivo monçanense, este certame gastronómico tem como finalidade a manutenção da qualidade e a garantia da genuinidade deste prato com história e tradição no concelho de Monção.

Inicialmente associado ao consumo familiar em dias festivos, o Cordeiro à Moda de Monção, de arroz pingado e com nome ousado "Foda à Monção", tornou-se, desde há vários anos, uma referência na gastronomia monçanense. O processo de certificação, em fase final, garantirá a qualidade e autenticidade deste prato obrigatório no roteiro gastronómico local.

PONTE DA BARCA Cortejo Etnográfico integrado na Festa das Vindimas sai à rua a 11 de Outubro



O Cortejo Etnográfico que todos os anos faz parte da programação da Romaria de S. Bartolomeu e que este ano, devido às condições climáticas, teve que

ser cancelado, vai sair à rua já no próximo dia 11 de outubro, a partir das 14h30. Várias freguesias desfilarão o melhor das tradições do concelho, com a apresentação de um conjunto de ciclos dos usos e costumes da região.

A acompanhar este e outros momentos da Festa das Vindimas vai decorrer também, ao longo de toda a tarde, a emissão em directo da Praça da República, do programa SIC, "Portugal em Festa".

VALENÇA VisitValenca promove a cidade à distância de um click

Valença reforça a aposta na promoção turística da cidade com o lançamento do site www.visitvalenca.com, um espaço inovador onde o visitante poderá encontrar um conjunto de informações em português, espanhol, inglês e francês, de uma forma rápida e acessível.

No novo site encontra informação sobre o que visitar, o que fazer, onde comprar, onde comer, onde dormir, os recursos naturais, a história da cidade e sobretudo da Fortaleza candidata a Património Mundial da Unesco.

Visitvalenca associa-se a um conjunto de iniciativas inovadoras que a Câmara Municipal tem lançado para a promoção turística da cidade e de que se destacam o sistema de contagem de entradas na Fortaleza, a APP das Murallas Digitais de Valença e os painéis interativos da Fortaleza. A autarquia valenciana, para breve, prevê também o lançamento de um novo vídeo promocional da

cidade, em várias línguas, para as redes sociais, bem como para o Centro de Interpretação da Fortaleza.

João Martinho

A produção escrita de António Luís Vaz

EM TERRAS DE SANTA CRUZ – XLV

Brasil, país de contrastes.

As grandes chagas: analfabetismo, miséria, crise social e política



De volta a casa, debruço-me com funda saudade sobre a documentação obtida acerca do império irmão. Releio com interesse: "Quando, no início deste século, o Brasil tinha 65,3% de analfabetos, a percentagem era maior do que a de agora, mas o número de pessoas que não sabiam ler era inferior ao de hoje em 8 milhões". Ou então: "... metade da população é sub-alimentada e 50%, analfabeta. Há cinco anos, o Brasil não fabricava automóveis, ao passo que agora produz 180.000 por ano. Pertence-lhe 35% das reservas mundiais de ferro e é o terceiro país do globo relativamente a superfície agricultável. Apesar disso, há fome e miséria. Possui 16% da floresta mundial e, não obstante, a sua indústria de madeira não é a mais importante"...

O leitor apercebeu-se apenas de um aspecto do problema, acaso o mínimo. Colosso, gigante que ainda não acordou, o Brasil defronta mil obstáculos, o maior dos quais é decerto a falta de tino político ou de homens que vençam a crise com alma de aço.

Tudo ali é paradoxal e estranho: o óptimo acotovela o péssimo. Sendo o maior produtor americano de arroz, segundo do globo em laranjas, o terceiro em algodão, o quarto em carne, confessam as estatísticas oficiais que cerca de 30 milhões de brasileiros não se alimentam o suficiente.

Sendo quase tão grande como a Europa e o terceiro país do mundo em superfície agrícola, o Brasil é tido como um gigante sem terras. Com efeito, nem sequer o Estado pode tomar a si

a colonização dessa imensidão úbere, porque a propriedade agrícola se encontra toda nas mãos dos particulares!...

Morrem diariamente de fome 1.000 criancinhas no Brasil e a terra não cultivada, ao abandono, é tanta só por si como a aproveitada na Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Chile juntos!... A terra não aproveitada!, insistimos bem no facto... E trata-se do terceiro país com superfície esplêndida para a lavoura!...

Segundo as estatísticas, metade da propriedade agrícola hispano-americana acha-se nas mãos de 15% da população!... Veja-se o escândalo que isso é: nem trabalham nem deixam os demais ocupar-se dessa terra ao abandono!...

Os jornais acabam de informar que a Liga dos Campone-

ses provocou os primeiros tiros. Foi junto do Rio. As autoridades obrigaram os lavradores a partir, deixando as terras que desejavam cultivar.

Esta Liga é mais um sinal da influência fidelista em toda a América do Centro e do Sul. Francisco Julião, que a orienta e comanda, é tido como principal discípulo do ditador de Cuba.

Lançou a organização revolucionária no norte e logo se estendeu como fogo até ao sul. É já uma força considerável, mas o chefe pretende alargá-la a todo o país. De resto, não deseja apenas enquadrar os rurais, uma vez que anseia por juntar a si os operários da indústria.

O problema é de tal modo grave, que a hierarquia entendeu chagado o momento de fazer ouvir um apelo veemente em

ordem a que as consciências se alertassem face ao risco em perspectiva. Tenho diante dos olhos o livro «**Reforma Agrária, Questão de Consciência**», que devo à gentileza dum amigo e me possibilitou um estudo sério e profundo acerca do instante problema. Bem não desejaria incomodá-los com ele, mas tenho para mim que o leitor espera da minha visita a Terras de Santa Cruz algo mais do que simples crónicas de viagem, mais ou menos leves, escritas sobre o joelho, sem outra finalidade que não seja a de arquivar para o futuro, isto é, para mim, dias de extraordinário prazer espiritual e de reconfortante anseio cultural e social.

Aliquis
(Diário do Minho, 1968)
Júlio Vaz

Dar Dignidade à Política e Honrar Portugal

O desfile em marcha das "arruadas" das campanhas eleitorais já não é o que era!... Também nunca foi aquilo que pretendiam que fosse!...

O dinheiro condiciona!... Oh se condiciona!... Mas a falta dele "arrufa" as mentes menos "sóbrias", "politiqueiramente" falando!...

O discurso político anda "desgrenhado"!... É tempo de "desgrudar" os meandros inflamados dos sonhadores da política!...

O calão apregoado pelos políticos e suas hostes sobe de tom e entra em rota de colisão com a pedagogia (para não dizer outra coisa) da democracia. Não vale tudo em política. Há políticos que se habituaram a atacar vilmente quem lhe faz frente e mos-

sa entrando num frente a frente de "peixeirada"!... Sobem de tom a maledicência que sem dó nem piedade ataca a família de quem se propõe ir a votos para fazer seu lugar político.

E é triste!... É muito triste que jornalistas, tidos como conceituados, entrem num bate papo tão baixinho!... Quando se foi assessor as responsabilidades não podem nem devem deixar margens para dúvidas.

O exemplo vem de cima. A honra e dignidade é um todo que deve ser exigido a quem se propõe representar o povo no Parlamento. O vocabulário usado nas manifestações deve ser apropriado com o momento, não esquecendo que os comícios são "aulas" de cidadania.

Olhando o passado, relembramos debates televisivos que em nada engrandeceram os seus protagonistas. Que exemplo se espera de um líder político?!...

A honra está na língua e na verbosidade que é exprimida. A prova oral de Português é tão importante como a prova escrita. Quem se propõe falar em nome do povo deve merecer o lugar e o tempo que lhe é dado sem prestar provas para tal.

O desassombramento político não pode ser desculpa para a responsabilidade que cada português tem perante o seu País.

Outubro ainda continua a ser tempo de abertura de aulas. Que os Portugueses recebam e assistam a aulas de cidadania dos nossos eleitos.

Sabemos quem vai ganhar, politicamente falando!... O que todo e qualquer Português espera é que Portugal saia vitorioso destas eleições e unido na construção de um futuro melhor. O presente deve estar à vista de todos e todos devem ter direito à sua dignidade de vida.

Helena Matos

Crónicas do Delfim

Serás sempre a minha fantasia.
Nunca serás a minha realidade.
Serás sempre a minha ilusão.
Nunca serás a minha concretização.
Serás sempre a minha lembrança.
Nunca serás a minha recordação.
Serás sempre o meu rebuçado ácido.
Nunca serás o meu bombom.
Serás sempre uma mentira.
Nunca serás uma verdade.
Serás sempre uma máscara.
Nunca serás uma pessoa nua.
Serás sempre bizarro.
Nunca serás diferente.
Serás sempre o rotulador andante.
Nunca serás adepto de marcas brancas.
Serás sempre afetado.
Nunca serás simples.
Serás sempre uma fotografia na moldura.
Nunca serás uma obra de arte.
Serás sempre um camaleão.
Nunca serás um humano.
Serás sempre um eterno ensaio.
Nunca serás uma verdadeira peça.
Serás sempre uma pétala.
Nunca serás uma flor.

Ana Borges

Cebola Irmã gémea do alho

Cebola é o nome popular da planta cujo nome científico é *Allium cepa*. É muito utilizada na culinária e considerada a base de todos os temperos, mas a sua utilização não se limita unicamente a esse fim. É um alimento com diversas propriedades medicinais, tanto crua como depois de cozinhada. A cebola é a irmã gémea do alho atendendo à diversidade de benefícios que estas duas plantas trazem à saúde.



Conhecida desde a antiguidade, pois era consumida por gregos, romanos, egípcios e persas, é considerada um dos remédios mais antigos da civilização. Os romanos usavam-na na sua culinária e esculpam-na em ouro pois acreditavam que simbolizava a eternidade.

Os gregos acreditavam nas suas qualidades medicinais e ficou famosa por fortalecer o sangue e as suas propriedades. Os atletas bebiam o seu sumo e esfregavam cebolas nos músculos antes das competições.

Proveniente da Ásia Ocidental, a cebola é também muito comum na Europa e América. Durante a Idade Média, as cebolas já eram consumidas por toda a Europa. Acreditava-se que as cebolas protegiam contra os maus espíritos e a praga (peste bubónica), provavelmente por causa de seu forte odor.

A tintura da casca da cebola foi usada, durante muito tempo no Oriente Médio e na Europa para colorir cascas de ovos e tingir tecidos. É própria a uso para colorir "ovos de Páscoa". Coloco uma ou duas folhas de plantas por cima da casca dos ovos crus, e ponho-os, de seguida, dentro de uma meia de vidro, separando-os individualmente com nós bem apertados na meia, para que as folhas fiquem bem esticadas e aderentes à casca do ovo. Depois é só cozê-los numa panela com água e bastante casca de cebola. O efeito é muito bonito porque as folhas ficam "esculpadas" na casca do ovo. A folha de salsa, por ser recortada dá um efeito maravilhoso!

São muitas as propriedades medicinais desta planta: é útil contra cólicas, mau hálito, catarro e dores nos pés. Os extratos de cebola são reconhecidos por proporcionarem alívio no tratamento de tosses e resfriados, asma e bronquite. Esta planta é utilizada, ainda, nas dificuldades em urinar e na precaução de trombozes.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) aconselha o uso de cebola para o tratamento da falta de apetite e para prevenir a aterosclerose.

As cebolas são uma rica fonte de oligossacáridos hidratados de carbono que estimulam o crescimento de bifidobactérias saudáveis e suprimem o crescimento de bactérias potencialmente nocivas no cólon do intestino. Além disso, podem reduzir o risco de desenvolver tumores no cólon.

Segundo um estudo da Universidade de Berna, na Suíça, o consumo frequente de cebola pode prevenir a osteoporose, doença que atinge um terço das mulheres após a menopausa. Este estudo aponta que um grama de cebola por dia pode evitar um processo chamado reabsorção, no qual o osso perde cálcio e torna-se frágil. Nos testes, os animais alimentados com cebola tiveram os ossos fortalecidos.

Já, de acordo com informações do *National Cancer Institute*, dos Estados Unidos, os homens que habitualmente consomem alho e cebola têm menor risco de desenvolver cancro da próstata, graças ao composto à base de sulfeto presente nos dois alimentos.

Por estes e outros benefícios, consuma este vegetal que é também um alimento rico em vitaminas e sais minerais.

Teresa Tábuas

Algarve Mediterrânico

No fim de mais um Verão que teima em continuar a banhos, e a fazer pensar nas idas às praias, acaba de ser lançado um novo livro que, sob o título "Algarve Mediterrânico"¹ nos desafia a mergulhar no melhor das nossas tradições alimentares do Sul do País e a compreender como Portugal se inclui nas regiões de dieta mediterrânica, com a chancela dos Patrimónios Mundiais Imateriais da UNESCO. Mesmo sem estar directamente banhado pelo Mar Mediterrânico, é no entanto inteiramente englobado de pleno direito nesse conceito, bem como grande parte do nosso país.

Se é uma sabedoria conhecermo-nos a nós próprios, porque não incluir na nossa identidade a reflexão no conhecimento do país em que nascemos e nos marca com as suas mais profundas características? Que marca mais persistente e envolvente do que a alimentação? Na sua abrangência e na sua autenticidade.

A aproveitar as épocas e a sazonalidade das colheitas. O Outono a encher-nos de frutos e produtos de reserva para o Inverno. Tempo de vindimas, castanhas, nozes, amêndoas, de tradicionalmente guardar recursos alimentares. Hoje as grandes superfícies esbatem-nos essa sensibilidade sazonal, tal com a luz artificial nos distrai do ciclo da luz do Sol no ritmo natural de cada dia.

Vamos transcrever a tradução do que consta no site da UNESCO relativamente ao conteúdo do conceito de base e que abrangeu Portugal.

A Dieta Mediterrânica
Inscrita em 2013 na Lista do Património cultural imaterial da Humanidade

Países: Chipre, Croácia, Espanha, Grécia, Itália, Marrocos, Portugal

Descrição: *A dieta mediterrânica implica um conjunto de modos de proceder, de conhecimentos, de rituais, de simbolismos e de tradições no que se refere às culturas, às colheitas, à pesca, à criação de gado, à conservação, à transformação, à cozedura e, muito especialmente ao modo de partilhar à mesa e de consumir os alimentos. Comer em conjunto constitui o fundamento da identidade e da continuidade culturais das comunidades da*

bacia mediterrânica... É um momento de trocas de carácter social e de comunicação, de afirmação e de refundação da identidade da família, do grupo ou da comunidade. A dieta mediterrânica coloca a sua tónica nos valores da hospitalidade, da boa vizinhança, *do diálogo intercultural e da criatividade sobre um modo de vida orientado pelo respeito pela diversidade. Desempenha um papel importante nos espaços culturais, nas festas e nas celebrações ao reunir as populações de todas as idades, classes e condições. Inclui o artesanato e a produção de objectos para o transporte, a conservação e o consumo de alimentos, nomeadamente os pratos em cerâmica e os vidros. As mulheres desempenham um papel essencial na transmissão do "saber fazer" e dos conhecimentos da dieta mediterrânica, na salvaguarda das técnicas, no respeito pelos ritmos sazonais, e nas indicações festivas do calendário, e na transmissão destes valores às novas gerações. De modo semelhante, os mercados desempenham um papel chave como espaços de cultura e de transmissão da dieta mediterrânica, na aprendizagem quotidiana da troca, do respeito mútuo e do acordo.*

De forma um pouco surpreendente constatamos que, no conceito de Dieta Mediterrânica, se ultrapassa de longe o que se come, mas se inclui o respeito pelas tradições que nos ligam à terra e às vivências de vizinhança, familiares e de respeito pelos costumes ancestrais do saber fazer, de perceber a linguagem das estações, do ritmo da Natureza e do valor dos alimentos que a terra nos dá.

Quanto à definição de zona mediterrânica é actualmente a que abrange os territórios onde se verifica o cultivo da oliveira: "Até onde chegam as oliveiras" (Braudel, 1966). E deste modo Portugal entra, por direito próprio, nas zonas de dieta mediterrânica.

O significado aqui da palavra *dieta* deve abranger o conceito da palavra grega donde deriva: *diata*, que significa "modo ou método de viver, governar".

O livro que referimos torna-se um repositório precioso de observações que, debruçadas mais particularmente sobre o Algarve, nos consciencializa sobre o valor alimentar do saber fazer e das tradições alimentares que trazem consigo uma

enorme sabedoria, que ultrapassa as fronteiras de uma região para serem um ponto de reflexão para o cuidar dos modos de cultivar, colher e cuidar da preparação das refeições em comum. Nas grandes cidades começam a aparecer fornecimentos directos do produtor ao consumidor com entregas a domicílio de produtos biológicos. Um pequeno apoio a quem está longe da terra arável que poderá fazer reflectir os que o podem fazer directamente.

O trigo, a oliveira e a vinha constituíram nestas zonas mediterrânicas de tal modo uma valorização económica e sociológica, a ponto de o pão, o vinho e o azeite entrarem em todas as refeições da família e nas principais cerimónias da liturgia cristã.²

Começa a verificar-se o apreço por produtos locais que quase estavam esquecidos e aos quais se reconhece agora grande valor como a cenoura roxa, a batata doce e todas as ervas aromáticas.

Os limoeiros, as laranjeiras, as figueiras e amendoeiras não são só apanágio do Algarve. O valor para a saúde dos citrinos e dos frutos secos cada vez mais é sublinhado, e quem tiver o privilégio de colher os frutos directamente da árvore não desperdice esse enorme benefício.

Aproveitemos este tempo de colheitas para apreciar fruta da época colhida e consumida no ponto de maturação certo, perfumada e deliciosa para o paladar, sem recurso a câmaras frigoríficas ou longas armazenagens.

O princípio do Outono representa o pleno do longo esforço de agricultura e finalmente de colheita. Tempo de castanhas e medronhos, de vindimas de Norte a Sul, saboreemos o que é nosso, no estado mais natural possível...

Uma consciencialização da nossa identidade alargada como povo, há muitos séculos a transmitir saberes e tradições. E o Algarve tem especificidades muito interessantes e postas a descoberto no livro que citei no início e sobre o qual o MEC (Miguel Esteves Cardoso) escreveu "Um livro completo, delicioso e sábio."

Temos muito a aprender uns com os outros com os pés bem assentes na terra cultivada. Bons sabores de Outono!

Outubro de 2015

M. J. Lobo

² Gomes Guerreiro, 1991, citado em "Algarve Mediterrânico", pg. 31.

¹ ALGARVE MEDITERRÂNICO TRADIÇÃO, PRODUTOS E COZINHAS, de Maria Manuel Valagão, Vasco Célio e Bertílio Gomes, Edições Tinta da China, Lisboa, 2015.

Peneda: Centenas em romaria cumprem tradição genuína da novena

Motivo de devoção e de tradição, de 31 de Agosto a 8 de Setembro o santuário da Peneda voltou a encher-se durante os dias de novena de N. Sra da Peneda.

A romaria naquele que é um dos principais templos religiosos da diocese de Viana do Castelo continua a marcar pela diferença nas celebrações, onde as cerimónias religiosas e o ajuntamento popular em torno de quem traz um instrumento para animar os

instrumentos musicais de cariz tradicional para ver e viver um pouco da mística da Peneda.

Mini-hídrica poderá trazer sustentabilidade energética e financeira

A braços com um ano "burocrático" devido ao projecto em curso, o comissariado da Peneda manifestou-se agradado com a presença dos devotos ao longo da novena e até do líder do executivo autárquico de Arcos de Valdevez. João Manuel Esteves, presidente da Câmara Municipal de Arcos

tenção de apoiar o comissariado, "que tem a tarefa difícil de viabilizar e de garantir a sustentabilidade de todo o empreendimento".

A autarquia arcuense quer ainda levar a efeito o reconhecimento de interesse municipal o projecto de aproveitamento hidroeléctrico da Peneda, uma estratégia de sustentabilidade energética que já não é pioneira na localidade, mas que desta vez pode ser determinante para o futuro do empreendimento e gerar energia para usar e vender.

Apoiando-se nas bases do processo de exploração da ener-



Desde o contacto com este processo "há cerca de dois meses", o autarca refere já ter havido conversações com a Agência Portuguesa do Ambiente (APA) e Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF) para que as "vicissitudes que a nova lei coloca" possam ser ultrapassadas e as obras de adaptação e correcto aproveitamento hidroeléctrico

beralizado de energia que existe na Península Ibérica", sublinha o autarca.

O reconhecimento de interesse municipal, solicitado em reunião de Câmara no dia 7 de Setembro, é uma das condições requisitadas pelo novo regulamento. "O PNPNG e o ICN colocam um conjunto de regras e uma delas dizia respeito ao reconhecimento do interesse



momentos mais descontraídos da novena são já imagem de marca. É por isso comum, sobretudo no fim-de-semana, o lugar da Freguesia de Gavieira receber visitantes um pouco de toda a região que, de carro ou a pé, tiveram a serra como destino.

De Melgaço e de Monção, alguns grupos trilharam pela montanha o percurso até ao santuário, o que tem estimulado o comissariado e a autarquia local a apostar na revitalização do edificado religioso e turístico, visando a subsistência económica daquele complexo nestas vertentes.

No fim-de-semana de 5 e 6 de Setembro, o recinto juntou várias centenas de devotos nos actos religiosos, mas também muitos outros visitantes rodearam os tocadores de concertina e de outros

de Valdevez, marcou presença na eucaristia, dando nota de uma maior presença e aproximação do município arcuense ao santuário mariano.

Acedendo ao convite endereçado pelo comissariado da Peneda, o edil sublinhou que a presença da autarquia naquela que é "uma das maiores romarias do Alto Minho" se alinha também com o tipo de apoio que o comissariado precisa para relançar os projectos de sustentabilidade do santuário. "Queremos reforçar a nossa atenção à Peneda pelo seu turismo religioso e de natureza e, no âmbito do plano de valorização do Parque Nacional [Peneda-Gerês] como Reserva da Biosfera, vemos que tipo de abordagem e divulgação poderemos fazer", indica o autarca, manifestando a in-

gia renovável criado em 1949, entretanto abandonado, o novo projecto compreende a construção de uma casa das máquinas, reabilitação do açude já existente e a colocação das condutas e respectivos acessórios, que gerará uma potência energética na ordem dos 250 kVA. Esta unidade de produção, associada ao Empreendimento Turístico da N.ª Sr.ª da Peneda, é apontada pelos promotores como importante mecanismo de sustentabilidade do santuário e empreendimento envolvente.

"É uma das primeiras grandes experiências de aproveitamento hídrico em Portugal", realça João Manuel Esteves, notando no entanto que o "conjunto de regras para poder funcionar" é hoje mais exigente do que foi há mais de cinquenta anos.

possa ser uma realidade a curto prazo.

"Aquela pequena unidade de produção de energia vai permitir abastecer o santuário, mas também vender no mercado li-

municipal do empreendimento. E foi isso que a Câmara fez. Estão criadas as condições para que as entidades todas possam aprovar", conclui.

João Martinho



Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos

919 988 184
964 877 598



www.clinicadeotorrino.com

Edif. Correios, 2º
4950 - Monção
251 652 756

Dr. J. Antonino Dias Gomes
Dra. Hebe Marília Zamagna
Médicos-Dentistas

Rua de Santiago, 51
4960-613 MELGAÇO
Telef. 00351 251 404 002
Telem. 00351 938 491 219
E-mail: antoninohebe@sapo.pt



Acidentes graves e condução com excesso de álcool marcam as ocorrências de Setembro

Uma colisão entre dois veículos ligeiros de passageiros na EN 202 em S.Paio, Melgaço, no dia 24 de Setembro, resultaria em dois feridos graves e um ligeiro. Ao sinistro, que terá ocorrido por volta das 13h30, acorreram os Bombeiros Voluntários de Melgaço, a GNR local, uma viatura de Suporte Imediato de Vida, o veículo desencarcerador e um veículo do INEM, que transportou as vítimas para o hospital de Viana do Castelo.

No dia 26, o reboque de um tractor agrícola, que transportava cerca de doze pessoas, virou-se, provocando dois feridos graves e sete feridos ligeiros. O acidente ocorreu numa estrada secundária da freguesia de Paderne.

Detido por conduzir com taxa de 2,57 g/l

No dia 22 de Setembro, pelas 23h30, a GNR de Melgaço deteve, por condução sob influência de álcool, um homem que apresentava uma taxa de álcool no sangue de 1,65 g/l. Ainda pela mesma infracção, no dia 28 de Setembro, as autoridades detiveram um indivíduo do sexo masculino que apresentava uma taxa de álcool no sangue de 2,57 g/l.

Recorde-se que a condução sob influência de álcool numa taxa superior a 1,2 g/l é considerada crime, condenável com pena de prisão até um ano ou multa até 120 dias e proibição de conduzir de três meses a três anos.

O SEGREDO E A CHAVE (6) D. Afonso III e Valença

Se Dom Sancho I foi o Rei mais luso-galaico, D. Afonso III foi Rei mais minhoto. De facto, sabe-se agora que D. Afonso III, embora tivesse nascido em Coimbra, veio de pequenino para Arcos de Valdevez para ser amamentado por Marinha Martins, cunhada de João Garcia, Chanceler-Mor do reino. Foi, aliás, este que sabendo D. Afonso II preocupado porque, sua mulher, D. Urraca, não tinha leite para amamentar o filho, lhe indicou a cunhada que acabara de dar-à-luz um menino. D. Afonso veio assim para Arcos de Valdevez, para a quinta de Vilarinho, em S. Salvador dos Arcos, que o Rei lhe coutou. E aí D. Afonso conhece, além de seu irmão colaço, Estêvão Eanes, que foi sempre o seu Chanceler-mor e homem de confiança, e seu irmão, o primo destes João Peres de Aboim, Pedro Martins Casevel, Pedro Martins Vilarinho, Rodrigo Pais de Valadares, Afonso Novais e Pedro Martins Vilarinho.¹ Esta convivalidade manteve-se com o tempo e levá-los-á, mais tarde, ao Conselho do Reino. De resto, em toda a importante documentação nos aparece os nomes de Estêvão Eanes e João Peres de Amorim.

Assim, quando, mais tarde, D. Afonso regressa ao reino, não admira o carinho que tem por estas terras, pois os seus ares agrestes e doces, tinham muitas vezes insuflado os seus jovens pulmões.

Sendo hora de reordenar a defesa da fronteira, ele começa logo por Valença² que por aquele então se chamava ainda Contrasta. E amuralha -a de uma forma completa com muros em toda a sua volta e três imponentes torres: uma a norte, outra a nascente e uma terceira a poente, esta a vigiar a longa veiga de Ganfeí, que, no séc. XV, se bem as analisarmos³, vemos que conservam ainda todas as características desse tempo. E, é claro, dota-a de

uma bela casa régia, ainda hoje existente, ainda que mutilada, tal como fizera seu avô, D. Sancho I, sendo que esta muito mais modesta.

Manda reconstruir a antiga igreja de Santo Estêvão e Santa Madalena que passa a ser designada por igreja de Santa Maria, o que foi, quanto a mim, uma forma de distanciar-se do poder do bispado de Tui que por estas terras se viajava como se fosse em terreno de própria coutada.

Depois na hora de dar-lhe Foral impõe a *Contrasta* o nome de Valença que era o nome de uma terra, também fronteira, no sul de França, onde estivera.⁴ Mas o interessante agora é que isto passa-se não em Agosto de 1262, mas em 1256, como muito bem se vê, confirmando por uma carta régia deste ano, doações por eles (Valença e Monzom) feitas, atribuí-lhes já esses nomes. (Chancelaria de D. Afonso III, Liv. I, fol. 19v.o, cfr. Henrique da gama Barros, História da Administração Pública em Portugal nos Séculos XII a XV, 2ª Edição dirigida por Torquato de Sousa Soares/Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Tomo II, Lisboa – Livraria Sá da Costa – Editora, pág. 39).

António Matos Reis tem uma explicação para isto. Diz ele que esta “mudança de nome não é um caso isolado na época, nem sequer no Alto Minho. (...) Regista-se, por parte do monarca, a intenção de deixar bem claro o seu poder sobre estes territórios e de afirmar que o novo estatuto correspondia a uma ruptura com o passado, isto é, com anteriores senhores ou poderes locais, como, pelo contrário o podiam denotar as velhas designações: couto de Mazedo (Monção), couto da Contrasta (Valença), couto da Vinha (Viana).⁵ Deu-se o caso que, depois de mandar povoar Valença, aliás, Contrasta, “man-

davi et feci popular”, e para fixar os povoadores, mandou distribuir por eles e “acoirelar” as herdades do termo e foi então aí que descobriu uma propriedade pertencente ao Convento de Fiães, que os monges se bom grado de prontificaram a trocá-la. Ora, conclui Matos Reis, foram tais acertos que fizeram com que o Foral precisasse de nova outorga “através da qual se chegou à sua versão definitiva”.⁶

Nas Inquirições de 1258, 1ª alçada, já se chama Valença a Contrasta: “Item, dixerunt que, quando elRei Don Sancio Iº deu a poblar esta vila de Contrasta, que agora chamam Valença” (Ibid., Inquit., I, pag. 565).

Portanto, para todos os efeitos, o primeiro Foral de Valença, foi concedido por Dom Afonso III em 1256. Recordo que o Foral de Monção, e segundo também António Matos Reis, tem duas versões: uma, a mais antiga, encontra-se no primeiro livro de registos da Chancelaria de D. Afonso III, e a outra consta de um pergaminho avulso, que contém o original da versão definitiva.

Alberto Pereira de Castro

NOTAS:

¹ Leontina Ventura, D. Afonso III, Coleção Reis de Portugal, Edição Círculo de Leitores, Março - Abril de 2006, páginas 41 e 42.

² Os trabalhos em Melgaço tiveram início apenas em 1263 Os trabalhos em Melgaço tiveram início apenas em 1263.

³ Desenhos de Duarte d'Armas.

⁴ Como, aliás, acontece com Monzom e Vian.

⁵ António Matos Reis, *OS CONCE-LHOS DA PRIMEIRA DINASTIA à luz dos forais e de outros documentos da Chancelaria Régia*, Porto, 2004, Tese de Doutoramento.

⁶ Id.

MOVEIS DO CASTELO

Ramiro de Lima A. Cerqueira

FACILIDADE DE PAGAMENTO
ATÉ 12 MESES

ESTOFOS
LINHAS DIREITAS – CLÁSSICOS
MACIÇOS – E AVULSO

Rua da Escola, n.º 20 | Rua da Calçada, n.º 92
Tels. 251 402 965 – 251 404 791 | VILA – MELGAÇO



Anselmo Malheiro e Rui Malheiro

MEDIADORES DE SEGUROS

RUA RIO PORTO, 215 | 4960-568 MELGAÇO
Tif 251 404 031 | Fax 251 404 039 | TIm 933 291 437

URB. QT.ª ANDORINHAS, 83 | 4950-855 MONÇÃO
Tif 251 653 224 | Fax 251 653 226 | TIm 935 267 109

E-mail: anselmo@seguros.webside.pt

**ANUNCIE
NESTE
JORNAL
DIVULGUE
O SEU
NEGÓCIO**

MEMÓRIAS (I)

O meu Avô João Braga

Falo de Melgaço nos anos 40 do séc. XX. Nasci na vila, num prédio sito no Largo Hermenegildo Solheiro, fazendo gaveto com a rua Dr. Afonso Costa – a “Pensão Braga”, propriedade de meus avós maternos, João Cândido de Carvalho e Carolina Augusta Gonçalves, e que era, por então, seguramente, o melhor estabelecimento do género. Tinha duas salas, uma, mais privada, no piso superior, e outra, porventura a principal, no rés-do-chão com piso de cimento, onde se situava a cozinha, ampla, aberta, em que sempre pontificaram grandes cozinheiras como, por exemplo, as Pitães, sob orientação de minha Avó. Era a sala normalmente utilizada pelas pessoas menos cerimoniosas, gente prática, que queria – e merecia – ser bem tratada. Nessa altura, não havia ainda estrada para Castro Laboreiro, pelo que, sobretudo os homens de negócios, ficavam de um dia para o outro.

Meu Avô tivera a profissão de carpinteiro, tomando depois contrato de obras importantes como a cobertura dos Paços do Concelho e do Pavilhão das águas do Peso. Minha Avó Carolina, filha de sapateiro e de Maria Bandeira, de Cerdal, nasceu em Galvão e tivera por padrinho de baptismo meu bisavô Gaspar Pereira de Castro, também ele valenciano, nascido na casa do Paço em S. Miguel de Fontoura, mas vivendo em Alderete (Casa da Lameira) em cuja igreja casou em 1853. Ambos começaram do nada, subindo a corda a pulso, como se diz. Ele na sua profissão e ela andando pelas feiras negociando em ovos e galinhas. Montaram uma pequena taberna na Calçada, sensivelmente no local onde mais tarde funcionou a Caixa de Crédito Mútuo, e dali partiram para a Pensão BRAGA, nome que não sei explicar.

Quero também dizer que o meu Avô era uma pessoa geral-

mente respeitada, homem de uma só cara e só parecer, amigo do seu amigo, dado à conciliação, facto que terá levado o Administrador do Concelho, Dr. João Durães, a nomeá-lo Regedor da Freguesia, embora por pirraça, contra a sua vontade, porque não havia coisa que ele menos desejasse. Mas como não podia recusar, não teve outro remédio...

As primeiras imagens que guardo desse tempo, as mais antigas, são a de me levar com ele para o Poço de S. Tiago, onde tinha uns bardos de vinha, e ali passava, provavelmente, parte do seu tempo. Trazia-me as cavalitadas e a sensação que tenho é o medo que a impressão das alturas me fazia... e que continuaria pela vida fora. Depois, ao chegar à Pensão, aproximava-se das escadas que davam para o andar superior, inclinava a cabeça, para um dos degraus e libertava-me... ou libertava-se. Outra imagem é a de quando ia comer à casa do senhor João Anti, certamente pela mão de António Nabeiro (a educação em pessoa, como, de resto, toda a família) que explorava um estabelecimento de Barbearia no edifício da Pensão. Para chegar à mesa punham-me sobre o tampo da cadeira uma maleta de madeira. À mesma mesa sentava-se provavelmente o Mâncio, filho mais novo, que andaria mais tarde comigo na velha escola Conde Ferreira da Vila, e de quem guardo as melhores recordações. Andam-me também na memória os movimentos da feira do gado que se realizavam em todo o Largo Hermenegildo Solheiro e dos aguadeiros com seus cortiços de manutenção de água fresca, feiras que mereceram a magnífica pincelada de Mário em “A Voz de Melgaço”: “... no amplo Campo da Feira Nova hoje Largo Hermenegildo Solheiro à sombra de frondosos plátanos e austrálias, se realizava a feira do gado que, pela

sua enorme concorrência, quase sempre transbordava para o largo fronteiriço à actual “Pensão Braga”, isto, claro, ainda quando o seu fundador João Cândido de Carvalho (João Braga), nem sequer sonhava construir aquele prédio”.¹ Vejo-me também com os meus dois a três anos a correr muito lampeiro de guardanapo na mão pela rua Dr. Afonso Costa acima a comprar um escudo de castanhas na ti Isabel Caçolas, dinheiro que me era dado pelos fregueses e do monumental estampanço que um dia tive num desses meus açudados trajectos. Foi o caso que ao passar em frente da porta do Lucas, vi que vinha em sentido contrário o carro dos Bombeiros – aquele que diz VIDA POR VIDA – e tomei-me de pânico espalhando-me no passeio...

Pouco tempo se terá passado. Meu Avô, que há muito sofria do estômago, haveria de falecer em Agosto de 1944, quando estávamos na praia em Âncora em veraneio com a Amândia, filha da Julieta, empregada da minha Avó (“Leta”, foi a primeira palavra que eu disse desde que vim ao mundo). De noite, senti um aperto muito forte de alguém que me abraçava e comecei a gritar, acorrendo, aflitas, a Amândia e a dona da casa. Eram cinco horas da manhã. A exacta hora em que o meu Avô entregava ao alma ao Criador. Sem dúvida, viera despedir-se de mim, facto que sempre me impressionou e muitas vezes recordei ao longo da minha vida, e que hoje compreendo melhor do que nunca, agora que também sou Avô e temo pelos meus netos, neste futuro sombrio que cada vez mais se adensa no horizonte...

Alberto Pereira de Castro

¹ Padre Júlio Vaz apresenta Mário, p. 24.

FLASHS DO CICLO

Ai Costa! Costa!

Em Democracia, quem se candidata a eleições, está habilitado, a vitória ou a derrota. Assim, há candidatos, que só apresentam candidatura, quando julgam que possuem condições, a cem por cento, para a vitória. Há outros que arriscam a ter vitória ou derrota e, há também, os que se candidatam com a certeza de que não ganham, mas tão somente para ganharem nome, ou por determinação do partido, como acontece no partido comunista.

Porém, os que se candidatam, julgando a vitória como favas contadas, podem sair enganados. É o que pode acontecer a António Costa, no dia 4. Efectivamente, as sondagens, que aparecem diariamente, mostram-lhe que a vitória está longe. O homem que não se conformava com vitória por pouquinho sabor, traindo o seu camarada Seguro, agora é ele que se encontra, nervoso e inseguro, visto sonhar com a morte política, no dia 5.

Efectivamente, quem conquistou o poder no partido, como ele fez, com uma atitude, por muitos considerada, desonesta e cruel, para com o seu camarada José Seguro originando a desunião do partido, mostra falta de categoria para a união do País, que tão necessária se torna. Costa diz ser ele, o único que dá estabilidade, justificando este argumento, por ter maior abrangência. Curioso este argumento. Com efeito, quem o diz não quer fazer quaisquer acordos com os partidos que estão no governo. Aliás, prometeu chumbar o Orçamento do Estado, caso seja derrotado nas eleições. É esta a sua democracia. Esqueceu-se que, durante os 6 anos do governo de Guterres (governo da tralha que conduziu Portugal ao Pântano, bem como os últimos 2 anos de Sócrates, que nos conduziu à bancarrota) foi essa que apelida de direita que validou sempre os orçamentos. Vingar-se nos orçamentos, é vingar-se do Estado. E isto, parece-me que foi o que, segundo as sondagens, fez com que o mito Costa, tido como o homem de raro talento, capaz de guindar o PS, mostrou claramente, falta de sentido de Estado e sobretudo incompetência. Não esquecer que costa foi nº 2 de ambos os governos, governos esses que arruinaram Portugal, estando-nos a sair caro. Costa bem procurou distanciar-se do passado, mas está inserido nesse passado, que ninguém deseja que volte a regressar. Na Alemanha, existe uma coligação entre o partido que venceu as eleições e o maior partido da oposição. O partido da oposição é da família política do PS Português e já é a 2ª legislatura que governam juntos. Porquê? – porque há sentido de Estado e há patriotismo pelo que o interesse nacional é posto à frente do partido, ao contrário do PS português, que sempre fez o contrário. Primeiro o clientelismo, depois o partido e por último a Pátria. Costa procura mostrar abertura aos ditos de esquerda. Mas é para enganar. Costa sabe muito bem que estes partidos são partidos do não e, na actual conjuntura, é mesmo impossível chegar a algum acordo. Nem o PC nem o Bloco aceitam um acordo ligado à Europa.

NOTA: Esta crónica foi feita antes das eleições, com os dados das sondagens que estão constantemente a aparecer. Julgo que estaremos livres do regresso da roubalheira, pelo que não veremos, para já, novamente o FMI.

Arménio Melo

VENDE-SE

JAZIGO TERREO EM PEDRA
E GRADEADO,
JUNTO À CAPELA DO CEMITÉRIO
DA VILA DE MELGAÇO

TEL. 914 593 574

VENDE-SE EM MELGAÇO

CASA COM TERRENO
QUE DÁ PARA CONSTRUÇÃO
NA RUA DA BARBOSA – VILA

TEL. 917 954 996

Um pouco mais de cuidado com a Alameda Inês Negra

É uma das salas de visita do nosso concelho, pelo que não ficam bem, entre outras, duas coisas: 3 bancos do jardim, levantados para as festas de Agosto, e agora encostados e fora do lugar; e o facto de a quase totalidade dos bancos estarem a precisar de uma urgente pintura, que não deve ficar assim tão cara.

O rigor do artesanato e muitas histórias para contar

Rosa Maria guarda os segredos dos teares de Melgaço



Rosa Maria Ribeiro percebe, à sua maneira, a situação dos refugiados que actualmente assolam à Europa. Também ela um dia fugiu de um país em guerra, ainda que entre um e outro êxodo distem quarenta anos e a Europa da altura estivesse (ainda) menos preparada para receber quem chegasse sem avisar.

Natural de Moçambique, em 1975, Rosa Maria Ribeiro viu-se obrigada a vir com os pais para Melgaço, terra que os vira nascer. Aí – e ainda o Centro de Artesanato que hoje abre diariamente era um sonho por inventar – depois de um período de desemprego, arranjar trabalho nas Termas do Peso. O trabalho, sazonal, acabaria por dar-lhe a ideia do artesanato: “As pessoas chegavam lá e queriam recordações de Melgaço, mas naquele tempo não havia”, recorda Rosa Maria.

A experiência para fazer trajes, bordar ou tear veio-lhe das horas de prática, do legado da mãe e do talento. O curso de Administração e Comércio, feito em Lourenço Marques, foi apenas o garante de um ‘canudo’, já que o de Belas Artes, tão almejado, “não era curso para uma menina”.

Ainda assim, o Centro de Artes – localizado no lugar de Cerdedo, Prado – não se fez sem uma vontade de fazer diferente. “Quando lancei a boneca dos trajes de Castro Laboreiro e a Inês Negra, foi certificada pela RTAM” (Região de Turismo do Alto Minho), organismo entretanto extinto, precedente da Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal na gestão da programação e promoção turística da região, refere Rosa Maria. Seguiram-se anos e anos de pesquisa e o rigor histórico foi-se transformando em arquivo que é uma cópia segura da história do artesanato melgacense. A unidade produtiva, onde guarda os trabalhos que foi fazendo ao longo do tempo, é um género de Torre do Tombo com cópias preservadas dos trabalhos que a cultura local foi transpondo para os mais diversos tecidos. “Tenho muito dossier para trabalhar e tenho muita coisa aqui dentro, todas estas peças tem história. Andamos a fazer pesquisas e reproduções certificadas, umas com cópias, outras com originais”, nota.

Há 18 anos, quando o sonho foi possível e criou o Centro de Artes onde agora expõe, tudo era diferente. Olhou para a casa de família, que estava à venda, e retomou-a, adaptando-a para um espaço digno de criação e venda de artesanato. “Meti-me nisto porque havia procura. Tinha

três postos efectivos, três teares a funcionar. A partir de 2000 começou a decair, até este ponto”, constata.

A crise, as cópias não certificadas, o desconhecimento do valor artístico das peças são alguns dos motivos da decadência de uma arte que hoje apenas tenta sobreviver. “Actualmente, só as pessoas que gostam, tem conhecimento, sabem avaliar o que é real e que podem, vem cá comprar”.

Hoje, não se pode atirar à geografia difícil do concelho, à localização do Centro de Artes fora do centro urbano da vila nem ao preço dos combustíveis a falta de movimento. “Quando comecei, as pessoas aderiam bastante, mesmo o turismo. Gostavam de vir aqui porque vinham a um espaço rural. Hoje já não sei se ajuda ou não, não há gente...”, refere a artesã.

“Estou decepcionada!”

Num momento em que a procura decresceu, a artesã lamenta que também os organismos locais estejam neste indicador. “Por vezes sou compreendida, outras vezes não. Gostava de ser sempre compreendida, porque esta é a minha profissão. Fiz entender às entidades que é disto que eu vivo e se não vendo, fecho”.

Contrapõe com exemplos de casos similares na aventura, mas com outra sorte no desfecho. “Tenho conhecimento de pessoas que também fizeram disto profissão e que têm apoio da autarquia e da Junta de Freguesia. Vão buscá-las para irem a todo o lado representar o concelho, ou a Freguesia. Eu aqui limito-me a fazer a Festa do Alvarinho, porque se sair daqui tenho de fechar o Centro. Fora isso, ainda tenho de pagar balúrdios e por vezes o retorno é pouco ou nenhum”.

À espera que o tempo se encarregue de fazer justiça às suas criações, pesquisas e rigor histórico, aguarda, resignada, que esse dia chegue. “Estou decepcionada. Neste momento, é o dia-a-dia. Tudo o que tenho está muito valorizado para mim. Agora só trabalho por encomendas, as

pesquisas acabaram, porque isso implica muito dinheiro”.

“Para incentivar este trabalho, dei formação de bordados e dessas formações ficaram pessoas que me pediram para continuar, durante dois dias por semana, para fazerem os serões e continuarem o trabalho que iniciaram na formação”, anuncia.

Agora em Outubro, o convívio volta a dar vida ao atelier. Começa às 20h, termina “quando quiserem”. “No inverno sabe sempre bem o cafezinho e a queimada, já que aqui em Prado somos conhecidos por ‘queima santos’”. O serão “polémico” promete juntar a perpetuação do artesanato com história com as tradições rituais desta zona do concelho. Assim se faça (e preserve) história.

João Martinho



ADEUS, PSD

Já é certo. A Unidade de Cuidados Continuados Integrados (UCCI) de Melgaço não abre em 2015.



Não se concretiza, assim, o compromisso assumido pelo Secretário Adjunto do Ministério da Saúde, Fernando Leal da Costa, a 29 de julho de 2014, em reunião realizada, em Lisboa, com Melgaço e os Melgacenses.

Apesar das muitas diligências que foram feitas, com vista à concretização da abertura da UCCI de Melgaço, todas resultaram, como já é sabido, infrutíferas, com claro prejuízo para o concelho e para a sua população.

O Governo teve o desplante de atirar ao "lixo" um investimento de um milhão e meio de euros, não dando qualquer utilidade ou função à UCCI de Melgaço, apesar desta estar pronta a funcionar, devidamente equipada, desde Setembro de 2012.

Hoje, podemos dizer, sem margem para dúvidas, que o Secretário de Estado não honrou a sua palavra e, conseqüentemente, o Governo não cumpriu.

Na sequência do referido compromisso, assumi, em reunião da Câmara Municipal de Melgaço, ocorrida a 10 de Setembro de 2014, a minha desfiliação de militante do PSD, caso o Governo não cumprisse o seu compromisso.

O Governo não cumpriu e eu já não sou militante do PSD. Contrariamente ao Governo, eu honro a minha palavra. Eu cumpro.

Continuarei, porém, a exercer as minhas funções de vereador na Câmara Municipal de Melgaço, na qualidade de vereador independente, respeitando assim, o compromisso assumido, em 2013, perante os Melgacenses.

Tal como os Melgacenses, não posso deixar de me sentir indignado com este Governo, além do mais, não só pela não abertura da Unidade de Cuidados Continuados, mas também pelo alargamento da produção do vinho alvarinho a toda a Região dos Vinhos Verdes. Como é óbvio, estas são duas decisões altamente lesivas dos interesses de Melgaço e da Sub-região Monção e Melgaço, com as quais não podemos compactuar.

Por um lado, o PSD nacional vergou-se perante os interesses económicos das grandes empresas e das regiões com peso eleitoral superior ao de Melgaço.

Por outro, o PSD distrital indiferente a estas questões, não ouviu os clamores dos Melgacenses. Sem causas, sem ética, sem escrúpulos e sem vergonha, o PSD distrital comportou-se com o mesmo espírito e a mesma orientação que caracteriza um qualquer clube de patifes.

Era expectável que o Governo defendesse, sempre, as regiões mais frágeis e assegurasse a promoção do desenvolvimento integrado e harmonioso do País. Neste caso, nem uma, nem outra coisa, aconteceu por incapacidade e por falta de vontade política.

Como diz o povo, na sua doura sabedoria, "quem não se sente, não é filho de boa gente", mas os Melgacenses são boa gente e, naturalmente, mostrarão o seu sentimento de indignação, no próximo acto eleitoral, de 4 de Outubro.

Em Democracia, o voto é a arma do povo e eu, pela minha parte, usá-la-ei, votando em branco, simbolicamente a cor do adeus.

Manuel Fernandes
Vereador da CMMelgaço

N.R.: Compreendemos o desalento do Dr. Manuel Fernandes, mas achamos que é dentro das instituições que se podem fazer vingar as nossas ideias. Em Melgaço, há respostas sociais a mais para cuidados continuados. Eiró, Unidade da Santa Casa da Misericórdia, que abriu há poucos meses, tem ainda bastantes vagas por preencher.

Albertina Fernandes romanceia "homenagem ao emigrante português" Retrato das dificuldades da emigração para França em "Eu Vou Com As Aves"

Num momento de abundante criatividade literária – que extravasa até para a efémera estante das redes sociais – é quando está de "bem com o dia-a-dia" que Albertina Fernandes traduz o talento em texto.

Natural de Arcos de Valdevez, casada com um melgacense, o que a traz não raras vezes a terras de Inês Negra, a professora do ensino Secundário, licenciada em Filologia Românica, Mestre em Língua e Literatura Francesas e em Educação Artística, decidiu um dia transpor para o papel as histórias que contava aos netos.

Hoje tem mais de uma dezena de livros publicados, onde se contam obras para o público infanto-juvenil, mas também para o público mais adulto e atento à literatura do século XX.

Em 2015 lançou o seu segundo romance, o terceiro livro do universo da ficção para adultos, já que o primeiro livro, "Brumas" (2011) é uma colectânea de contos.

Entre "Brumas" e "Eu Vou Com as Aves" (2015), há "Esperança" (2013) e uma série de ensaios, de que é pertinente destacar "Gritos de Pedra", antologia poética do arcuense Nurmi Rocha, que Albertina Fernandes seleccionou, e ainda "Tomaz de Figueiredo – Ensaio Crítico-Biográfico" (2013), um documento chave no entendimento da vida e obra do singular escritor arcuense.

Na escrita ficcionada para os netos (os seus e os de todo o mundo, aonde consiga chegar), Albertina Fernandes esclarece prontamente que nas suas histórias não há tempo para dragões e até as tão sugestivas bruxas são relegadas da trama, dando lugar a pessoas comuns e com uma lição para dar.

"Tinha sempre muitas histórias na cabeça para contar aos meus netos, mas eram histórias que nasciam naquele momento e morriam ali, ou na próxima vez eram adulteradas. As crianças não gostavam, queriam ser fiéis à primeira versão e então passei a escrevê-las. Ao fim de umas trinta histórias, pensei que, se eram úteis aos meus netos, poderiam ser úteis a outras crianças", resume a autora.

Um dia, descobriu Tomaz de Figueiredo, nos livros. "Eu não sabia nada de Tomaz de Figueiredo sem ser nos pequenos textos das antolo-

gias. É uma literatura que não é fácil, mas eu adorava a escrita dele", nota. Assolapou-se na escrita do reputado arcuense. Já antes o mesmo acontecera com outro conhecido da grande praça literária. "Aconteceu-me o mesmo com o Lobo Antunes. O primeiro livro que li dele foi "Os Cus de Judas". Estava de férias em Caminha, espreito lá para um escaparate e o título chamou-me a atenção, porque nem conhecia a expressão. Parti para a leitura e quando gosto, compro tudo", revela.

Não sabe bem o que tinha quando começou, mas quiçá fruto da sua experiência na docência ou da experiência de vida, havia um baú de memórias pronto a ser dissecado em livro. "Às vezes pergunto-me onde é que tinha este manancial de coisas. Eu penso que se deve à vivência que a idade nos traz. Fui capitalizando experiências que depois vão saindo, transformadas em literatura".

Com o Minho e a sua terra como linha orientadora das suas incursões literárias, no seu último romance "Eu Vou Com As Aves", vai mais longe. De Arcos de Valdevez, de onde o protagonista da história ficcionada e a autora são naturais, o aventureiro parte para Lisboa e daí para França. Até lá, um poço de encrencas: As viagens "a salto", os 'bidonville', a árdua tarefa de vingar na vida e realizar sonhos.

Cada romance é, mais do que uma ficção em torno de uma personagem que pode ou não ter em si partículas da experiência de vida da autora, um rol de pesquisas que nos colocam no rumo certo da História. Um zelo que, assume, também já lhe tem merecido críticas. "Há quem me acuse de este [Eu Vou Com As Aves] ser um livro com partes bastante pedagógicas, mas é também um trabalho de investigação", nota.

Mas o "excesso de saber" que coloca nas personagens dos seus livros não é epidémico às editoras que os publicam. A escritora manifesta-se "decepcionada" com a máquina promocional das editoras, que considera só apoiarem o autor "até ao dia do lançamento".

Talvez por isso tenha perdido oportunidades de ouro. "Tenho muito pudor em falar de mim e das coisas que escrevo. Não peço a ninguém, não tenho jeito nenhum para



promover", assume.

Ainda assim, a obra acaba por fazer parte do caminho que merece. A 24 de Outubro, o livro "Eu Vou Com As Aves" vai ser apresentado em Paris, "um grande passo" no roteiro comum das editoras ausentes. O livro "é uma homenagem ao emigrante português", indica a autora. "Não é o emigrante vulgar, que vai analfabeto, mas é um emigrante que singra noutras áreas e que não nega as suas raízes", esclarece.

Situado nos anos 60, a obra acompanha o percurso de Tiago desde a terra natal até Paris, em busca de um futuro próspero que os anos de ditadura não deixavam adivinhar. Os 'bidonville' e as oportunidades da "cidade-luz" pontuam de realidade, por vezes dura, de quem partia.

José Terra, poeta, filólogo, historiador, ensaísta e professor até à jubilação na Universidade Sorbonne - Paris III (falecido no início de 2014, sem ver a obra finalizada), foi um dos "pilares" na construção deste romance, onde Albertina Fernandes se inspirou para construir uma cidade parisiense à altura dos acontecimentos, não muito iluminada para os emigrantes portugueses.

O divulgador da cultura lusófona em França figura na ficção de um livro onde até Tiago, ficcionado, não é mais do que retalhos da vida de um arcuense bem real. O que, no fundo, podia ser a história de um qualquer emigrante que, astuto, se realiza no papel da procura de uma vida melhor. "É uma lição de vida positiva. Tem um final feliz, embora o protagonista acabe a dizer: "Boa noite. Não voltarei a voar com as aves", [por essa altura] já é um homem maduro, realizado", sublinha Albertina Fernandes.

João Martinho

O Zeca Sai de Cena

Morreu já? Vive? Se vive, onde decorrerá a sua velhice? E será ela mais tranquila do que foram a infância e a adolescência? Filho mais novo de um casal com posses para os padrões daquele tempo e da terra, quis a irmã, quiseram os pais que fosse estudar. Como os primos. Não era menos do que eles. Já que a Rosa ficara para trás, fosse o Zeca médico, advogado, engenheiro. O que quisesse, meios não lhe faltariam, bastava que a cabeça correspondesse às aspirações da família.

A Rosa teve a pouca sorte de enveredar por um caminho que não desejava e depois de lá pôr o pé não haveria retorno. Um pequeno rumor bastava para, sem se dar por isso, ver o nome na lama. Era a desdita de qualquer rapariga. Muitas ficavam com um filho nos braços, passavam a dedicar-lhes a vida, ficavam na casa da família, se os irmãos tivessem casa própria, acabando os dias no canto onde tinham nascido, cuidando dos velhos. Podiam até ganhar o respeito do povo, desde que se resguardassem e vivessem como viúvas, afastadas do mundo.

A Rosa fez vinte anos, vinte e dois e quando chegou aos vinte e cinco já era uma mulher amarga, inconsolada com o destino que lhe estava reservado, ciente de que os pretendentes não passariam por ali. Ou, se passassem, não seria para ficar, antes para se aproveitar mais uma vez, como o primeiro. Devia o azedume ao peso dos anos ou ao facto de o fruto que tinha provado lhe escapar e a natureza estar sempre a lembrar-lho? Ficar para tia não era escolha, era castigo, ainda por cima dos filhos de um irmão, quem garantia que eram dele e não de outro qualquer? Pensava como a sogra que nunca seria.

O isolamento e o excesso de trabalho para fazer rodar a economia familiar, era ela que

tudo controlava, começaram a saturar a rapariga, nem ela era de ferro. Progressivamente o azedume que ressentia contra si mesma foi-se estendendo aos outros membros da família próxima. O Zeca, o estudante exemplar, voltava para férias e encontrava mil

e uma tarefas à sua espera, não tinha um momento de descanso. Ao contrário de outros da sua condição, os horários eram rigorosos, à hora a que os seus colegas se levantavam já ele tinha o corpo exausto, já se tinha banhado em suor, já procurara uma sombra protetora para fugir ao sol abrasador do pino do verão. Exigia-se-lhe que andasse a par de homens feitos e afeitos à dureza dos trabalhos sazonais, mesmo se o corpo era franzino e pouca a experiência. Também não tinha direito a saídas, passatempos ou gestão do pouco tempo livre que lhe sobrava. A Rosa estava sempre a lembrar-lhe como se sacrificavam todos por ele, os livros não eram para as férias, aquela era uma casa de trabalho, não de senhoritos, e a luz custava dinheiro. Calar-se era mais fácil do que fazer-lhe frente. Pai e mãe e irmão, todos se submetiam ao diktat da Rosa. Para levar a vida com alguma paz todos engoliam os sapos que ela lhes servia. De bandeja.

Após vários verões a trabalhar como um escravo, submetido ao "quero, posso e mando" da irmã, o Zeca começou a pensar na sua vida. Longe do olhar controlador da irmã, começou a descurar a frequência das aulas, a sair à noite, a fazer as coisas que todos os seus colegas faziam, os luxos, desperdícios, poucas vergonhas de que a Rosa o queria



longe, quando ganhasse o seu dinheiro seria livre de fazer o que entendesse. Chegou o chumbo no quinto ano e com ele o princípio do fim da tirania. Caiu o Carmo e a Trindade na casa do Penedo, mas apenas porque a Rosa tomou a si as recriminações que os pais não entendiam, tantos bons alunos chegam ao quinto e empancam, eram mais os que apanhavam uma "raposa" no quinto do que os que se safavam à primeira. Não pactuava com calaceiros, pelo que as hostilidades se acentuaram, dando o Zeca o seu melhor para aguentar os três meses de inferno que eram as férias de verão.

Não concluiu o liceu e fez-se ao mundo, sem querer saber do investimento perdido, sem ouvir ninguém nem dar satisfações. Para a França, como muitos da sua idade, que não da sua igualha. Não procurou a segurança de conhecidos, o conhecimento da língua abria-lhe horizontes que os vizinhos pouco letrados não tinham. Desapareceu no anonimato da grande urbe, sem dar sinal de si, permitindo todas as suposições. Um ano, dois se passaram e a mãe queixosa, a amargar a saudade do fruto do seu ventre, partilhando com estranhos a dor de não saber do seu Zeca, com a filha não se atrevia. A quem a inquiria a Rosa falava com desdém da falta de informações sobre o paradeiro do irmão, um mal-agrado, ovelha ronha que cuspiam na mão que lhe dera de comer. Até que começou a correr que o rapaz se alistara na legião estrangeira. Para ganhar outra identidade, para cortar de vez com um berço que repudiava, que o fazia sentir-se enfeitado. A instituição tinha dever de reserva para com os seus filiados, não confirmava nem desmentia a passagem do Zeca para as suas hostes. Longe da vista, longe do coração, foi a conclusão da irmã.

Olinda Carvalho

Castro Laboreiro voltará a ter caixa multibanco já em Outubro



A partir de Outubro, Castro Laboreiro poderá contar com uma caixa multibanco para levantamento de dinheiro, colmatando assim uma das lacunas daquela freguesia melgacense que, pela oferta turística e de consumo existente, vinha constringendo os visitantes menos prevenidos.

A data prevista para a entrada em funcionamento deste equipamento é avançada por Paulo Azevedo, um dos empresários com unidades hoteleiras, de restauração e de animação turística no centro daquela freguesia de montanha, e impulsor desta pretensão popular. "Como empresa privada que tem alguns negócios na zona de montanha, sentimos essa necessidade. Posso dizer que já tive clientes que foram a alguns sítios fazer refeições e que tiveram de vir ao parque de campismo [em Lamas de Mouro] pagar, para nós darmos o dinheiro a essas pessoas".

"É muito complicado, quando chega um turista, ter que alertar para duas situações: a rede muito limitada, e com algumas redes até pode esquecer, e a inexistência de multibanco", lamenta Paulo Azevedo, que não considera justo encaminhar os turistas para o centro do concelho "só para levantar dinheiro". "Temos uma oferta considerável, em termos de restauração e actividades. Só naquela zona existem três empresas de animação e quando temos dois hotéis e três ou quatro restaurantes, já há uma oferta bastante grande. Não haver um multibanco nas imediações era uma falha".

"Esta questão deveria ter preocupado outras entidades mas nós, como quaisquer outros privados, achamos que tínhamos condições para tentar junto dos bancos, para que colocassem um multibanco", observa Paulo Azevedo. A proposta lançada aos bancos da praça melgacense para colocação de uma caixa num espaço libertado para o efeito colheu parecer positivo da Caixa de Crédito Agrícola, após análises ao espaço e condições de segurança.

"Agradecemos ao [banco] Crédito Agrícola, ao senhor José Augusto e ao Dr. Correia da Silva, que foram as duas pessoas que mais trabalharam nisto. Com o esforço deles e insistência nossa, chegamos a bom porto e estamos à espera que seja colocado".

O processo implicou diversas análises ao espaço e alguns ajustes inerentes à segurança, mas após obras de reforço da segurança e adaptação, a caixa ATM poderá ser a "máquina" que faltava no quotidiano dos castrejos e daqueles que por ali passa esporadicamente. "Temos um contrato de três anos, portanto, nos próximos três anos pelo menos vamos assegurar que Castro Laboreiro tenha multibanco" conclui o empresário castrejo.

João Martinho

ARTES Centro de Artesanato

Tecelagem – Bordados – Bonecas Regionais

ARTES DOCES – Doces Tradicionais



Carta n.º 110 088

TECELAGEM
CONFECÇÃO E BORDADOS
D.L. n.º 110/2002, de 16 de Abril
PORTUGAL

Rosa Maria Ribeiro
Cerdedo – Prado
4960-320 Melgaço
Tel.: 251 402 133
artes_rosamaria@hotmail.com

Padres melgacenses reflectem sobre o catolicismo da população de hoje

"Não podemos infantilizar as eucaristias, é algo demasiado sério"

Nunca como hoje a ciência e a religião se confrontaram tantas vezes no campo das respostas às eternas questões que a condição humana coloca. Quem somos, de onde viemos, para onde vamos são interrogações que no domínio religioso ganham nuances etéreas. Já a ciência, que analisa a matéria, não traduz daí qualquer mistério, sobretudo no destino desta: o organismo morto desintegra-se, consumido por bactérias.

No campo da fé cristã, quisesemos entender como novos padres olham para o seu "rebanho" e a sua Igreja – neste caso, a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) – com base na sua experiência enquanto párocos nas mais diversas paróquias e celebrações.

O melgacense José Caldas, Reitor do Pontifício Colegio Português em Roma e Monseñor – Capelão de Sua Santidade, nomeado em 2014 pelo Papa Francisco, transparece da sua vivência em Roma uma "esperança" renovada para o caminho da fé. "Sou um optimista por natureza. O Papa Francisco veio trazer uma "Primavera" à Igreja e ainda há muita gente que está presa no gelo do Inverno, no frio, que precisava de despertar", observa.

As recepções apoteóticas que o Papa de origem argentina tem recebido no seu périplo um pouco por todo o mundo não surpreendem o padre que já privou com esta figura consensual da ICAR. "a vertente humana, a maneira simples como fala, faz-nos lembrar Jesus de Nazaré. É um pastor entre as ovelhas que nos desperta", realça José Caldas, considerando o sucessor de Bento XVI um exemplo para todos, inclusive para os padres de hoje. "Precisamos de nos converter a Jesus e estarmos próximos de todos em todos os momentos, todos os dias do ano. É isto que vale a pena, senão andamos a fazer as coisinhas de funcionário e não de padres".

O jeito simples do Papa Francisco, que rompeu com as con-



Vasco Candas

venções instaladas em torno da figura maior da igreja católica, caiu com surpresa junto de todos. "Impressionou-me desde o primeiro dia em que apareceu na praça de S. Pedro. No dia da eleição dele, eu estava na praça, e impressionou-me quando ele disse "Eu quero que vocês rezem por mim, eu peço-vos que rezem por mim". Ele sente-se pequeno se não for com os outros".

As memórias de um Papa atento atravessam vários momentos do padre de Melgaço, que já teve a oportunidade de celebrar missa junto de Jorge Bergoglio. "Celebrei com ele a primeira vez a 13 de Maio de 2013 e em Junho voltei a celebrar. Como da primeira vez lhe tinha falado da minha avozinha, nessa segunda vez ele perguntou-me: "Então, a tua avó?" Ele lembrava-se de mim, e da conversa sobre a minha avozinha! É extraordinário, porque para ele contam as pessoas, não as multidões. Conta a pessoa que está à frente", considera o padre José Caldas, recordando.

No entanto, que missão terá a ICAR junto dos jovens, ou como mostrar-se construtora de ideologia integracionista junto dos mais novos? Para Tiago Rodrigues, jovem padre de 27 anos, natural de Melgaço e pároco de Serreleis (Viana do Castelo) desde Agosto de 2014, a questão dos mais jovens poderia ser alavancada "investindo numa pastoral vocacional no arceprelado".

O decréscimo da população jovem no distrito e da orientação paterna para a religião poderão ser sinais menos positivos, mas



Tiago

o pároco considera que é tempo de pensar que tipo de fiéis a igreja pretende nas celebrações religiosas. "Hoje, como os pais não tem a responsabilidade tão vinculada na educação dos filhos na fé, é também mais difícil para os sacerdotes congregarem a juventude à volta da igreja. Cativar os jovens não é fácil. Muitas vezes cativam-se por mero activismo, só por fazer as coisas, isto ou aquilo. Pode ser uma forma, mas chegamos a certo ponto e pensamos: Será que eles estão presos por aquilo que fazem ou presos a Cristo, que deve ser o principal motivo?".

Para o padre de Serreleis não é o número de jovens presentes que deve orientar a acção da igreja, mas transmitir uma mensagem coerente aos que marcam presença em todos os momentos. "Na pastoral juvenil não podemos partir do princípio que temos de os ter todos, tem é que haver uma transmissão de fé coerente. Não podemos tê-los por mero activismo e quando realmente faz falta, as pessoas desaparecem".

Em conclusão – e hoje como ontem – a igreja remete para os pais, com quem se propõe colaborar nesta tarefa, o ensino "sério" e a sério da religião aos mais novos e não através das ligeiras e modernizadas eucaristias que poderão, segundo o padre Tiago Rodrigues, desvirtuar o propósito da ICAR. "Não podemos infantilizar demasiado as eucaristias ou a nossa liturgia para cativar, estamos a infantilizar algo que é demasiado sério".

João Martinho

58.º Artigo

Biodiversidade agrícola e as nossas sementes

Nos últimos 30 anos, a agricultura intensiva cresceu muito com os melhoramentos tecnológicos, a uniformização das variedades, o uso de fatores de produção químicos sintéticos e com a maximização do uso de recursos biológicos. Este crescimento conduziu a uma perda da biodiversidade agrícola em todo o mundo, na ordem dos 75% (estudo da FAO em 1984).

A homogeneização genética das variedades aumenta a vulnerabilidade a pragas e a doenças, o que pode destruir uma cultura, especialmente em grandes plantações. A história tem demonstrado que há grandes perdas económicas quando se conta apenas com uma variedade uniforme. Exemplos disso foram a devastação das vinhas, no séc. XIX, pela filoxera, e a fome da batata na Irlanda do séc. XIX, provocado pela doença do míldio.

Também se demonstrou um sério declínio dos organismos benéficos do solo, que têm sofrido com os fertilizantes químicos e a uniformização das espécies, tornando as culturas mais suscetíveis a problemas fitossanitários. Estas perdas, juntamente com uma diminuição da biodiversidade agrícola, aumentam os riscos de segurança alimentar e tornam o sistema agrícola mais frágil, sem respostas sustentáveis face às alterações climáticas.

As respostas sustentáveis podem passar pelo seguinte:

- Adoção de práticas de agricultura biológica (AB), que promovem a conservação e o aumento da biodiversidade, com uso sustentável dos recursos. A base da AB é o solo, a sua fertilidade e o ecossistema envolvente. Alimenta-se o solo, que alimentará a planta com técnicas como a compostagem, os adubos verdes, as consociações e rotações das culturas e o uso complementar de fatores de produção de origem natural. Privilegia as variedades regionais e raças autóctones e a proteção fitossanitária é encarada numa forma preventiva, mais do que curativa, não sendo autorizados produtos de síntese química. Incrementa-se a limitação natural através da valorização da atividade dos insetos auxiliares com auxílio de medidas culturais preventivas (variedades mais resistentes, solarização, armadilhas, sebes vivas).
- Proteção dos direitos dos agricultores e dos povos locais. Em março deste ano o Parlamento Europeu chumbou a proposta da nova lei de sementes (proposta que iria anular por completo a livre produção, troca e venda de sementes entre agricultores). Esta foi a proposta de lei que gerou mais contestação, pois é contra todos os princípios da biodiversidade agrícola. Para travar o desaparecimento das variedades genéticas agrícolas foi lançada a campanha intitulada "Pelos Sementes Livres".
- Criação de uma política ambiental de suporte justa, que inclua a diminuição dos incentivos para as variedades uniformizadas a par da implementação de políticas que preservem os recursos genéticos;
- Incorporação dos conhecimentos, práticas e experiências dos agricultores locais que são vantajosas para a biodiversidade agrícola e para uma agricultura sustentável. Nestes esforços, a participação das mulheres tem trazido benefícios significativos, pois como responsáveis da biodiversidade nos sistemas de agricultura familiar e de subsistência em muitas áreas no mundo, estas têm um importante papel na pesquisa, desenvolvimento e conservação da biodiversidade agrícola.

As variedades que empreenderam uma longa viagem ao longo de inúmeras gerações até chegarem até nós, foram cuidadosamente criadas e acompanhadas, por vezes com grandes sacrifícios, pelos nossos antepassados. São a nossa herança mais preciosa, elas são a vida em forma de semente. Cabe-nos dar continuidade a essa herança, semeando estas variedades, podendo assim ser vistos com orgulho por aqueles que nos antecederam, e também pelas gerações vindouras.

No Ano Internacional da Agricultura Familiar (AIAF), tem de se chamar a atenção para as sementes regionais e o seu papel essencial na manutenção da agricultura familiar e dos pequenos agricultores, que estão na base da erradicação da fome e pobreza, na provisão de segurança alimentar e nutricional contribuindo para o desenvolvimento sustentável, particularmente nas áreas rurais.

Ana Cristina Costa
Em co-autoria com Natália Costa

Vindimas

Mais álcool e boa acidez nos Alvarinhos de 2015

O ano de 2015 corrigiu alguns excessos (de chuva) do ano 2014 e apresentou-se com um Verão em pleno. Por extensão, na sub-região e em Melgaço em particular, as uvas de 2015 são também mais quentes, de teor alcoólico ligeiramente superior a 2014. Os produtores, que vinham assentando a estratégia nas potencialidades aromáticas dos monovarietais, fruto das temperaturas moderadas no período de maturação, viram o teor alcoólico subir, mas sem comprometer a acidez.

A chuva que veio amenizar o calor de Setembro obrigou algumas vindimas a remarcar dias de colheita. No caso das quintas de produção e engarrafamento próprio, como a quinta Reguengo de Melgaço, que visitamos, o interregno de uma semana permitiu fazer a colheita em dia solarengo e quente. A uva, caprichou. “Está nos 13 graus, mais ao menos, e não queremos mais. É um mosto excelente. No final, a colheita ficará entre os 12,5 e os 13, o que ainda nos dá um vinho aromático e equilibrado”, observava José Luís Domingues. Cerca de quarenta pessoas, no maior dia de vindimas, contribuem para levar a efeito uma produção na ordem dos 45 mil litros da quinta Reguengo de Melgaço.

“Foi uma colheita interessante, que promete e dará para fazer coisas boas. Os aromas mantêm-se na média dos anos anteriores, a acidez é a ideal”, nota por sua vez Paulo Rodrigues, da Quinta do Regueiro, que dá nota de um aumento de produção superior a vinte por cento em relação a 2014. O volume produtivo é aqui mais expressivo, com uma média de 65 mil litros de Alvarinho e 40 mil de Trajadura.

Mais acima, já na zona de encosta do Cerdedo, Luís Vergara Vaz traça um “dos melhores anos” para a colheita de 2015. O teor alcoólico, “ligeiramente acima dos 13 graus”, não desequilibra as características habituais dos vinhos da Casa do Cerdedo. Por outro lado reafirma, segundo



o produtor, “a capacidade de um vinho que não é só para o Verão e para mariscos, é um vinho para todo o ano e que acompanha qualquer prato”, assegura. “Esperemos que evolua bem”, conclui.

Com um bom ano de uva nas vinhas de Loureiro, o Ponte de Lima não quer plantar Alvarinho. Amâncio Cerqueira, engenheiro, professor e director da Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Ponte de Lima (EPADRPL), traçava para os Loureiro, Arinto e Vinhão um bom ano de colheita.

A instituição sediada em Ponte de Lima é também uma expressiva produtora de vinhos das castas mais emblemáticas daquele concelho do Vale do Lima, das quais a casta Loureiro é a mais representativa. É por isso taxativa a resposta do director daquela escola quando perguntamos se Ponte de Lima, poderia produzir Alvarinho com qualidade. “Claramente não. Há zonas muito bem definidas em que as castas atingem de facto o

seu desenvolvimento exponencial e o Alvarinho em Ponte de Lima não será uma delas”, considerava, deixando até uma mensagem aos eventuais experimentadores da região.

“A escola, enquanto eu for director, não enveredará pelo Alvarinho, ou castas exóticas, como andam a ser introduzidas, que nem sequer são nacionais, porque acho que neste momento já temos conhecimento daquilo que melhor se dá aqui na nossa região. Interessa-me fazer muito bem Vinhão, muito bem Loureiro, ou Arinto misturando com Loureiro, mas não me interessa ter uma casta que está num nicho muito bem definido e em que nessa região ela atinge as particularidades para mim mais interessantes”, sublinha Amâncio Cerqueira.

O investimento e plantação da casta Alvarinho fora do seu contexto tradicional não representa, para o director da EPADRPL, grande atractivo. A valorização das características naturais da videira está associada à influência das condições edafoclimáticas da sub-região, como sublinha.

“Um monovarietal de Alvarinho, para quem o fizer fora da [sub]região, não será um bom investimento, porque tenho a certeza que Monção e Melgaço vão estar sempre um bocado à frente, mais não seja em termos de notoriedade. Por isso, esse não será o meu caminho e acho que não deve ser o dos produtores. Há que procurar a diferenciação em cada uma das regiões, aquilo que se conhece. Pode fazer-se alguma investigação à volta de outras castas, mas em termos produtivos, temos de apontar no caminho que está certo, naquilo que já conhecemos como um padrão de qualidade superior”.

João Martinho

RESTAURANTE “O Adérito”

Adérito Pires da Costa

ESPECIALIDADES:
Bacalhau à Casa
Cabrito Assado no Forno • Cozido à Portuguesa
Lampreia na época ou por encomenda

ALMOÇOS, JANTARES E BANQUETES
SERVIÇO DE CASAMENTOS, BAPTIZADOS E COMUNHÕES
SALA C/ CAPACIDADE PARA 300 PESSOAS

MONTE DO POMBAL • 4960-330 MELGAÇO
Tel.: 251 404 412 • Tlm.: 966 575 716 • Email: restaderito@kanguru.pt
www.oaderito.com

Carta Pastoral do Bispo de Viana



Dentro do triénio dedicado à família, iniciado no ano findo com a celebração dos 500 anos do nascimento do Beato Frei Bartolomeu dos Mártires, este ano será dedicado aos mais frágeis, conjugando perfeitamente a temática com a do ano da misericórdia decretado pelo Papa Francisco. Dom Anacleto intitulou a Carta Pastoral: «Sede misericordiosos». Esta é estruturada em 4 partes.

Na primeira, a misericórdia é apresentada como «a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade». É em Jesus que podemos encontrar, de modo privilegiado, o rosto da misericórdia de Deus. Jesus transmite ao vivo o amor do Pai celeste que é bom até para com os maus e os ingratos. E não quer a morte do pecador, mas antes que se converta e viva. Perante tanta misericórdia, resta-nos a gratidão ao Senhor, sabendo que, quanto mais o bendissermos, mais Ele penetrará nas nossas vidas e nos modelará e fortalecerá pela sua misericórdia.

Num segundo momento, o bispo de Viana que, sendo a misericórdia o acto supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro, cada um coloque diante de si um crucifixo e o contemple: «fixemos o olhar nas suas mãos estendidas na cruz para a todos acolher e abraçar, bons e maus. Fixemo-nos no seu coração, do qual brotou sangue e água, que nos saciam com a força vivificante do Espírito» (nº 14).

Partindo do episódio da cura do paralisado, refere como Jesus se preocupa com o homem na sua totalidade: corpo e espírito. Cura das doenças físicas, mas também dos males da alma. Por isso diz ao doente: «os teus pecados estão perdoados». Deixou-nos os chamados sacramentos da cura: penitência e unção dos enfermos para nos ajudarem a libertarmo-nos quer dos males do pecado quer dos males da doença. Podemos também chamar a estes dois sacramentos os sacramentos da misericórdia. Vivê-los de verdade é um óptimo meio de crescimento espiritual e de incentivo ao trabalho apostólico.

Na terceira parte reflecte sobre a misericórdia enquanto lei fundamental que mora no coração do homem. Aplicada à Igreja, a misericórdia é obrigatória (nº 30). A Igreja é impensável sem a misericórdia. Ela deve levar a perdoar, corrigir, honrar os idosos e aproximar-nos dos doentes.

Por fim, na quarta parte, a misericórdia é apresentada como «o caminho que nos abre à esperança de sermos amados para sempre». Com efeito, o que esperamos é etapa definitiva desta união, entre Deus e o ser humano, aquela união em que gozaremos da felicidade prometida por Jesus: Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia. É a etapa em que herdaremos a vida eterna, acessível a quem, amando a Deus e ao próximo, põe em prática a compaixão do bom samaritano (Lc 10, 25).

Foi também disponibilizado o calendário diocesano com alguns dos acontecimentos/realizações mais relevantes dos programas dos Secretariados Diocesanos, Movimentos e Obras de Apostolado. Podem ser obtidos em suporte digital no site da diocese: www.diocesedeviana.pt

"Habemus vinum" X (IIª série) Um Passeio de Viaturas "2 CV" no Minho

Voltei de novo ao Minho

No artigo deste mês, não vou falar propriamente da problemática dos nossos vinhos, mas de um passeio realizado pelo bonito Minho, cujo objectivo era também dar a conhecer a região dos vinhos verdes e essencialmente a casta alvarinho.

Todos os anos o "Clube 2 CV", da cidade do Porto, organiza por esta altura o seu habitual passeio pela região dos Vinhos Verdes.

Desta vez, o passeio que o Clube de que sou sócio, realizou-se nos dias 18 e 19 de Setembro, tinha como destino: a deslocação ao Museu do Alvarinho em Monção, uma visita ao Palácio da Brejoeira, para além de passeios livres dos seus sócios por Vila Nova de Cerveira e Caminha, onde desfilaram com as suas coloridas viaturas.

Tive de novo oportunidade de voltar ao Palácio da Brejoeira, o que é sempre agradável pela sua beleza, ao Museu do Alvarinho em Monção e também ao palácio, passeio esse que decorreu nos passados dias

Após a saída do Porto, a caravana foi de "cavalgada", pela fresca manhã de sábado, com a primeira paragem na praça Deu-La-Deu. Depois de estacionadas as viaturas que despertaram a curiosidade de muitos monçanenses, teve lugar a visita ao Museu do Alvarinho, onde todos foram recebidos. Uma visita guiada pelo bonito edifício, deu não só a conhecer a região produtora desta casta, mas também a importância económica que a mesma representa para a região de Monção e Melgaço.

Um mapa interactivo dá a possibilidade ao visitante de tomar conhecimento da região, de saber mais dessas vinhas e a localização dos produtores. Um mapa das pequenas caixas colocadas nas paredes de uma das salas, permitem também sentir o cheiro aos diversos frutos que este vinho oferece. Curioso o lustre que uma sala ostenta, feito de garrafas. Uma guia do Museu teve também a oportunidade de explicar todo o processo das fases que o alvarinho passa desde a vinha até ser engarrafado.

O referido Museu do Alvarinho faz parte do equipamento



cultural e é gerido pelo Município de Monção, tendo como missão dar a conhecer a todos aqueles que o visitam, sentir o valor deste magnífico vinho branco produzido na região.

Desse modo a marca Alvarinho tem aqui, neste espaço, um modo de poder ser potenciado e de ser mostrado também como produto gastronómico de grande qualidade, ao mesmo tempo que estimula a protecção do seu património e identidade, conforme nos é explicado na introdução do folheto que foi distribuído a todos os presentes.

Não posso deixar de registar algumas "bocas" que ouvi no grupo, como o facto de muitos se questionarem pelo alargamento desta casta, a outras zonas do vinho verde, uns criticando esse facto, outros pedindo que ficassem mais esclarecidos.

O estacionamento das viaturas, no espaço fronteiro ao edifício, suscitou a curiosidades de muitos monçanenses, os quais faziam as perguntas mais curiosas, a propósito destas viaturas cujo lema é não servir só como transporte, mas que tem sido ao longo de muitos anos, um estilo de viajar muito peculiar dos proprietários destas viaturas, os quais ao longo de muitos anos,

as mantêm em perfeito estado de apresentação e funcionamento.

A seguir, rumou-se para o restaurante Ponte Velha, em Ponte de Mouro, onde como não podia deixar de ser o vinho verde acompanhou um bom almoço, com uma equipa do referido restaurante com um bom sentido profissional e simpatia que importa aqui registar.

Teve lugar a seguir a visita ao Palácio da Brejoeira, onde todos os passeantes tiveram a oportunidade de apreciar, já não só a imponência do belíssimo edifício, mas o seu interior, com o pequeno teatrino e capela existente, dedicada a Sant'Ana. Curiosa é também a imagem do Santo António que não tem nenhum menino ao colo!

Após uma prova do alvarinho, não poderíamos deixar de registar a habitual fotografia dos carros participantes, naquele magnífico cenário; toca a estacionar os bem tratados "cavalos mecânicos" em frente à fachada.

Toda a caravana ficou instalada no aprazível Hotel da Boega, com uma belíssima vista para o rio Minho e a sua ilha dos Amores, com um tempo magnífico, realçando o verde do Minho.

*António Jorge Tavares
Jornalista
(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia).*

Bodas de Oiro Sacerdotais do Nosso Curso 1953/1965



Na renovada Capela do Seminário de Nossa Senhora da Conceição

Em determinados momentos da nossa vida, ficam gravadas marcas, de forma indelével para toda a nossa vida. E como na primeira parte do convívio foi referida por nós a passagem de que, neste período de tempo que nos resta para viver já está tudo feito, é quando, na verdade, estará tudo ainda por fazer.

Em doze de Setembro passado, uns dali, outros dacolá; uns de mais perto, outros de mais longe, fomos regressando à que foi também a nossa "casa paterna" – o então seminário da Tamanca. E se agora, no reencontro – mais um – eram os abraços acalorados habituais nestes encontros-convívios ao menos uma vez cada ano (sem ser em confissão pela quaresma), há muitos, muitos anos atrás – quantos?... sessenta e dois... sessenta e quatro... - na rua agora desafogada e arejada mas então uma rua estreita e de bafio a bolor da humidade no interior dos casebres da Rua de S. Domingos, nós vínhamos fluindo como linhas de água para o rio caudaloso como ficava a Tamanca, à medida em que ia enchendo connosco a fazer multidão e em cujos estádios ao longo de quatro anos, o casarão albergava mais de quatrocentos adolescentes e jo-

vens. Então, sob o olhar atento do Penetra, íamos entrando cabisbaixos, tímidos, tristes, a saudade de casa a oprimir-nos o peito e uma lágrima ao canto do olho.

E dessas marcas indelévels, pelo menos em nós, ficou-nos a primeira noite (mal) dormida na camarata. Um salão enorme, estranho, com tanto rapaz, quando na nossa casa tínhamos o aconchego do nosso quartinho repartido com os irmãos. E assim, na longa noite, ouvíamos o roçar do vento pelas folhas dos choupos, o abanar de estremeções do vento nos ramos dos castanheiros e ouvíamos o baque dos ouriços no chão que gemia sob as folhas dos choupos e das ramadas.

E logo na manhãzinha do outro dia, a memória de acordarmos estremunhados pelo badalar da sineta no corredor em frente à capela – "Dimdim!Dimdim!Dimdim!!!". No começo de um ritmo de vida que iria ser controlada sempre ao toque da sineta.

E esta manhã, foram acordados, no passado brumoso da nossa memória, deste e muitos outros episódios, quando lá no topo do friso em enorme arco de ogiva, como ninho escondido na parte que separa a dita "capela-mor" da nave do templo, comandado por

corda cá de baixo à nossa esquerda, a sineta, num fresim nervoso, a todos nos surpreendeu no seu "Dimdim!Dimdim!Dimdim!!!, desse tão recuado tempo. Olhámos para o esconderijo da sineta e apostámos: é a mesma sineta que pela primeira e última vez nesta Casa comandou a nossa vida!

Espreitámos o recreio. Do nosso tempo, só um pedaço de chão. Sem castanheiros nem tílias. Nem ramadas. Nem choupos onde foram campos. Prédios altos. Ruas novas. Tudo tão diferente! Mas lá dentro, ouviam-se os nossos passos. Ouvia-se o pesado silêncio de outrora pelos corredores agora também na solidão. A esta distância no tempo, ouvia-se ainda (nós ouvíamos!) de lá de cima onde no emaranhado de toros de madeira como floresta de esguios castanheiros existia o coro, a sabedoria, destreza e técnica do Cândido Lima a tocar o harmónio de foles, depois de nós, multidão enchendo o espaço agora tão vazio da capela, nos muitos e muitos bancos de genuflexório, fazermos o nosso primeiro encontro com o Senhor através da meditação. E cantávamos pela Comunhão "No altar do amor divino/Prisioneiro até ao fim/ Está Jesus sempre esperando/ Para vir unir-se a mim!/ Vem ao meu peito/ Oh, vem Jesus! (...). E nós tudo estávamos recordando e revivendo. E se continuássemos por aqui, jamais estes episódios teriam fim.

A capela surpreendeu-nos e baralhou-nos. Da capela do nosso tempo, está de pé apenas o imenso e amplo espaço a que os

grupos de cadeiras tentam iludir com um bocadinho de ocupação. Nesse espaço imenso, tão vazio de pessoas, está a multidão dos nossos silêncios e das nossas orações. E dos nossos cânticos. Nem o altar do "Seminário da Virgem coroada/Foco ardente de vida e de Luz/ Há-de ser uma rede lançada/ Para as almas levar a Jesus (...)" conseguiu escapar à requalificação. Rede?... As vocações estão como a sardinha no mar: não há! E nesse tempo, até sardinha boa se deitava borda fora. E se calhar, nós fomos um desse peixe lançado fora da rede.

Todavia, gostámos da capela. Na revolução feita na sua estrutura, ela faz-nos recuar ao tempo da intensa vida espiritual da idade média, quando o Sobrenatural e o Sublime eram caminhos a percorrer até Deus. Nos arcos em ogiva actuais, sentimo-nos flechas a caminho do céu, ali também sim-

bolizado, na leitura interior que do templo fazíamos, na abóbada em arco de meia volta, bem alta e sobre o comprido. Numa espiritualidade austera mas doce, apelativa para um repouso em Deus na continuidade da ânsia de Sto Agostinho expressa no seu livro de "Confissões" - e muito, muito antes na boca do salmista: "Fizeste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Ti". E estamos ouvindo David. Melhor nos expressando: sentimo-nos David na sua afirmação "Só em Deus repousa a minha alma, é dele que me vem o que eu espero". E mais! O salmo da Eucaristia veio ao nosso encontro neste ambiente de meditação tão apelativo: "saboreai e vede como Senhor é bom!" E até no Evangelho de S. João, este apelo estava intrínseco: "Pedro, tu amas-me?" Com a resposta de

Continua na pág. seguinte



Procissão de entrada para a solena Eucaristia



Momento da Incensação das oferendas

Continuação da pág. anterior

Pedro a driblar o Senhor: Cristo a querer a nossa radicalidade; Pedro fugindo a essa radicalidade, dando apenas uma parte do todo: Gosto de Ti, Senhor...

E neste ambiente de austeridade claustral e de clausura impostos por esta imponência arquitectónica da capela onde as nesgas ao alto de luz eram os círios da nossa alma acesos a louvar o Senhor, as vestes do sacerdote P. Carlos nos transportaram a esse tempo gótico na capela de ressaibos neogóticos, onde a Natureza e a Espiritualidade se plasmavam nos seus dons do linho qual Éfode sóbrio ou túnica sobre as vestes litúrgicas para a Eucaristia nos fazendo recuar aos alvares bíblicos do Êxodo; no pão e no vinho da mesa Eucarística e até no fumo e aroma do incenso à volta do Altar, na sua função catártica propiciatória e de adoração a Deus; e sob o Altar água brotando como que da rocha de Oreb. Ali, os sacerdotes eram os das origens dos bancos do seminário. Educados para o Apostolado e interior espiritual e não para o descaracterizado sacerdócio empresarial ou profissional de hoje. Sacerdócio real segundo Jesus Cristo e não apenas ministerial. Sacerdote inteiro e a tempo inteiro. E ao que parece, fomos nós os primeiros a inaugurar a capela após tão ousada e revolucionária requalificação.

Na linha de um sacerdócio das origens da sua Origem vinda do "Sermão da Montanha", foram lembrados S. Marcos e S. Lucas, enquanto comprometidos com a sociedade da periferia. A sociedade dos desprotegidos, dos escorçados. No nosso pensamento estando o inquietante drama desta diáspora de povo sem pátria como que átrio já do "armagedom" invadindo a Europa. Isto é trágico, amigos! E do nosso curso de um sacerdócio de apostolado de Misericórdia e Bem-Aventuranças, no activo restam apenas seis! Vinte e quatro já nos precederam na Fé e o seu nome foi evocado no "memento" próprio. Um a um pela ordem cronológica. Bem como de outros (quatro) que ao longo do caminhar a nós se juntaram e já partiram.

O coro que animou a liturgia Eucarística esteve muito bom. Onde não faltou o para nós imortal "Mil cânticos". Numa celebração litúrgica linda e tocante onde se cantou com abundância. E onde não faltou, no fim, a distribuição de pequeninas lembranças da incansável Carolina e sua equipa.

Houve duas omissões, quanto a nós. Quando ao meio do templo vimos o Zé Bernardino sentado ao

pé de Mesa da Palavra e se estava no fim da Comunhão, pensámos então: vamos ouvir e saborear mais um belíssimo poema-oração do Zé Bernardino. Porém, ele continuou quietinho naquele sítio. Que pena! E a outra omissão, que nos surpreendeu, foi a ausência do Bispo em acto de tamanha dimensão e significado como são as celebrações de oiro de uma ordenação sacerdotal. E ali, nós vimos estes diligentes, obedientes (De Samuel a Heli: Senhor, Tu nos chamaste e aqui estamos), humildes e submissos pastores sempre de braços abertos para o outro com os braços de Cristo na Cruz e generosidade de coração de criança, como filhos desamparados ou mesmo órfãos. Achamos que num momento assim tão alto como é o jubileu de uma fidelidade a Cristo e à sua Igreja, o báculo do Pastor deveria ter feito presença. Teria sido reconfortante. Um esteio a apoiar a alma quando as forças físicas vão desfalecendo... Que nos perdoem os nossos amigos. Mas nós escrevemos do que nos abunda na alma.

Depois de uma interessante, sábia e profunda explicação das alterações radicais verificadas na capela do seminário, veio a ágape. Na qual uma vez mais e com grande pesar nosso, não pudemos participar. Ao que vimos pelas fotos que nos chegaram, foi um excelente e fraterno convívio à volta da mesa da refeição. Porém, a parte melhor, para nós, foi a que foi sendo narrada pelos meandros labirínticos desta nossa prosa.

Os nossos parabéns a este punhado de sacerdotes que tiveram o dom de celebrar as suas bodas de oiro na Casa que foi o berço do nosso crescimento para Deus. Numa existência de "sortudos" na expressão do Carlos Vaz, quando foi ao longo desta nossa existência que aconteceram maravilhas até então impensáveis na ciência, na técnica e até no seio da Igreja com o "selo" do Concílio Vaticano II. Que, aliás e disso nos lembramos, foram sendo publicadas reportagens num dos jornais diários de então, pelo Carlos Vaz. Homem também sortudo já nesse tempo.

A nossa homenagem a estes sacerdotes. Como também a todos quantos do nosso curso ao jubileu se associaram. Onde há sempre rostos novos que aparecem. Desta vez, estamos lembrando o Zeca Abreu Carneiro, de Cabeçudos e que há muito não aparecia. Um abraço com o nosso BEM-HAJA a todos.

José Pedro Carvalho Marques
Vizela, 13.09.2015
Sábado, 21.00h

Algumas Fotos do almoço convívio que se seguiu



Dra. Maria do Carmo, P.e Júlio Vaz e João Varanda



Seis elementos do grupo coral da Senhora-a-Branca



Mais elementos do Grupo Coral juntamente com antigos alunos



Dois amigos da viagem de 1990 a Roma: o Rui e o Sérgio com o Severino e o Matias



Fernando Castro Silva, P.º Carlos Vaz e Maria João com o P.º Palma ao alto e outro comensais



O ataque bem disposto à sobremesa



Nuno Jorge, o organista, bem disposto e contente



Uma das mesas de antigos alunos com o P.º José Barbosa de pé



Com elementos da direcção dos antigos alunos dos Seminários (ASSASB) em ameno convívio no bar do auditório



O tribunal de Melgaço ao longo dos séculos

Quase todas as minhas raízes vêm da vizinha Monção, onde só não nasci por mero acidente de percurso. Porém, uma semana depois já lá morava. Também tenho ascendência na Galiza, já que o meu trisavô do lado paterno, tronco da família Nunes, de seu nome Francisco Nuñez, era natural de Arantei, uma paróquia de Salvaterra, situada em frente à freguesia de Cortes, no concelho de Monção.

Por isso, considero-me galaico-minhoto, assumindo, como dizia o poeta monçanense João Verde, "mais do que do meu País sou da minha região", mas de uma região raiana e transfronteiriça, despida de contornos políticos.

Sou um monçanense que gosta de visitar, para melhor conhecer, todos os cantos e recantos do Alto-Minho, incluindo Melgaço.

Por deformação e paixão profissionais, ocupo parte do meu tempo livre a estudar a organização judiciária de Portugal e mais concretamente o modo como funcionou o Tribunal de Monção ao longo do tempo. Desse modo, procuro ler tudo quanto se relaciona com tal tema.

Muito tem sido escrito, mas são raras as obras que têm por escopo o Tribunal de uma concreta cidade ou vila portuguesa.

Melgaço, curiosamente, tem essa sorte, a de ter uma interessante obra dedicada à sua organização judiciária ao longo dos séculos.

Com efeito, há cerca de um ano, o acaso, levou-me a um alfarrabista de Vila Praia de Âncora, onde encontrei uma obra intitulada Organização Judicial de Melgaço, da autoria de Augusto César Esteves (1889-1964), editada no ano de 1955 pela Tipografia "Melgacense". Nela, o autor, um estudioso de Melgaço, faz uma análise exaustiva da história do tribunal local, com enumeração dos magistrados que exerceram funções nessa primeira vila fronteiriça do Alto-Minho.

Conforme escreveu no prefácio, a publicação da obra em 1955 deveu-se ao facto de nesse ano ter ocorrido o primeiro centenário da criação da Comarca de Melgaço. Com efeito, Melgaço, como sede de comarca não surgiu logo com o liberalismo nem com a Reforma Judiciária de 1835, mas apenas decorridos vinte anos

e na sequência da Novíssima Reforma Judiciária de 1841.

O Decreto que criou a Comarca de Melgaço tem a data de 24 de Outubro de 1855. Daí a oportunidade desta evocação, agora que se comemoram os seus 160 anos.

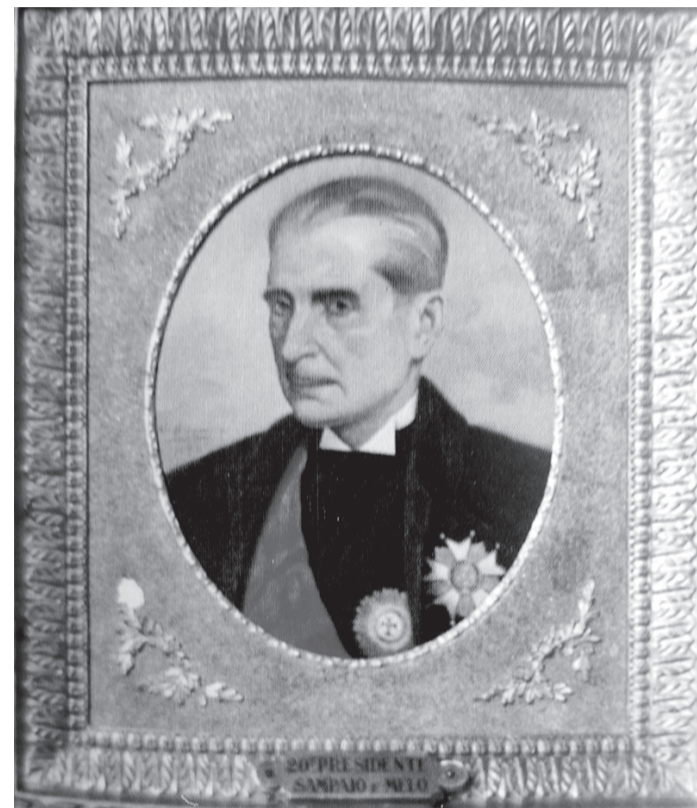
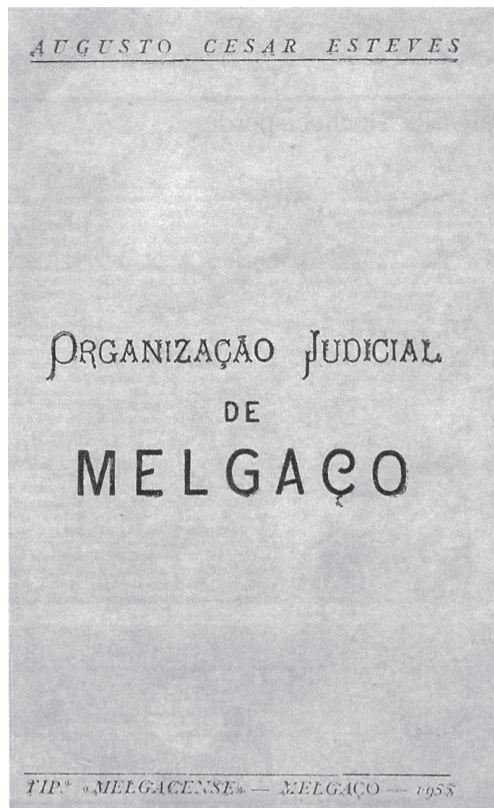
Porém, no correr do tempo, nomeadamente na vigência das Ordenações Manuelinas e Filipinas, Melgaço já tinha foro próprio, integrando a Comarca e Corregedoria de Viana da Foz do Lima, como um dos seus "Termos", designação que então se dava às terras onde havia tribunal com Juiz de Fora ou Juiz Ordinário, que era o eleito localmente.

Lamentavelmente, com a recente reforma judiciária, Melgaço deixou de ser comarca e tornou-se uma das "Instâncias" da nova e abrangente Comarca de Viana do Castelo. Ou seja, o Mapa Judiciário que entrou em vigor no dia 1 de Setembro de 2014 repôs, de certo modo, a organização dos tribunais que existira até ao liberalismo.

Mas, voltando à obra de Augusto César Esteves, a sua publicação também tem a ver com uma homenagem ao cidadão e escrivão local Tomaz José Gomes de Abreu, que morreu nas masmorras de uma prisão, onde esteve cativo a partir de 1828, vítima da guerra entre miguelistas e liberais. Mais tarde, na sequência da aclamação de D. Maria II, o povo melgacense elegeu para presidente da Câmara António Máximo Gomes de Abreu, filho daquele.

O livro começa com uma breve história de Melgaço, enquanto parte de Portugal, quando integrava as "Terras ou Territórios de Valadares", uma das divisões administrativas, militares e judiciais desse neófito Reino, chefiada por um Rico-Homem, Tenente ou Senhor da Terra.

Séculos depois, já no Reinado de D. Dinis, Melgaço passou a fazer parte da Província de Entre Douro e Minho que, para a administração da justiça, foi dividida inicialmente em Meirinhadas, depois substituídas por Comarcas, com os seus Termos.



A obra dá-nos, depois, uma extensa relação dos Juizes Ordinários, Juizes de Fora-Parte, Juizes de Direito, Delegados do Procurador Régio e Delegados do Procurador da República que exerceram funções em Melgaço. Aqui e ali, o autor junta oportunas notas curriculares desses magistrados, fruto da leitura atenta e exaustiva que fez da documentação existente nos Arquivos locais. Curiosamente, no estudo que estou a fazer sobre a mesma temática na comarca de Monção, os elementos são em muito menor número, por muitos terem sido destruídos durante a ocupação espanhola que decorreu de 1659 a 1668, bem já depois da Restauração.

Seria redundante estar aqui e agora a enumerar toda essa plêiade de magistrados. Mas não posso deixar de evocar a figura do então Delegado do Procurador Régio Dr. Miguel Homem d'Azevedo Queiroz Sampaio e Melo, que exerceu funções em Melgaço nos anos de 1908 e 1909 e que, mais tarde, por despacho de 30 de Janeiro de 1951, foi nomeado Juiz Conselheiro Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, cargo que exerceu até atingir o limite de idade em 1954. Junto cópia do retrato que se encontra na Galeria dos Presidentes do STJ.

Anoto, também, o nome do primeiro Juiz Ordinário de Melgaço, no reinado de D. Afonso Henriques, corria o ano de 1183,

e que se chamava Iohannes Bezerrus. Já o primeiro Juiz de Fora do Termo de Melgaço, nomeado por Filipe I, foi o Lic. Francisco da Silveira no triénio de 1586, 1587 e 1588. Por fim, o primeiro Juiz de Direito da Comarca de Melgaço, de 1855 a 1859, no tempo do Rei D. Pedro V, foi o Dr. António José Pinto da Costa Rebelo, Cavaleiro Professo da Ordem de N.ª S.ª da Conceição de Vila Viçosa.

Quanto ao Ministério Público, o primeiro Delegado do Procurador Régio foi o Dr. José Duarte da Silva e Melo, que exerceu funções na comarca de Melgaço de 1856 a 1864.

Concluo, deixando a sugestão de que esta obra seja reeditada depois de devidamente actualizada, o que não será difícil nos tempos que correm, porque a identificação dos magistrados que passaram por Melgaço a partir de 1955 são fáceis de localizar nos Livros dos Termos de Posse da Comarca, nos Boletins Oficiais do Ministério da Justiça e nas páginas da internet relativas aos movimentos judiciais e do Ministério Público dos respectivos Conselhos Superiores.

Braga, 21 de Setembro de 2015

José António Barreto Nunes
Juiz Conselheiro do STJ, jubulado









MCA- Mediação de Seguros Lda

Isp n.º 413392428

Rigor no Preço.... Rigor na Protecção

Consulte-nos sempre – Com certeza ficará satisfeito

Escritórios :
Rua Fonte da Vila S/n
4960-546 Melgaço
Tel : 251402903 Fax : 251402907
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233
4950-855 Cortes - Monção
Tel / Fax : 251 656232
Tlm 966747834

Protocolos de Seguros
Forças Militares (GNR, PSP, etc)
Professores, Função Pública
Médicos, Dentistas, Veterinários

Legalizações automóveis
Regime Geral
Regime de emigrante
Pergunte sobre o seu caso em especial

SC Melgacense segura o espectáculo, Arcozelo guarda os pontos Clube não conseguiu segurar a mecha de um início de época fulgurante

SC MELGACENSE 0 | ACR ARCOZELO 1

ONZE INICIAL: 1 – Hugo Alves; 2 – Jony; 4 – Dhiurive;
5 – Carlos Alberto; 6 – Hugo ‘Minhoca’; 7 – Russo; 9 – Pedro Alves;
11 – Júnior; 17 – Vitó; 18 – Guini; 88 – Rafa
SUBST: Luís; Hugo e Tiago ‘Cebolas’

“Uma oportunidade, um golo”, assim se traduz o exercício da ACR Arcozelo. Uma exibição feroz e um erro defensivo não tão feroz maculou a estreia fulgurante do Sport Clube Melgacense na época 2015/16 da 2ª Divisão Distrital da AFVC, que já somava nove golos em dois jogos vitoriosos das duas primeiras jornadas. Depois de ganhar por três bolas sem resposta frente ao Bertianos no Centro de Estágios e apontar seis golos ao Anais FC (que marcaria três no mesmo jogo, no entanto sem eficácia para rebater a margem monumental do inspirado onze de Melgaço) o SC Melgacense acabaria por perder pela margem mínima frente à equipa de Ponte de Lima.

O desempenho aguerrido e as incontáveis situações de perigo para a baliza dos visitantes mostraram que os pupilos de Gil Silva aprendem rápido e respondem quase com eficácia aos treinos intensivos que o técnico impôs nas últimas semanas. Uma falta por assinalar terá distraído a defesa Melgacense, que esperava pelo apito para cobrar o alegado atropelo, mas a bola continuou



a rolar e, sem grande mérito da equipa de Arcozelo, acabaria por entrar com pouco ânimo na baliza de Hugo Alves.

Júnior conseguiu perigar para a baliza adversária, mas a equipa de Melgaço continuou sem finalizar, apesar das aproximações ao meio campo da ARC Arcozelo, sem rasgos de génio para anular a ofensiva dos residentes. Só a sorte entregou os três pontos aos visitantes, mas o campeonato ainda agora começou e ainda há muitos pontos para distribuir.

Para o técnico do SC Melgacense, a jovem equipa (apenas um jovem elemento transitou da formação da época passada) ainda não domina os métodos mas

já dá sinais da sua boa aprendizagem. “Estão a integrar o que o treinador quer e vamos continuar, porque me enche de orgulho treinar estes jogadores, somos uma família, estamos todos unidos”.

Sobre o desempenho em campo, Gil Silva diz que este “é o resultado mais injusto que pode haver. Uma equipa que faz noventa e cinco minutos no campo do adversário e o adversário vai uma vez à baliza faz golo, é um resultado injusto”, nota.

Sobre o momento em que a bola correu sem obstáculos para a baliza do SC Melgacense, Gil Silva atribui o momento à “falha técnica de outra equipa que estava em campo”, mas também à “falha



táctica” dos seus jogadores, que aguardavam com expectativa um apito que faria jus à alegada falta sobre Júnior.

A bancada, longe de estar completa, esteve neste jogo em

casa menos despovoada e mereceu até o reparo e agradecimento do treinador a este reforço do apoio in loco por parte dos adeptos.

João Martinho

Espumante

Quinta do Regueiro



Medalha de Ouro em
LONDRES

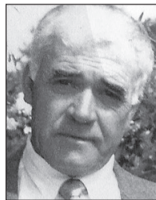
AGRADECIMENTOS

||| CENTRO FUNERÁRIO ALTO MINHO

Fernando Afonso

Couso - Melgaço | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Mário Bento de Moraes

Paderne | 59 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Anésia Pereira

Aldeia Grande - P.Monte | 73 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria Afonso

C.Laboreiro - Melgaço | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Américo Rodrigues

Cela - Couso | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



||| AGÊNCIA FUNERÁRIA ORQUÍDEA

José Bernardo Lourenço

Carvalha Furada - S. Paio | 80 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Avelino Xavier

Ribeiro-Baixo - C. Laboreiro | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Mês de Outubro, mês do Rosário

A devoção do Rosário é uma das mais queridas dos Papas, dos sacerdotes e dos leigos que compreendem a sua riqueza. Será uma óptima maneira de estarmos presentes no sínodo sobre a família que decorre em Roma até ao dia 25 deste mês.

||||| AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

Carlos Esteves

Paderne | 73 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



José Alves

S. Paio | 79 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria Olinda Alves

Portela - Paderne | 81 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Rosa Alves

Parada do Monte | 91 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Perpétua da Purificação Ferreira

Vila - Melgaço | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Comarca de Viana do Castelo

Melgaço - Inst. Local - Sec. Comp. Gen. - J1
PLÁCIO DA JUSTIÇA - LARGO HERMENEGILDO SOLHEIRO
4960-551 MELGAÇO

ANÚNCIO

Processo: 93/15.6T8MLG
Interdição
N/Referência: 37816464
Data: 04-09-2015
Requerente: Ministério Público
Requerida: Anésia da Conceição Pereira

Faz-se saber que foi distribuída neste tribunal, a ação de Interdição em que é requerida **Anésia da Conceição Pereira, nascida em 29-06-1949, filha de José Pereira e de Maria José Afonso**, residente no Lugar do Coto do Paço, Parada do Monte, Melgaço, para efeitos de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica.

A Juiz de Direito,
Dra. Ana Catarina da Silva Matos

O Oficial de Justiça,
António Rodrigues

Duas assinantes que nos deixaram

Perfeita da Nazaré Freitas

Natural do lugar do Telheiro, na freguesia de Rouças, cedo imigrou para Lisboa onde constituiu família. Sempre manteve o seu amor pela terra natal e, como prova disso, era com carinho que se referia ao nosso jornal e às alegrias que lhe levava quando o recebia, pois lhe permitia estar mais presente na terra que a viu nascer.

Tinha 83 anos e estava viúva. Deixa um filho, Joaquim Pinto Freitas uma neta e a nora. Ficam ainda connosco dois seus irmãos muito amigos do jornal, o José Eduardo de Freitas, que também reside em Lisboa e o Maximiano de Freitas, do lugar dos Lourenços, em São Paio. Deixa ainda mais duas irmãs.

No velório estiveram vários amigos e familiares, de entre eles o irmão José, com sua esposa, filho, nora e netos.

O funeral foi na igreja das Mercês, tendo depois seguido para o cemitério do alto de São João.

Paz a tão bela criatura e alma de Deus e devota de Santa Rita.

Perpétua da Purificação Ferreira

Desde Fevereiro que ficou viúva do que foi nosso correspondente em Melgaço durante toda a sua vida, o Alfredo Lourenço do Paço. No mês de Setembro, poucos meses depois da partida do marido, foi ela que nos deixou aos 87 anos.

O funeral foi presidido pelo padre João Torres Vieira, pároco da Vila. Foram muitas as pessoas que estiveram presentes nas horas de despedida e de celebração das exéquias. Foi sepultada no cemitério da Vila.

A Perpétua foi sempre uma boa companheira do Alfredo e muito compreensiva para com a sua maneira muito especial de ser e estar na vida. Nos anos em que a doença o obrigou a estar acamado, foi de uma dedicação sem par, como várias vezes pude testemunhar.

Deixa 4 filhas: Maria de Lurdes, casada com Manuel Eduardo Ferreira; Maria Fernanda, casada com Jorge Alexandre Afonso; Maria Helena, casada com António Manuel Pinto, e Maria Adelaide, viúva de António Manuel Esteves. Deixa ainda 6 netos e dois bisnetos.

A toda a família enlutada os nossos mais sinceros pêsames e a certeza de que a lembraremos, como o temos feito com o marido Alfredo, nas nossa humildes preces.

Carlos Nuno



Agência Funerária
ORQUÍDEA

Auto Fúnebre Próprio

Funerais e Transladações para todo o País
e Estrangeiro • Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369
Largo Hermenegildo Solheiro - Melgaço

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 05/10/2015

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação lavrada no dia 16 de setembro de 2015, neste Cartório Notarial, exarada a folhas 98 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 128-E, **PAULO MIGUEL ALVES GONÇALVES**, solteiro, natural da freguesia de Vila, concelho de Melgaço, residente na Praça Senhora da Graça, n.º 164, da atual união de freguesias de Vila e Roussas, concelho de Melgaço, titular do cartão de cidadão número 11950572 OZX9, válido até 24/03/2019, que outorgou na qualidade de **procurador**, em apresentação de **JOSÉ ALBERTO ALVES DA SILVA**, NIF 197 491 219 e mulher **FERNANDA BEATRIZ GONÇALVES**, NIF 195 072 065, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, naturais, ele da freguesia de Mazedo, concelho de Monção, ela da freguesia de Cristóval, concelho de Melgaço, residentes na referida Praça Senhora da Graça, n.º 1, fez as declarações constantes da fotocópia anexa que com esta se compõe de três folhas.

Que os seus representados são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel:

Prédio rústico, designado por “Costa da Esquipa”, sito no lugar de Esquipa, freguesia de Cristóval, concelho de Melgaço, composto por terreno de mato, com a área de seiscientos e setenta e sete metros quadrados, a confrontar a norte com António Augusto Gonçalves, sul Amadeu de Barros, nascente caminho público e poente Joaquim de Oliveira, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 3314, ignorando o artigo da anterior matriz, o que declara sob sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial tributário **10,00€**.

Que o referido prédio **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na respectiva matriz em nome do justificante marido.

Que o imóvel veio à posse dos seus representantes, em data que não pode já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e noventa e dois, quando, Maria Helena Domingues Pires, solteira, maior, residente no lugar de Sobreiro, da indicada freguesia de Cristóval, lho ajustou vender, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respectiva escritura pública de compra e venda.

Que, contudo, desde essa data, os seus representantes entraram na posse do referido prédio, em nome próprio, posse esta que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente

ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, desbravando o mato e utilizando-o na pastorícia do gado, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição.

Que, tendo os seus representados exercido sobre o indicado prédio, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justifica, em seu nome, a sua aquisição pela **usucapião**, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto no n.º 1 do art.º 101 do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL. Cartório Notarial de Melgaço, 16 de setembro de 2015.

A Escriturária Superior,
Maria Duarte Alves Dantas

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 05/10/2015

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação e doação lavrada no dia 25 de setembro de 2015, neste Cartório Notarial, exarada a folhas 06 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 129-E, **MANUEL INÁCIO ALVES**, NIF 183 342 925, solteiro, maior, natural da freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, onde reside no lugar de Ferreiros, titular do bilhete de identidade número 1750315 de 22/06/1999, emitido pelos S.I.C. em Viana do Castelo, fez as declarações constantes da fotocópia anexa que com esta se compõe de três folhas.

Que é **dono e legítimo possuidor**, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel:

Prédio rústico, designado por “Valados dos Ferreiros”, sito no lugar de Ferreiros, freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, composto de terreno de cultura e vinha, com a área de mil cento e oitenta metros quadrados, a confrontar a norte e nascente com Isolino Gomes, sul Silvestre Gomes e poente Adelaide Rodrigues de Moraes, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 1420, ignorando o artigo da anterior matriz, o que declara sob sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial tributário total de **117,07€**.

Que o referido prédio **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, e encontra-se inscrito na respectiva matriz em nome do justificante.

Que o citado bem veio à sua posse, em data que não pode já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e noventa e um, quando, Maria Rodrigues e marido José Augusto Domingues, residentes no lugar de Cima, da indicada fre-

guesia de Cubalhão, lho ajustaram vender, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respectiva escritura pública de compra e venda.

Que, no entanto, desde essa data, entrou na posse do referido prédio, em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seu dono por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, cultivando-o e colhendo os seus frutos, podando e sulfatando a vinha suportando os respectivos encargos e despesas de fruição.

Que tendo exercido sobre o indicado bem, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justifica a sua aquisição pela usucapião que invoca, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto no n.º 1 do art.º 101 do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL. Cartório Notarial de Melgaço, 25 de setembro de 2015.

A Escriturária Superior,
Maria Duarte Alves Dantas

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 05/10/2015

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação lavrada no dia 25 de setembro de 2015, neste Cartório Notarial, exarada a folhas 08 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 129-E, **JOSÉ BENTO ALVES**, NIF 183 334 981, viúvo, natural da freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, onde reside no lugar de Ferreiros, titular da carta de condução número 839524, emitida em 29/12/1997 pela Le Sous-Prefet, em Redon, da República Francesa, fez as declarações constantes da fotocópia anexa que com esta se compõe de três folhas.

Que é **dono e legítimo possuidor**, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel:

Prédio urbano, sito no lugar de Ferreiros, freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, composto por casa de morada de dois pavimentos, com a superfície coberta de setenta metros quadrados e rossios com a área de vinte metros quadrados, a confrontar a norte com caneja, sul e poente José Bento Alves e nascente estrada nacional, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 1118, com o valor patrimonial tributário **20.280,00 Euros**.

Que o referido prédio **não se**

encontra descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na respectiva matriz em nome de Justino Alves, pai do justificante.

Que o referido bem, veio à sua posse em data que não pode já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e oitenta e um, quando, com os demais interessados procedeu à partilha dos bens deixados por óbito de seu pai Justino Alves, viúvo, falecido em trinta de outubro de mil novecentos e oitenta e um, residente que foi no indicado lugar de Ferreiros, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respectiva escritura pública de partilha.

Que, ao tempo era casado com Marie France Aimée Desirée Renault, sob o regime da comunhão de adquiridos, de quem se mantém viúvo desde trinta de janeiro de dois mil e onze.

Que, contudo, desde aquela data, mil novecentos e oitenta e um, entrou na posse do referido bem, em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seu dono por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, habitando-o e fazendo-lhe regularmente obras de limpeza, suportando as respectivas despesas de fruição.

Que, tendo exercido sobre o indicado prédio, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua, que dura há mais de vinte anos, justifica a sua aquisição pela **usucapião** que invoca, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado nos termos do disposto no n.º 1 do artº 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL. Cartório Notarial de Melgaço, 25 de setembro de 2015.

A Escrituraria Superior,
Maria Duarte Alves Dantas

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 05/10/2015

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação, lavrada no dia 25 de setembro de 2015, neste Cartório Notarial, exarada a folhas 4 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 129-E, **Rui José Vieira Ribeiro**, divorciado, natural da freguesia de Alvaredo, concelho de Melgaço, onde reside no lugar de Maninho, titular do bilhete de identidade número 5924672, de 18/09/2006, emitido pelos S.I.C. em Viana do Castelo, que outorgou na qualidade de **procurador**, em repre-

sentação de **FILIPE MANUEL ESTEVES VIEIRA**, NIF 215 498 399 e mulher **ANA LUÍSA FUNDINHO EIRA VELHA**, NIF 217 024 084, casados sob o regime da comunhão geral de bens, naturais da freguesia de Vila, concelho de Melgaço, residentes no lugar de Portela, da freguesia de Paderne, deste mesmo concelho, fez as declarações constantes da fotocópia anexa que com esta se compõe de três folhas.

Que os seus representados são **donos e legítimos possuidores**, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel:

Prédio rústico, designado por “Quintal”, sito no lugar de Portela, freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, composto por terreno de cultivo e vinha, com a área de oitocentos e setenta metros quadrados, a confrontar a norte e nascente com Oliveiros Rodrigues, sul e poente João Mata Lopes, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 1340, ignorando o artigo da anterior matriz, o que declara sob sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial tributário **141,24 Euros**.

Que o referido prédio **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na respectiva matriz em nome da justificante mulher.

Que o imóvel veio à posse da sua representada, ainda no estado de solteira, menor, em data que não pode já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e oitenta e oito, quando, Elvira Fernandes Ribeiro de Figueiredo e Castro, viúva, atualmente já falecida, residente que foi no referido lugar de Portela, da dita freguesia de Paderne, lho ajustou doar, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respectiva escritura pública de doação.

Que, no entanto, desde essa data, a sua representada e mais tarde o casal, entraram na posse do referido prédio, em nome próprio, posse esta que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, cultivando-o e colhendo os seus frutos, podando e sulfatando a vinha, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição.

Que, tendo os seus representados exercido sobre o indicado prédio, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justifica, em seu nome, a sua aquisição pela **usucapião** que invoca, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto no n.º 1 do art.º 101 do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL. Cartório Notarial de Melgaço, 25 de setembro de 2015

A escriturária Superior,
Maria Duarte Alves Dantas

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 05/10/2015

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de Justificação e Compra e Venda lavrada no dia 28 de setembro de 2015, neste Cartório Notarial, exarada a folhas 10 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 129-E, **José António de Carvalho**, casado, natural da freguesia de Remoães, concelho de Melgaço, residente no lugar de Pontilhão, freguesia de Paderne, deste mesmo concelho, que outorgou na qualidade de **procurador**, em representação de **ABÍLIO DE FREITAS CARVALHO**, NIF 178 116 971 e mulher **MARIA ADELAIDE DOMINGUES**, NIF 207 167 044, casados sob o regime da comunhão geral de bens, naturais, ele da freguesia de Varziela, concelho de Felgueiras, ela da indicada freguesia de Remoães, residentes em França, em 47 Rue du Languedoc, Tremblay-en-France, fez as declarações constantes da fotocópia anexa que com esta se compõe de três folhas.

Que, os seus representados são **donos e legítimos possuidores**, com exclusão de outrém, do seguinte bem imóvel:

Prédio urbano, sito no lugar de Folia, da união de freguesias de Prado e Remoães, concelho de Melgaço, composto por casa de morada de dois pavimentos, com a superfície coberta de setenta e dois metros quadrados e rossios com a área de trezentos e vinte e oito metros quadrados, a confrontar a norte e poente com José Carlos Soares Colmeiro, sul estrada municipal e nascente João Fernandes, **não descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 968, o qual corresponde ao artigo 234 da freguesia de Remoães (extinta), com o valor patrimonial tributário de **27.645,59 Euros**.

Que o indicado prédio **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na respectiva matriz em nome do justificante marido.

Que o imóvel veio à posse dos seus representados, em data que não pode já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e setenta e sete, quando, António

Regueira e mulher Maria do Carmo Domingues, residentes na Vila de Melgaço; Alfredo Domingues e mulher Maria de Fátima, residentes no referido lugar de Folia; Eleutérico Domingues e mulher Emília Fernandes, residentes em Fânzeres, concelho de Gondomar; José de Jesus Domingues e mulher Irene Moreira, residentes em Santa Iria, concelho de Loures e Manuel Rodrigues Liberado e mulher Cantídea Domingues, residentes em Lisboa, lho ajustaram vender, não tendo, nunca chegado a formalizar a respectiva escritura pública de compra e venda.

Que, no entanto, desde essa data, os seus representados entraram na posse do referido prédio, em nome próprio, sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, habitando-o e nele fazendo regularmente obras de limpeza e conservação, suportando os respectivos encargos e despesas de fruição.

Que, tendo os seus representados exercido sobre o indicado prédio uma **posse pacífica**, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição, pela **usucapião**, que invoca, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do n.º 1 do artigo 101 do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL. Cartório Notarial de Melgaço, 28 de setembro de 2015.

A Escriturária Superior,
Maria Duartina Alves Dantas

CARTÓRIO NOTARIAL DE MONÇÃO

«A Voz de Melgaço» 05/10/2015

CERTIDÃO

Certifico que a presente certidão composta de **três** folhas, escrita numa só face, todas numeradas e por mim rubricadas, é certidão narrativa da escritura de Justificação Notarial

exarada de folhas **setenta** a folhas **setenta e dois verso** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **cento e sessenta e quatro E**, deste Cartório Notarial, e vai conforme o original na parte em que o reproduz.

Monção, vinte de Agosto de dois mil e quinze.

A Colaboradora da Notária por expressa delegação nos termos do artigo 8.º n.º 1 do Decreto-Lei 26/2004 de 04/02 e respectivas alterações

Ana Paula Rodrigues
Cunha Pedreira

Registo número 634

Autorização regsitada sob o n.º 310/1 na Ordem dos Notários

CERTIFICO NARRATIVAMENTE, para efeitos de publicação, que por escritura de justificação notarial outorgada no dia vinte de Agosto de dois mil e quinze, exarada de folhas setenta a folhas setenta e dois verso, do Livro de Notas para Escrituras Diversas número cento e sessenta e quatro – E, **ANÍBAL PEREIRA**, contribuinte número 131.980.351, portador do Cartão de Cidadão da República Portuguesa número 05861973, válido até 07/09/2017, e mulher, **MARIA JULIETA ALVES**, contribuinte número 131.980.360, portadora do Cartão de Cidadão da República Portuguesa número 06717261, válido até 21/08/2017, ambos naturais da freguesia de Parada do Monte, concelho de Melgaço e residentes no lugar de Aldeia Grande, União de freguesias de Parada do Monte e Cubalhão, do referido concelho, casados que são sob o regime de comunhão geral de bens, declararam serem os donos e legítimos possuidores, do seguinte bem imóvel.

Prédio rústico, denominado **“Da Branca”**, sito no lugar de Aldeia Grande, união de freguesias de Parada do Monte e Cubalhão, concelho de Melgaço, composto de terreno de cultura, com área de duzentos e quarenta metros quadrados, a confrontar a norte e nascente com Abílio Domingues, a sul com Manuel António Alves e a poente com Junta de Freguesia de Parada do Monte, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Monção, inscrito na matriz sob o artigo 3103, o qual provém do artigo 1306 da extinta freguesia de Parada do Monte, a favor do justificante varão, com o valor patrimonial tributário de **trinta e sete euros e trinta e quatro cêntimos**, ao qual atribuem o valor de cinquenta euros.

Que ignoram o artigo da anterior matriz, segundo declaram sob sua inteira responsabilidade.

Que este prédio veio à sua posse e fruição no ano de mil novecentos e oitenta, à data já casados entre si, em

GAZETILHA

Tricas & Dicas

- Para a frente é que é o caminho.
- E os obstáculos?!...
- Há que contorná-los e, ou, ultrapassá-los!...
- Pela direita, pelo centro, ou pela esquerda?!...
- Em nome do bem comum da forma e pelo caminho que evite estragos de maior!...
- É melhor na vertical ou na horizontal?!...
- Depende da perspectiva!... Mas uma coisa é certa: os degraus são para descer e subir. A propriedade horizontal e vertical deve dizer respeito a quem de direito!... Mas temos de aplaudir a verticalidade.
- Inequívoco ou absoluto?!...
- “A metafísica procura o absoluto”!... Mas as coisas claras impõem restrições!...
- Será melhor a direito por vias rápidas?!...
- Diz-se que “quem se mete por atalhos... trabalhos dobrados”!... Nada como seguir o percurso normal respeitando as “leis da gravidade”!...
- Mas afinal como é que se chega lá?!...
- Metendo os pés a caminho e não tendo medo da jornada... abrindo o peito à luta dando livre pensamento à razão!
- Os caminhos são tão difíceis de percorrer!...
- Pior será não querer sair do sítio. É preciso acreditar e ser realista para chegarmos a porto bendito. Sangue, suor e lágrimas faz parte do comum dos mortais.
- Mas os factos falam por si!...
- O trabalho dignifica os homens e as obras que saem de suas mãos. Criar riqueza em prol do bem comum exige mais do que altruísmo por parte de quem nos governa.
- “Quem tem olho é rei”!...
- “Dois olhos veem mais do que um só”.
- “Mais vale um “toma” do que dois “te darei”!...”
- “De boas intenções está o inferno cheio”!...
- Palavreado não enche barriga, esta é que é a verdade.

Álvaro Carvalho

dia e mês que não conseguem precisar, por doação verbal, que nunca chegou a ser devidamente formalizada, que lhes foi efectuada pelos pais do justificante varão, Aníbal Pereira e mulher, Maria Pereira, residentes que foram no lugar de Aldeia Grande, freguesia de Parada do Monte, concelho de Melgaço.

Que, desde aquela data, entraram na posse e fruição do referido prédio, cultivando-o e recolhendo os respectivos frutos, pagando as respectivas contribuições fiscais, ostensivamente e à vista de todos, em nome próprio, que reiteradamente têm exercido, até à presente data, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, agindo, assim

com o ânimo e a forma correspondentes ao pleno exercício do direito de propriedade.

Que, assim, tendo exercido sobre aquele prédio, em nome próprio, uma posse pública, pacífica e contínua, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela **usucapião**, que invoca na impossibilidade de comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

É certidão narrativa sob a forma de extracto, que vai conforme o original na parte reproduzida.

Cartório Notarial de Monção, vinte de Agosto de dois mil e quinze. A Notária, Cátia Sofia de Carvalho Correia Magalhães e Grancho.

ALUGO T2

Largo Senhor dos Aflitos,
n.º 42 - 4.º Dto
SÃO LÁZARO - BRAGA

Contactar
251 839 133



FARMÁCIA J. E. DIAS FERREIRA

DIR. TÉC. E PROP.

Dra. Júlia Eduarda S. C. Dias Ferreira

ROUSSAS | 4960-402 MELGAÇO | Tel. 251 403 312

SERRALHARIA BOAVISTA

DE: Rodrigues & Sarandão, Lda.



Boavista – Rouças | Telefone 251 403 567
4960 MELGAÇO

DICIONÁRIO CRÓNICO [01]

Descrição breve: Há mais de dez anos, o Dicionário Crónico, democrático nas observações, pouco cauteloso nas sensibilidades, ocupava uma página num jornal regional alto-minhoto. Imberbe e inconformado, o autor atirava à esquerda, à direita ou para o lado que estivesse a embicar. E porque estamos num tempo em que já pouco muda e tudo o que acontece num período inferior a 50 anos é continuidade burocrática, é tão pertinente hoje, como foi há uma dúzia de anos, dicionarizar cronicamente a região. Ei-lo, portanto.

A – ATENDIMENTO AO PÚBLICO

Quem é que ainda se lembra de José Manuel Coelho? Sim, o ex-candidato à presidência da república, afecto ao PCP, mas que já deu a cara pelo PTP e pelo PND. É confuso sim. Sei de gente que ganha mais afecto a um casaco comprado na Casa das Peles do que o singular deputado da Assembleia Legislativa da Madeira às ideologias partidárias.

Mas não é isso que traz aqui o homem a quem por vezes o ímpeto para a chacota lhe tolda a razão e o discurso. Quando andava por aí a fazer campanha para as presidenciais, em 2011, José Manuel Coelho falava, em entrevista a uma rádio nacional, da sua experiência enquanto vencedor de uma viagem a Moscovo,

mérito da sua exemplar divulgação (venda) do jornal comunista "Avante!", que em inícios da década de 80 completava 50 anos. Pois foi com viagem de avião e hotel pagos pelo Pravda, jornal da ex-URSS, que Coelho formou uma ideia mais concreta daquele bastião comunista, tendo considerado "apático" o atendimento dos serviços moscovitas, por depender tudo do estado e, quiçá, as fracas condições de trabalho.

Se transpusermos para cá, em 2015, salvo a ideologia, que não é comunista muito por culpa dos maus exemplos que vinham de fora, o que não faltam são hipotéticos trabalhadores com genes dessa influência bolchevique. A região está pejada de serviços e atendimento público onde a apatia reina – porque os velhotes são chatos, porque não sabem ler, porque há que fazer tudo, não é

sotôr? – e a maior parte dos exploradores do novo 'prec', que é o turismo rural e serviços destinados ao bem estar de quem nos visita, precisa obrigatoriamente de gostar do atendimento ao público, delegar a quem goste ou vender a quem queira.

Senão, a bandeira que os municípios alto-minhotos erguem, promovendo uma região de excelência para o turismo, cai por terra quando o iludido turista entra em casas de turismo rural de aspecto abandonado (fazendo-o sentir-se mais como um refugiado que entrou na primeira casa que tinha a chave debaixo do tapete do que um turista que paga uma casa num dos destinos mais caros do país) ou vai a restaurantes de serviço demorado e sacodem as migalhas de pão para o chão. "Depois o cão passa e limpa", diria o senhor Ernesto ao ler isto, que tem dois cães e está a comer um pão com fiambre sentado num penedo, enquanto vigia a rês.

C – CABINES TELEFÓNICAS



Antigamente (e não é preciso ir muito atrás), as cabines telefónicas tinham algum uso. Com o credifone ou com moedas – e já deixei muito dinheiro em telefones que serviam para pouco mais do que mealheiros, menos para telefonar – era comum usar para telefonar, quando a enrascada não podia esperar até chegar a casa.

No centro de Melgaço, pudemos assistir a uma retirada tão discreta de um telefone público que Ricardo Salgado devia pôr os olhos nisto, partindo do princípio que preferiria estar em Cancun do que em prisão domiciliária.

Primeiro desapareceu o telefone, num dia que ninguém consegue precisar. Eventualmente, já não funcionaria, sem ser para

mealheiro. Recentemente, e também numa operação tão natural quanto mágica, desapareceu a cabine (ou orelhão, como já se ouviu chamar). Quem quiser ligar, ligue do telemóvel ou que vá aos Correios e eventualmente confrontar-se com um atendimento referido na letra A.

P - PNEUS NATURALISTAS



Anda o Verão vinha longe, fomos alertados para um depósito de pneus em plena natureza, ainda que em espaço intervencionado, por outras razões, dando a entender que a colocação daquele material não se tratava de um despejo selvagem na natureza.

Temendo um eventual incêndio – e como sabemos que os incêndios cá por cima têm todos origem na maldita garrafa de vidro que por acção do sol desencadeia incêndios, sobretudo à noite – o informador deste depósito pretendia que as entidades competentes tomassem alguma medida que não deixasse este arquivo de borracha aumentar. Questões de saúde pública, agressão ao meio ambiente, enfim, é

verdade que se alguma fogueira deflagrasse naquele amontoado, uma nuvem negra pairaria sobre o "paraíso do minho".

À altura interpelamos a auctorquia, que nos esclareceu que o depósito ali era autorizado, tendo em vista um projecto de cariz turístico. Não sabemos em que fase de implementação vai o projecto mas, feito o balanço, a floresta ardeu sem pegar pela borracha. Foi fogo forasteiro, vindo de Monção. Não descurando a perigosidade daqueles materiais em caso de incêndio, é óbvio que as preocupações ambientais de Melgaço devem apontar mais na floresta e naquilo que tem sido realmente mais combustível, do que o que acontece na periferia dela.

T – TRANSPORTES

Para se sair de Melgaço é preciso um carro, um milagre, bastante dinheiro (os taxis não são brincadeiras fáceis) ou então, jogar aos totolotos com os horários dos transportes públicos.

Ah, a mobilidade transfronteiriça, esse sonho tão urbano! Tão defendida nos inúmeros estudos e de um Portugal 2020, num momento em que uma simples viagem Melgaço – Monção em autocarro faz o utente sentir-se numa daquelas épicas viagens da Eurolines, Porto-Paris.

Por outro lado, tanto o turismo termal como os transportes colectivos, precisam de continuidade e uma boa promoção para começar a criar interesse e fidelizar utentes. Ainda há pouco fizemos uma destas travessias Melgaço-Monção numa daquelas horas em que, numa cidade, quase tem de se meter gente no compartimento para malas de mão, e constatamos que só uma meia dúzia, mudando uma ou outra cara, utiliza este transporte.

João Martinho



Peso Paderne Melgaço

Alojamento e Restauração



Quarto de banho privativo, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.



- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

BONS PREÇOS

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350
 geral@hotelboavistamelgaco.com
 www.hotelboavistamelgaco.com

Para acompanhar bem o Sínodo da família

Começou ontem dia 4, o Sínodo, isto é, a reunião dos bispos representantes dos vários países e algumas pessoas conhecedoras dos problemas da família (peritos), escolhidas pelo Papa Francisco para, durante três semanas, reflectirem sobre as dificuldades por que passam as famílias de hoje e qual deve ser a resposta que a Igreja dá às mesmas. Depois, o Papa publicará uma exortação apostólica que incluirá as reflexões, sugestões e propostas que lhe pareceram mais pertinentes e que traduzam a posição oficial da Igreja no que diz respeito à maneira como se olha para a família: como se prepara o matrimónio; como se acompanham os casais; que atitudes tomar perante as separações e divórcios; que fazer para que o pilar fundamental da sociedade, que é a família, não seja abalado com um terramoto, mas possa consolidar-se como verdadeiro alicerce sobre o qual construir uma sociedade mais justa e fraterna.

Os órgãos de comunicação social vão apanhar os debates apenas pela rama e vão centrar-se na atitude a ter com os divorciados recasados e com o acolhimento prestado ou a prestar aos homossexuais. Nós gostaríamos de fornecer aos leitores algumas pistas para compreenderem a grandeza e os desafios que todo o verdadeiro matrimónio coloca e como aguentar a cruz que sempre significa. Mais, como transformar essa cruz em fonte de realização pessoal e de verdadeira felicidade, pois disso se trata.

Há situações em que os dois cônjuges se perguntam, com razão, se vale ainda a pena insistirem na tentativa de corrigir uma relação que nasceu mal e se revela irremediavelmente desfeita. Já não se amam, há incompatibilidades de carácter, só sabem contrariar-se, só falam para se ofenderem, e até os filhos são

envolvidos no fracasso da relação dos pais. Que sentido tem continuarem juntos? Deus pode exigir que se insista numa convivência que é um suplício? Não é melhor que cada um vá pelo seu caminho e reconstrua a sua vida? A estas perguntas, a lógica humana responde sem hesitações. É melhor o divórcio! Mas não é essa a proposta de Deus. O desafio lançado pelo Evangelho é 'tornar-se como crianças', pois só quem se sente pequeno pode compreender a difícil proposta de Cristo. Só quem se sente pequeno, quem acredita no amor do Pai e confia nele, é que se encontra com a disposição para acolher os pensamentos e o sonho de Deus para o ser humano.

Há 2 grandiosos textos que nos podem ajudar a ir ao essencial: o relato da criação da mulher (Gen, 2) e a discussão sobre a validade do vínculo matrimonial (Evangelhos).

Para o autor sagrado, Deus vê que o homem, sozinho, não é feliz. Decide dar-lhe um auxiliar ('ezer, em hebraico) – palavra que aparece 21 vezes no Antigo Testamento, 19 das quais referidas a Deus, que é o verdadeiro auxílio do homem. É um auxílio pessoal, indispensável em situações de perigo extremo. O perigo que mais ameaça o homem é a solidão. E a verdadeira solidão chama-se coisificação. Sim, o homem pode perder-se no meio de objectos, tentando reduzir a coisas Deus e os outros. É Deus normalmente o auxílio do homem. A mulher surge, na mente de Deus, com o título grande de 'auxílio' do varão, assim como o varão é o 'auxílio' da mulher, e qualquer ser humano deve ser auxílio de outro ser humano. E assim se desvenda o estranho uso do masculino 'ezer' e não, como pareceria mais apropriado, o feminino 'ezrah'. O texto deixa ainda sugerir que esse mútuo auxílio, esse saber estar ao

lado de alguém é feito essencialmente pela palavra. Alguém que sabe estar ao lado, não de forma prepotente, mas apto para a doçura da palavra. A sexualidade foi criada para levar ao encontro, ao diálogo com a outra pessoa. A bipolaridade sexual é constitutiva da pessoa; não existe a pessoa assexuada. A diversidade dos sexos deve ser matizada e valorizada. Construir amor é um empenho árduo, pelo que se devem evitar a impaciência, a pressa, o doar-se desordenado, atitudes que sempre provocam dramas interiores, confusões e situações insustentáveis, mesmo se quem está envolvido se esforce por ostentar uma aparente felicidade.

Assim postas as coisas, o evangelho diz que, de um lado, Deus constrói a mulher. Sendo um lado, porque tirada da costela, fica logo dito que a mulher e o homem, juntos, são dois lados, que formam uma unidade, como os dois lados de uma porta ou de uma janela. Não se pode destruir um sem destruir o outro. E ao usar o verbo 'criar' - *banâh*- para a mulher, fica igualmente dito, por assonância- *banim* - *bet* o mundo da mulher; filhos, casa. É só neste momento que escutamos pela primeira vez a voz humana a ecoar no cenário da criação. E é significativo que tal suceda para o homem expressar o seu alvoroço de noivo, saudando extasiado a mulher-noiva com a expressão familiar: *osso dos meus ossos e carne da minha carne*, o primeiro canto de amor que se encontra nas páginas da Bíblia.

E porque são o auxílio um do outro, o lado um do outro, identificando-se um pelo outro, como bem o mostra o jogo da linguagem *ish* - *ishah*, o homem deixará o seu pai e a sua mãe, e se unirá amorosamente à sua mulher e serão [os dois] uma só carne. É algo de insólito no mundo patriarcal, pois quem abandonava a casa paterna, a família era a noiva. Este insólito serve para realçar a grande força do amor e para mostrar que é só outro amor, e só ele, que pode separar do primeiro amor, o amor dos pais. São os dois que deixam o mundo anterior, porque encontraram um amor mais forte. Como diz Cântico dos Cânticos 8, 6: «Forte como a morte o amor». Inegociável o amor. Não separe o homem o que Deus uniu. (Dom António Couto, *Domingo após Domingo* - B)

O sonho de Deus são os dois que se procuram, os dois que se encontram e que se tornam uma só carne. E crescem juntos, iguais, lado a lado, amadurecendo ao sol do amor até se tornarem uma só carne: uma plena e feliz comunhão de duas liberdades. Deus une, faz encontrar as vidas, une-as, liga-as, é o cimento do *cosmo*, é a união da casa.

É muito interessante o comentário do Talmude judaico à narrativa bíblica da criação da mulher a partir da costela/lado do homem. A descoberta da mulher que está diante do homem na paridade dos olhares, de olhos nos olhos, pelo que as lágrimas de um se transformam na dor da outra, e o riso de uma se transforma em alegria do outro: «Tende muito cuidado para não fazerdes chorar uma mulher, porque Deus conta as suas lágrimas! A mulher saiu da costela do homem; não dos pés, para ser espezinhada, nem da cabeça, para ser superior, mas do lado, para ser igual; um pouco abaixo do braço, para ser protegida, e do lado do coração, para ser amada».

No Evangelho, Jesus responde à incredulidade dos discípulos dizendo que a permissão do divórcio por Moisés foi dada por causa da dureza do coração dos seres humanos. Mas ao exigir que o homem passe a certidão de repúdio, está a firmar que homem e mulher têm os mesmos direitos e os mesmos deveres. Não pode ser só como mais lhe agrada ao homem. A meta é muito alta: homem e mulher devem descobrir que no seu amor há um amor maior do que o que votam à família. Por isso diz Jesus que o homem deixará pai e mãe para se unir a sua esposa

O repúdio não é solução. A solução é esforçar-se por atingir a meta que o projecto de Deus criador fixou para o homem e mulher que se unem: produzirem acções, pensamentos e palavras que tenham a força jubilosa de unir e reunir diariamente as vidas, serem como crianças que mutuamente se querem bem, se auxiliam e progredem juntas com confiança e com o auxílio de quem tudo pode e nunca falta: - o amor de Deus e o deixar-se amar por Ele. Só assim o homem pode ser verdadeiro auxílio para a mulher e a mulher para o homem. Só assim se responde ao sonho de Deus.

Carlos Nuno Vaz

Em jeito popular

Ah! Melgaço pequenino
Não és o mesmo de outrora!
Só para te governar
Tiveram que vir de fora!

Melgacense, tem cuidado,
Olha bem para as esquinas,
Que não fique amortilhado
O que era para as propinas!

De que serve a honestidade,
Se nem dá para comer?
É melhor pô-la de lado,
Deixar o tempo correr!

Se o dinheiro é inferno,
Como dizem os doutores,
Vamos todos lá dormir
Sem precisar cobertores!

Assim, lá nos encontramos
Sem fazer muito trabalho,
E para nos entreter
Basta levar um baralho!

Eles juntam-se todos
Dentro da mesma cozinha,
Mas cada um, só puxava
A brasa à sua sardinha!

Só sabem banquetear-se.
E estão todos numa boa.
E toma tu, que eu já tenho.
Quem não vê não água!

Eles só sabem dizer,
E não é ideia minha,
Que o pobre lavrador
Passa bem com uma sardinha!

Eles são todos amigos
Para se poder juntar,
E assim comer à custa
De quem anda a trabalhar!

Para que te esforças
Se tens a reforma.
Por mais voltas que dês
A novo não tornas!

Eu só queria mandar
Nem que fosse uma hora,
Para entrar na Assembleia
E por a cambada fora!

Eles só fazem barulho
E todos querem mandar.
Só é pena que não volte
Um segundo Salazar!

Um Portugal tão bonito,
Está cheio de sanguessugas.
Quem o vier visitar,
Por favor, que traga luvas!

Se o Cavaco cá vier
Que venha, que eu arranjo
Um machado,
E o ponho a rachar lenha!

E o Coelho também pode,
Mas, que tenha cuidado,
Aqui andam caçadores
E pode ser apanhado!

Poetisa popular



Daniela Afonso
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953
3590@solicitador.net

Os Abstencionistas e os Indecisos!

No dia em que este jornal estiver nas mãos do leitor, das duas uma: as eleições de 4 de outubro, ou já foram (se o jornal não se atrasar nos correios), ou ainda irão ter lugar, caso chegue sem atrasos nos três primeiros dias do mês.

Este meu artigo não pretende de forma alguma influenciar a opção do leitor, mas sim fazer uma análise dos últimos acontecimentos políticos passados no nosso país.

Devo desde já confessar que faço parte dos “descrentes” deste país, pelo rumo que todos os governos têm feito (ou não têm feito), o que leva a que muitos digam que “tanto faz que sejam estes ou os outros”, porque todos fazem as promessas do costume e depois é aquilo que se vê!

Já tive oportunidade num artigo anterior, de dizer que a nossa política é um vira do Minho: “ora governas tu, ora governo eu”.

A campanha eleitoral foi muito pouco esclarecedora, em relação aos propósitos que os dois candidatos dos maiores partidos, quer nos debates televisivos, quer em entrevistas publicadas na imprensa.

E, tudo porquê? Existe um desgaste e um cansaço generalizado na população que não se sente já interessada em ir votar, pois tudo se passa ao contrário, já que o país, salvo raras exceções, mostra algum desenvolvimento.

Como acreditar num primeiro-ministro que antes de estar no governo, nos dizia que não aumentava impostos, e depois foi o que se viu; que veladamente incitou os nossos jovens licenciados a emigrarem, e depois veio dizer que o não tinha feito; que tem

sido vaiado em algumas visitas que faz pelo país, tendo necessidade os seguranças que o acompanham a empurrar jornalistas e manifestantes. Para além destes pormenores, muitos outros existem que são sobejamente conhecidos, não esquecendo a célebre frase: “que se lixem as eleições”!

A ver vamos, a resposta que o povo lhe vai dar, nestas eleições.

Em relação aos socialistas, a desconfiança também grassa, pois depois do episódio do afastamento de António Seguro, o outro António, ainda não apagou essa má imagem em muitos militantes, assim como a escolha de alguns candidatos colocados como elegíveis que a maioria do povo não conhece, ou de outros que lá foram colocados e que geraram descontentamento em militantes, tudo isto a par de uma campanha sem o fulgor de outros tempos. Não o esperam a ele, tempos fáceis, no caso de vencer, já que o descalabro da governação socialista do seu colega Sócrates, anterior a este governo, vai obrigá-lo também a continuar a infligir ao povo sacrifícios que o mesmo tem vindo a suportar. Não vai haver qualquer folga. Não nos esqueçamos que também Mário Soares, em momentos difíceis teve que “meter o socialismo na gaveta”, donde parece nunca mais saiu, ou se saiu, foi só para alguns.

Depois temos todos aqueles que nunca fizeram parte de governos, excepto o “partido do táxi” que se encontra agora na coligação existente, com o seu líder irrevogável, a tratar dos “assuntos bons”, deixando para o parceiro os “assuntos maus”, e fugindo das questões essenciais do país, com grande à-vontade.

Se a coligação tiver um bom resultado, vai logo aparecer todo sorridente nas televisões a “insinuar” que esse resultado se deve muito a ele.

O partido comunista continua “aquela máquina” sempre bem oleada, mas falta-lhe dar aquele “golpe-de-asa”, para mostrar ao povo que mudou, o que não é fácil pois a sua “matriz” ideológica continua com os seus dirigentes.

Temos depois os bloquistas que, quer se queira, quer não, têm feito um bom trabalho de casa, e com grande coragem têm vindo a desmascarar as “negociatas” e as mentiras de quem nos governa.

Os pequenos partidos, como o próprio nome indica, vão ter pouca expressão, pois a dispersão de votos entre eles que com toda a certeza vai acontecer, acabarão por ter um resultado pouco expressivo. Aguarda-se com curiosidade o resultado do partido de Marinho e Pinho, o qual se for eleito, com toda a certeza, dará um bom contributo na Assembleia da República, com aquele seu “estilo” de “chamar o nome aos bois”, apreciado por muitos.

Pois é. O título que escolhi para o artigo, “abstencionistas” e “indecisos”, tem em relação aos primeiros, quase uma certeza: vai aumentar; em relação aos segundos, só me resta desejar que votem de bem com a sua consciência, embora muitos deles vão com certeza arrepender-se depois. A ver vamos...

António Jorge Tavares
Jornalista

(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia).

Os nossos amigos

Hoje queremos distinguir 4 assinantes que já adiantaram o pagamento de 2017: Artur Almeida Mendes, de França, que também deu mais uns euros para ajuda nas despesas; Manuel Joaquim de Araújo, do Porto; Mário Guerreiro Ranhada, do Brasil, e Gonçalves José, de Capbreton, em França.

São ainda nossos amigos todos aqueles que fazem tudo para pagar a assinatura, se possível adiantadamente, sem deixar passar mais de um ano. E há umas centenas que o fazem e a quem devemos poder fazer face às inevitáveis despesas. Mas também há umas 5 centenas que ainda não pagaram 2015, e umas 3 centenas que devem ainda dois, três ou mais anos. Aos que têm tudo em dia ou até já anteciparam 2016 e mesmo 2017, o nosso mais sincero obrigado. Aos que estão atrasados, o nosso pedido para que tentem fazê-lo quanto antes.

Carlos Nuno

O povo é sereno

Faço parte do grupo de eleitores que olha com algum espanto para o que as sondagens nos dizem, apontando todas elas para uma vitória confortável mas minoritária da coligação PàF. Não porque considere, na minha avaliação pessoal, que o Governo deva ser severamente penalizado — o que foi feito teria que ser feito por quem quer que estivesse a governar, mais por aqui ou mais por ali — mas porque nunca imaginei que esse pudesse ser também o julgamento de cerca de 40% do eleitorado.

O eleitoralismo, as promessas perigosas, o facilitismo e o clientelismo sempre pagaram. O maior monumento que erguemos a esse fenómeno aconteceu não há muitos anos. Foi nas eleições de 2009, um ano depois da crise financeira e já com todos os sinais de alarme a disparar. José Sócrates apresentou-se ao eleitorado depois de ter aumentado a função pública em 2,9%, com um défice assumido de 5,9% mas na realidade já a caminho do dobro desse valor e com promessas de atirar mais dinheiro — leia-se mais défice e mais dívida — para cima dos problemas, com um programa de obras faraónicas para concluir — TGV, novo aeroporto, nova travessia do Tejo, uma dezena de novas auto-estradas.

A “compra” de votos com dinheiro dos contribuintes das gerações presentes e futuras — aumentos salariais, subsídios a pessoas ou empresas, obras vistosas e outras desgraças com tiques de novo-riquismo — sempre funcionou como trunfo eleitoral. Tal como sempre foram eficazes as promessas de pão e circo, ainda que muitas se percam depois nos caminhos tortuosos da governação quando esta se confronta com a realidade.

O país tinha mordido estes iscos há apenas seis anos e nunca imaginei que em tão pouco tempo, tanta gente tivesse aprendido tanta coisa. A lição foi demasiado cara mas, aparentemente, parece estar a ser assimilada: não se distribui dinheiro que não temos.

É isso que indicia a aparente resistência eleitoral — estamos a falar de dados de sondagens que vão ser submetidas ao soberano “fact checking” no domingo — da coligação PSD/CDS, que deve descer substancialmente em relação à votação de 2011 mas que pode ser, ainda assim, a candidatura mais votada.

Um povo que, na sua maioria, foi habituado à miragem dos almoços grátis só podia penalizar duramente quem executou o mais duro programa económico da democracia — o ajustamento de Mário Soares em 1983-85 foi também violento, mas a ilusão monetária permitida por uma inflação próxima dos 30% suavizou a sua percepção, embora nem assim o PS tenha escapado nessa altura à mais pesada derrota da sua história.

O mesmo povo, perante uma proposta alternativa muito mais simpática e rápida no desmantelamento das medidas de austeridade, como é a do PS de António Costa, seria certamente tentado a ir inequivocamente por aqui.

Mas, aparentemente, nem uma coisa nem outra.

Nem os fantasmas levantados nos últimos anos sobre um alegado extremismo ideológico do governo fizeram caminho. Neo-liberais? Ultra liberais? Radicais de direita? Desmantelamento do Estado? Fim do Estado Social? Só por distração se pode acreditar nisso. Só por ignorância ou má-fé argumentativa se podem tentar colar essas etiquetas. Se há área onde o governo PSD/CDS falhou e ficou muito aquém do que podia e devia foi na reforma do Estado e na redução do seu peso na economia — coisa que, aliás, o próprio programa eleitoral do PS agora prevê, e bem. Promover a confusão entre esta necessidade e a destruição dos serviços públicos é que enfraquecerá ainda mais o Estado.

Agora percebemos porque é que estas árvores não representavam a floresta. E não foram os nossos míticos brandos costumes a manter a serenidade nas ruas. Apesar de muito dolorosa, de ter sido executada com erros, com mais cortes cegos do que estruturais e com enormes aumentos de impostos, uma fatia importante da população terá entendido a austeridade como um mal necessário e, tudo pesado, bem sucedida nos seus propósitos principais: recuperar a soberania financeira. A comparação com a caótica aventura grega, fortemente mediatizada em Portugal, terá também ajudado o Governo nesta percepção.

Independentemente do vencedor no próximo domingo, esta eleição confirma o país que se posiciona esmagadoramente ao centro, que não gosta de aventuras e que foi confrontado com uma coisa nova: pagou demasiado caras as ilusões das últimas décadas e agora perdeu-as.

Paulo Ferreira
in: Observador de 2-10-2015

Papa Francisco resume a sua Viagem a Cuba e aos Estados Unidos

Foi na audiência geral de 30 de Setembro, dividida em duas etapas: primeiro na Aula Paulo VI, recebendo e encorajando os doentes e os deficientes que, por precaução face à anunciada chuva, foram para aquele local e que continuaram a participar na audiência graças ao circuito de televisão; depois na Praça de São Pedro, falando da sua viagem a Cuba e aos Estados Unidos.

Disse que se apresentou como missionário da misericórdia e que com o olhar misericordioso pôde abraçar todo o povo cubano, de cuja unidade profunda é símbolo a Imagem da Virgem da Caridade do Cobre, há 100 anos proclamada Padroeira de Cuba. Procurou que se fosse tornando realidade a profecia de São João Paulo II: que Cuba se abra ao mundo, e o mundo a Cuba. Que não haja fechamentos nem explorações da pobreza, mas liberdade na dignidade. É um caminho que tira a sua força das raízes cristãs desse povo, que tanto sofreu. E muito encorajou, de maneira especial, a que fosse prosseguido pelos sacerdotes e todos os consagrados, os estudantes e as famílias.



Na Virgem do Cobre da Caridade - Padroeira de Cuba



Com o Presidente Raúl Castro



Com o seu sorriso habitual



Tradição Familiar desde 1974

Comercializamos enchidos e frescos de Porco Bísaro

João Adriano Torres Lima

Praça da República, nº 246 - Vila
4960-567 Melgaço

Tlf: 251402243 - Tlm. 918353480 - talho.joao@hotmail.com

NIF. 163 605 890

www.inesnegra.com

A passagem de Cuba para os Estados Unidos foi emblemática, pois se trata de uma ponte que está a ser construída, como é o desejo de Deus. Ele constrói sempre pontes; somos nós que levantamos os muros que, todavia, acabam sempre por cair.

Falou das 3 etapas nos Estados Unidos: Washington, Nova Iorque e Filadélfia.

Na capital americana, encontrou as autoridades políticas, a gente comum, os bispos, os sacerdotes, os consagrados, os pobres e os marginalizados. E recordou que a grande riqueza daquele país e da sua gente está no património espiritual e ético. E com isso quis encorajar a que se avance na construção social dentro da fidelidade ao seu princípio fundamental, isto é, que todos os homens são criados por Deus como iguais e dotados de inalienáveis direitos, tais como: a vida, a liberdade e a busca da felicidade. Estes valores podem ser partilhados por todos e encontram no Evangelho o seu pleno cumprimento, como o demonstrou a canonização de São Junípero Serra, franciscano,

Continua na pág. seguinte



Com o Presidente Obama



Em Filadélfia, no Congresso Mundial das Famílias



No Congresso Americano - Primeira vez que um papa lhe dirige a palavra

Continuação da pág. anterior

grande evangelizador da Califórnia. Ele mostrou-nos que o caminho da felicidade é partilhar com os outros o amor de Cristo. Este é também o caminho do cristão e de qualquer homem que conheceu o amor: não o guardar para si, mas partilhá-lo com os outros. E foi sobre esta base religiosa e moral que nasceram e cresceram os Estados Unidos da América. E é também sobre esta base que podem continuar a ser terra de liberdade, de acolhimento e cooperação para que o mundo se torne mais justo e fraterno.

Em Nova Iorque, tal como os predecessores, renovou o encorajamento da Igreja Católica à ONU e ao seu papel na promoção do desenvolvimento e da paz, chamando especialmente a atenção para o empenho concorde e efectivo pelo cuidado da criação. Renovou o apelo para que se previnam e acabem as violências contra as minorias étnicas e religiosas e contra as populações

civis. No Memorial do Ground Zero, juntamente com os representantes de outras religiões, rezou por tantos que aí morreram e pelo povo da cidade. No Madison Square Garden celebrou a eucaristia pela paz e pela justiça.

O verdadeiro ponto alto da viagem foi o encontro mundial das famílias em Filadélfia. «A família, isto é, a aliança fecunda entre um homem e uma mulher, é a resposta ao grande desafio do nosso tempo, que é um duplice desafio: a fragmentação e a massificação, dois extremos que convivem e se alimentam mutuamente, e ao mesmo tempo sustentam o modelo económico assente no consumo. A família é a resposta, porque é a célula de uma sociedade que equilibra a dimensão pessoal e a comunitária, e que ao mesmo tempo pode ser o modelo de uma gestão sustentável dos bens e dos recursos da criação. A família é o sujeito protagonista de uma ecologia integral, porque é o sujeito social primário, que contém no próprio

íntimo os dois princípios básicos da civilização humana na terra: o princípio da *comunhão* e o princípio da *fecundidade*. O humanismo bíblico apresenta-nos este ícon: o matrimónio humano, unido e fecundo, colocado por Deus no jardim do mundo para o cultivar e o guardar».

Agradeceu o empenho, piedade e entusiasmo do arcebispo local e o seu grande amor à família, evidenciado na organização deste evento. E nele viu algo de providencial: que tenha acontecido na América, o país que no século XX atingiu o máximo desenvolvimento económico e tecnológico sem renegar as suas origens religiosas. «Agora, estas mesmas raízes pedem que se volte a partir da família para repensar e mudar o modelo de desenvolvimento que possa beneficiar toda a família humana».

Creio que não há melhor introdução ao Sínodo da família que começou este domingo, dia 4.

Carlos Nuno Vaz



Na ONU

VIAGENS NESTA NOSSA TERRA

A estrada de Melgaço a S. Gregório: A paisagem mais bonita de Portugal



A revista "Serões", magazine popular publicado no início do século passado, lançou, em 1909, um desafio a vários vultos das artes e das letras do país. Cada escritor ou artista teria que escrever um texto sobre aquela que era, no seu entender, a paisagem mais linda de Portugal. Leia o que o escritor Anthero de Figueiredo escreveu:

"Das muitas paisagens deste lindo Portugal, diante das quais meus olhos tem parado commovidos e agradecidos, uma há que mais se demora em mim. É esse bocado que vai de Melgaço a S. Gregório à beira do rio Minho, em frente de terras espanholas - lá em cima, no extremo norte de Portugal. Desde o Peso, a estrada, na encosta sobe, às curvas, sobranceira ao rio, que nesse sítio, separa dois países. De cá campos de milho e outeiros de verdura. De lá, a Galiza sombria e montanhosa. Numa extensão de meia légua, sempre o Minho se vai deixando ver: próximo, suas águas são claras e simples. Mas vistas de longe, no fundo do vale, são, ora lívidas, ora brilhantes e, na distância, de estranha physionomia. O mesmo é nas terras baixas, e nos montes: são verdes os lameiros e os milheirões que nos cercam, relvadas as valetas, floridos os canteiros, as hortas alinhadas, amiga a sombra dos carvalhidos, fartos os espigueiros, abastadas as medas e as eiras, tranquilos os muros, modestas mas alegres as casas de brancos telhados, resignados os mendigos, joviaes os remediados. Mas do outro lado, para além, há collinas agrestes, campos pobres, espessas matas de bravios pinheirões, montes atormentados de arestas penascosas, montanhas escalvosas, serenas e estoicas e, ao longe, nos despovoados campos da Baixa Galliza, adivinham-se casaes sem pão, e mendigos trágicos e pastores esfomeados. Lá, por essas serras distantes que noutras serras se prendem e perdem, pela Espanha dentro da cordilheira cantábrica, até às Vancongadas!

Paisagem amena e dura, amável e tremenda, próxima e longínqua tem em si ensinos profundos: ella é uma voz de bondade e de força clamando a lição penetrante da vida! Faz sorrir, pensar, sofrer! Olhamo-la com olhos abertos e alegres, e, meditando, olhamo-la com olhos fechados e pesarosos!

Ainda um dia voltarei a visitar a linda capella de Nossa Senhora da Orada, que, no alto, à borda da estrada, olha para tal paisagem de agrado e de meditação. E ahi, na paz do seu pequeno adro e à sombra do seu portal românico, diante dessa terra de silencioso instruir, hei-de compor uma oração, não à Athênã, como Rénan na colina sagrada da acrópole, mas à deusa Serenidade - a deusa dos olhos bellos e frios, a deusa calma e triumphadora que ensinou a libertação a Budha e a renuncia a Epicteto."

Extraído de: FIGUEIREDO, Anthero de (1909) "A Paisagem Portuguesa: Inquérito aos homens de letras e outros artistas" in: Revista "SERÕES", Nº 50, Agosto de 1909.

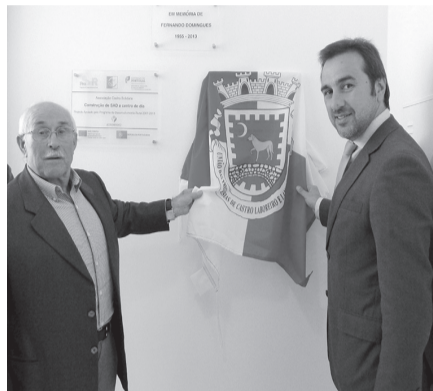
Valter Alves

Leia esta e outras histórias da nossa História no blogue "Melgaço, entre o Minho e a Serra"

Castro Laboreiro inaugurou

Serviços do "Castro Solidário" apoiarão diariamente 55 utentes

Centro de Dia



As instalações do Centro de Dia Castro Solidário, um projecto da Associação com o mesmo nome, foram oficialmente inauguradas a 10 de Setembro, em cerimónia que contou com a presença do Director da Segurança Social de Viana do Castelo, Paulo Órfão.

A infraestrutura, que visa dar resposta às necessidades de apoio à população idosa das localidades de montanha, permitirá receber vinte e cinco utentes no serviço de Centro de Dia, onde são asseguradas a alimentação [lanche da manhã, almoço e lanche da tarde], tratamento da roupa e higiene pessoal, mas também posicionar estrategicamente uma equipa de técnicos para o serviço de apoio domiciliário, que compreenderá a alimentação, serviço de higiene pessoal e limpeza das habitações a um máximo de trinta utentes.

Os serviços sociais dispõem ainda de um serviço de refeições diárias para fora na hora de almoço, aberto à população em geral.

Com um investimento avaliado em 400 mil euros, o projecto foi financiado através do ProDer – Programa de Desenvolvimento Rural, Conselho Directivo dos Baldios da Freguesia de Castro Laboreiro, Assembleia de Compartes de Lamas de Mouro, União das Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro e Câmara Municipal de Melgaço.

“Existem muitos idosos sozinhos nas suas casas devido à emigração dos filhos, ao falecimento do cônjuge e aos empregos de todos os seus descendentes”, constata a Directora Técnica, Marta Pombo Melo, explicando o funcionamento e raio de acção destes serviços.

“Os utentes poderão ser naturais de qualquer área geográfica, no entanto, deverão ser preferencialmente residentes em Castro Laboreiro e freguesias vizinhas, como Lamas de Mouro, uma vez que a Junta de freguesia se denomina União de Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro”, esclarece.

Para a sustentabilidade do projecto conta agora com o apoio do organismo estatal, como sublinha Marta Melo. “Vamos começar agora a receber o apoio da Segurança Social, uma vez que foi celebrado o acordo com o Instituto da Segurança Social no dia da inauguração”.

Gerido pela Associação “Castro Solidário”, o Centro de Dia e SAD terá uma equipa de cinco funcionárias, nomeadamente: Marta Melo (Directora Técnica), Diana Lobato (Animadora Sociocultural); Maria Rodrigues (Cozinheira); Leonor Esteves (Auxiliar de Acção Directa) e Almerinda Afonso (Auxiliar de Serviços Gerais).

João Martinho

Nota da Redação

O Centro Interparoquial e Social do Alto Minho, com a logística de apoio em Parada do Monte, funciona há 10 anos e conta neste momento com 31 utentes protocolados pela Segurança Social. Abrange as freguesias de: Parada do Monte, Gave, Couso, Cubalhão, Lamas de Mouro, Castro Laboreiro e Gaveira.

Há muito que dialoga com as autoridades, camarárias e não só para que, sobretudo o local para a cozinha de apoio tenha a dimensão apropriada para o movimento que tem. Apesar da insistência, as autoridades camarárias e governativas fizeram orelhas moucas e não desbloquearam as verbas que permitissem levar a efeito as obras há muito desejadas e projetadas.

Sendo o seu domínio de acção muito mais abrangente do que o previsto para Castro Laboreiro – aliás servido até agora pelo dito Centro Social –, custa a compreender que, em Castro e Lamas tenham 25 pessoas no Centro de Dia e um máximo de 30 utentes no apoio domiciliário. Quem sabe e trabalha nestas instituições diz-nos que já há oferta a mais em Melgaço pelo que não será de admirar que perante as dificuldades financeiras pelas quais passam as mencionadas instituições, algumas delas venham a fechar.

Continua a haver bairrismos doentios e apostas suicidas para o bem geral do país e das próprias populações. Pelos vistos, a austeridade destes últimos 4 anos ainda não abriu os olhos a muita gente.

Oxalá que, daqui por 10 anos ou até menos, não venham dizer que tínhamos toda a razão, porque o que realmente nos interessa é que as obras sejam pensadas a sério e para o bem de todos.

SERRALHARIA
MANUEL RODRIGUES



TUDO O TIPO DE TRABALHOS EM FERRO

BOAVISTA | ROUÇAS | 4960 MELGAÇO Telef. 251 403 562

MANUEL LUÍS D. RODRIGUES
TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

AUTOMATISMOS PARA PORTÕES
PORTAS SECCIONADAS
VIDEOS PORTEIROS
AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa · 4960-310 PENSO MLG · MELGAÇO TELEM. 969 065 676

Electricidade Silva
de: **António Santos Silva**

Instalações eléctricas Baixa
tensão · Automatismo de Portões ·
Alarmes · Bombas e
Motores de Rega, etc.
Porta · Cristóval · Melgaço

Tlm. 966 081 689
Tel. 251 414 417

Portugal quer governantes honestos

Candidatos a 1.º Ministro, a 4 de Outubro 2015



António Costa PS

P. Coelho PSD

Portas CDS

Setembro, mês suave, luz calma, temperatura amena, sem vento, ambiente tranquilo, é o regresso à rotina do emprego, mas não é bem assim em toda a parte, por exemplo no Brasil paira o mensalão e o lava-jacto, a Rússia afoga na baixa do petróleo, a China estoura na bolha monetária, o seu gigantesco mercado vai importar menos e também exportará menos coisas baratas, tão necessárias à vida dos pobres. Talvez escape a Índia, o futuro império por volta de 2050, porque o seu sistema de castas é tão forte que a elite reinará por muitos mais anos. Obama com a sua simpática ideia de despoluir os continentes da Terra em 2030 também será enviado às urtigas porque a ganância do petróleo e das armas continuará imparável com o seu apoio. Imparável ainda as migrações pois a atitude dos ricos actuais é o roubo e a exploração dos países pobres e nunca o seu desenvolvimento e independência. Por cá, é o barulho eleitoral, o medo é o centro do discurso vazio e oco do actual governo PSD/CDS. "Sem nós será o fim"... "São necessários sacrifícios...". Recordo os discursos bafientos da ideologia de Salazar que transformou Portugal num dos países mais pobres e atrasados do mundo, que também defendia o sacrifício e a ignorância dos pobres aqui na terra para depois de mortos alcançarem o céu. António Costa do PS ganha vantagem face aos erros de Coelho e Portas. "Não era precisa tanta austeridade, nem tanto sacrifício", diz Costa que promete nunca tocar nas reformas, que para ele "são sagradas". A situação política que se vive é esta, pouco se fala nos pobres e vi há dias à porta de um bar um pobre velho reformado que ainda não tinha recebido a sua reforma, 200 e poucos euros, por causa de um



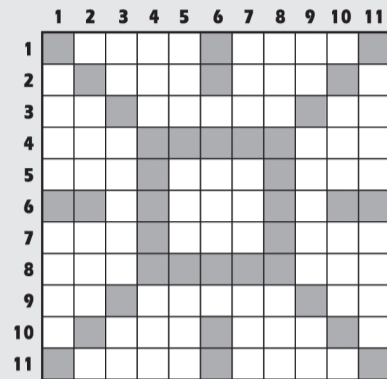
erro informático, estava resignado, dizendo: "Andamos todos a gastar demais!" Observei que era desdentado, como são quase todos os portugueses, pobres e velhos. Naturalmente, amolecia o pão na sopa ou as bolachas no leite. Era a sua refeição diária, além de medicamentos dos mais baratos, genéricos, talvez. A verdadeira realidade do país é esta, que ninguém discute na campanha eleitoral, que ninguém apresenta soluções. Milhares de trabalhadores a ganharem menos que o salário mínimo, 100 a 300 euros mensais, que não chegam para fazer face às necessidades vitais, 500 mil jovens que emigraram, mais de 1 milhão de desempregados, mais de 500 mil com empregos precários e Soares continuará a visitar Sócrates e Salgado, condoído pelas suas incompreensíveis desgraças. E olhando para o PSD, são quase residuais as marcas sociais-democratas e no CDS já nada permanece de democrata-cristão. Os dois partidos mudaram radicalmente, aderindo a um modelo de liberalismo de vulgata, pouco consentâneo com a tradição liberal ocidental. Os resultados estão à vista: quatro anos e meio de governo desta direita de privilégios empobreceram o país, aumentaram as desigualdades, desarticularam o Estado, a escola pública, os hospitais, a justiça, a segurança e venderam o país a pataco, privatizando tudo, mesmo o que era estratégico, EDP, CTT, PT, TAP, ANA, etc, reduziram a

oferta pública no campo social e atacaram consensos no domínio científico, tecnológico e cultural. Não o fizeram por constrangimento mas por obediência aos seus desígnios. Desígnios que estão bem claros no programa da coligação. O drama português é proveniente das más escolhas dos eleitores. O caso desta coligação é o símbolo da decadência ideológica e do desinteresse da coisa pública. Os candidatos querem o poder a todo o custo, porque o Estado é visto como a maior empresa do país e o maior empregador, onde se podem colher grandes benefícios, grandes cargos futuros e ficar com altas reformas a vida inteira, além de todas as mordomias, palácio, carro topo de gama, criados, etc, etc. Não se importam de ser vaiaados. O que importa é conquistar o "tacho" e governarem-se. Os portugueses estão cansados destes imbróglis, destas infâmias e sentem-se confusos nas escolhas a fazer. A poucos dias das eleições legislativas, PS e coligação da direita estão a escassos pontos de diferença nas sondagens, o que poderá significar a indecisão do eleitorado e também que o povo português está farto desta alternativa sem alternância, como também está farto da austeridade, do corte dos salários e das pensões, das gorduras e mordomias do Estado e da dívida pública sempre a aumentar.

Setembro 2015
Abílio Francisco Conde

PASSATEMPOS

PALAVRAS CRUZADAS

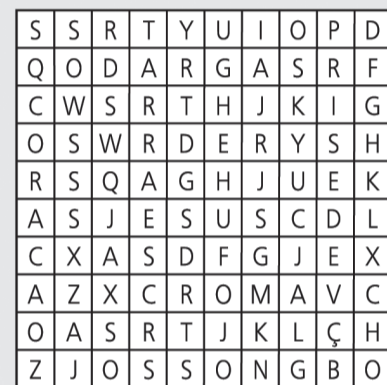


Horizontais: 1. Origem, assim seja; 2. Imensidão, víscera dupla; 3. Símbolo químico amerício, notícia, ruim; 4. Cabelos brancos, advérbio; 5. Elo, tempero, pedra altar; 6. Ministro religião maometana; 7. Interjeição, causa, círculo; 8. Regressar, sorrir; 9. Campeão, espécie choupo, vogais em duplicado; 10. Medida agrária, morcão queijo; 11. Erguer, rio português.

Verticais: 1. Instrumento cortante, cidade portuguesa; 2. Imensidão, rio português; 3. Símbolo químico, amerício, adicionar, Antes de Cristo; 4. Óxido cálcio, lugar onde se celebra o sacrifício; 5. Anel, interjeição, iludir-se; 6. Patrão; 7. Pedra altar, casa, dificuldade; 8. Numeral, escavação; 9. Preposição, extinguir, adjunto; 10. Abismo, espécie albufeira; 11. Domicílio, pedir.

SOPA DE LETRAS

Neste emaranhado de letras, encontrar a expressão, "Sagrado Coração de Jesus sede o nosso Amor"



CHARADAS

Combinadas

- ___ + RA = Rosto
- ___ + CA = Troféu
- ___ + A = Rio Português
- ___ + LA = Fileira

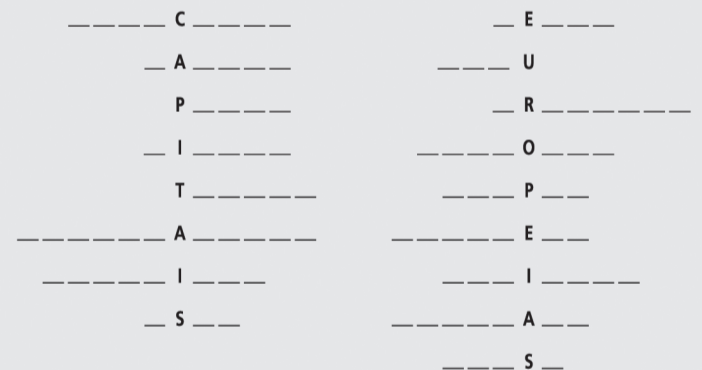
Conceito: Ave parecida com o papagaio

Quadrado

- = Propriedade extensa
- = Suplicar
- = Moradia
- = Lago Europeu

PROBLEMA

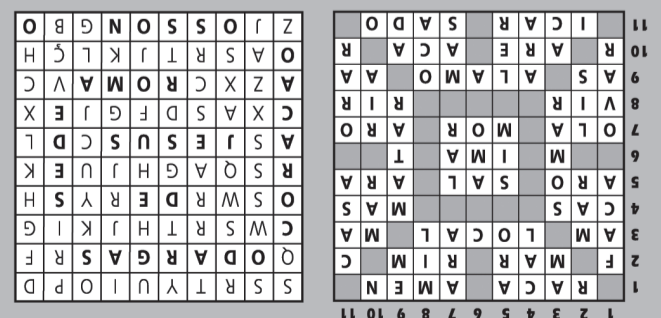
Substituir os traços por letras de forma a encontrar nomes de "Capitais Europeias"



Colaboração: Alcídio Silva Figueiredo

PROBLEMA Estocolmo - Zagreb - Praga - Tirana - Tallin - Reiquiávilique - Lubliana - Oslo
Berna - Baku - Bruxelas - Varsóvia - Skopje - Serajevo - Vaticano - Belgrado
Minsk

CHARADAS Combinadas: CA + TA + TU + A = CATATUA
Quadrado: ROCA - ORAR - CASA - ARAL



SOLUÇÕES

Visita ao Irão

21 a 31 de Agosto de 2015



Caravançarai situado no deserto iraniano.

Visitar o Irão foi de certo modo uma aventura, por se tratar de uma República Islâmica, bastante fechada, onde, por exemplo, as mulheres, por obrigação, cobrem a cabeça com lenço, ou usam o manto (shador) para se taparem totalmente, sobressaindo apenas o rosto; usam roupas largas, braços cobertos de preferência até ao pulso, ou acima um pouco. Por este padrão afinámos o nosso vestuário, sentimos por antecipação as altas temperaturas do clima desértico, porque a lei islâmica não dispensa sequer estrangeiras de assim trajarem. Os homens obrigam-se a usar calças compridas e camisas de mangas ou curtas fora dos lugares sagrados.

Nem mesmo estas circunstâncias nos impediram de concretizar a vontade de irmos conhecer um País rico do ponto de vista histórico, cheio de monumentos de grande interesse nas cidades, ou descobrir, em locais tão ermos, túmulos dos reis escavados nas rochas e caravançarais – grandes abrigos para hospedagem das caravanas – perdidos naquelas planuras secas de terra amarela, barrenta, como a sua cor. Vieram à memória o império Persa, os chefes Ciro, Dario, Xerxes e outros. Este último levou-nos a reler da Coleção «Clássicos Inquérito» a tragédia de Ésquilo, *Os Persas*, representada no ano 472 a C. que nos dá conta da tremenda derrota persa, consumada na batalha de Salamina, devido sobretudo ao seu despotismo governativo e à sua fogosa juventude, que o levaram a invadir a jovem nação grega, mas valente e disciplinada.

Em ânsias, no dia vinte, lá fomos para o aeroporto de Lisboa, onde nos inserimos num grupo de dezassete pessoas, com desti-

no a Istambul, Turquia, e daqui para o aeroporto de Xiraz, sul do Irão. Um dia de viagem é o tempo necessário, quer para ir, quer para regressar.

O hábito de usar o lenço na cabeça começou dentro do avião para umas, para outras, dentro do aeroporto de Xiraz, e assim, depois de alguns dias de constrangimento, entrou na nossa intimidade até portas dentro do quarto do hotel!

Cumpridas as formalidades de controlo de chegada, dirigimo-nos para o autocarro, que nos esperava com o Ali motorista e o guia do Irão Mayid, que nos saudaram. Sentados, víamos deslizar árvores ao longo de uma grande avenida a caminho do hotel, onde chegámos perto das 04h 00 locais, para repousar.

A noite foi curta. A diferença horária é de três horas e meia! O dia começou com as visitas previstas como iremos contar na próxima crónica.

Texto: Maria Nadelete da Costa Lopes

Fotos: Maria Ester Taveira



Iranianas tradicionalmente vestidas



Túmulo do poeta Hafez, em Xiraz



Portugueses no Irão - pátio de uma madrasa, em Xiraz.

Apontamentos de Campinas

XVI FESTA DO PADROEIRO SÃO BERNARDO

PROGRAMAÇÃO LITURGICA

20/08 às 05:30 - Alvorada Ladainha de todos os Santos (Procissão)
 20/08 às 19:30 - Missa Solene
 22/08 às 10:00 - Abertura com o Cônego Antônio Teixeira Filho
 22/08 às 17:30 - Missa Solene
 23/08 às 08:30 - Missa Solene
 23/08 às 18:00 - Procissão com andor de São Bernardo
 23/08 às 18:30 - Missa Festiva

PROGRAMAÇÃO

SÁBADO DIA 22 DE AGOSTO
 10:30 - Passeio Ciclístico
 14:00 - Tradicional Bingão
 15:00 - Folia de Reis São José Operário
 19:30 - Shows Musicais
 20:00 - Amigos do Céu com Telescópio para observar a Lua

DOMINGO DIA 23 DE AGOSTO
 08:30 - Missa Solene
 10:00 - Ap. de ZUMBA e Mini Aula
 10:00 - Pintura de Rosto
 11:00 - Capoeira G. Arte Cultural M. Treck
 14:00 - Tradicional Bingão
 15:00 - Bolo de São Bernardo
 20:00 - Shows Musicais



PROGRAMAÇÃO LITURGICA

20/08 às 05:30 - Alvorada Ladainha de todos os Santos (Procissão)
 20/08 às 19:30 - Missa Solene
 22/08 às 10:00 - Abertura com o Cônego Antônio Teixeira Filho
 22/08 às 17:30 - Missa Solene
 23/08 às 08:30 - Missa Solene
 23/08 às 18:00 - Procissão com andor de São Bernardo
 23/08 às 18:30 - Missa Festiva

PROGRAMAÇÃO

SÁBADO DIA 22 DE AGOSTO
 10:30 - Passeio Ciclístico
 14:00 - Tradicional Bingão
 15:00 - Folia de Reis São José Operário
 19:30 - Shows Musicais
 20:00 - Amigos do Céu com Telescópio para observar a Lua

DOMINGO DIA 23 DE AGOSTO
 08:30 - Missa Solene
 10:00 - Ap. de ZUMBA e Mini Aula
 10:00 - Pintura de Rosto
 11:00 - Capoeira G. Arte Cultural M. Treck
 14:00 - Tradicional Bingão
 15:00 - Bolo de São Bernardo
 20:00 - Shows Musicais

Passeio Ciclístico - Inscrição: 01kg de alimento não perecível



Sábado dia 22 à Tarde - Exposição de Carros Antigos
 Domingo dia 23 às 10h - Atividades da Saúde - Aferição de Pressão Arterial...

PARÓQUIA IMACULADA - Rua Elias Lobo Neto, 666 - São Bernardo
 Fone: (19) 3272-1251 - www.paroquiadaimaculada.org.br

Para quebrar a monotonia do nosso bairro aconteceu a festa de São Bernardo, seu padroeiro. Coincidiu com o fim de semana, o dia próprio, sábado 22 de Agosto e Domingo. Digo monotonia por quê, durante o ano, todos os dias, se aparecem na praça três pessoas de nós, eu e a Guida, será muito. Nós também não nos detemos muito, não demoramos mais de 40 ou 60 minutos, tempo gasto para circular a praça, nos determos frente à gruta de São Francisco e sentar um pouco apreciando a florada de algumas árvores que, enganadas pelo tempo atípico pensam que já é primavera. Este ano a não ser dois ou três dias que fez um pouco de frio, o inverno não aconteceu. Nem o recinto destinado às crianças com brinquedos próprios é usado. As crianças atualmente divertem-se mais em

casa com os jogos eletrônicos. Então para usufruir a praça em frente à igreja da Imaculada que a Prefeitura mantém cuidada e aseada, nos dias de São Bernardo regurgitou de gente. Os baraqueiros, como é costume em qualquer latitude, tomaram conta do espaço que lhe foi destinado, e como sempre vendendo todo o tipo de bugigangas e comidas. No espaço infantil brinquedos pneumáticos infláveis eram disputados pelas crianças. Num espaço entre as árvores, de há dois meses para cá, ainda a Prefeitura, murou e aterrou fazendo um elevado fixo para orquestras a afins. Nos dias da festa teve música ao vivo e gravada. E nos dias que antecederam, da programação litúrgica constou uma ladainha de que não participamos por ser às 5:30 horas da madrugada. O padre justifi-

cou o horário para não prejudicar o emprego das pessoas uma vez que era quinta-feira, dia de trabalho. Como a casa onde moramos é relativamente perto, fomos e voltamos várias vezes presenciando o movimento, e no dia final fizemos questão de participar da procissão. Dezoito horas já era noite, Resumiu-se a oito pessoas envergando túnicas brancas com capuz imitando o hábito de frades carregando a cruz alçada. O andor com a imagem de São Bernardo e o padre. O povo em magotes seguia atrás acompanhando o cântico que os altifalantes transmitiam. Apenas deu a volta à praça. Resumindo: não houve grande diferença de qualquer festa da aldeia da nossa terra pois tratava-se de herança adquirida.

Campinas, 25/8/2015
M. Igrejas

É um grande artista

Depois de ter procurado em várias localidades, cheguei a pensar que não encontrava a pessoa indicada para me fazer um certo trabalho de tanoeiro, trabalho esse que seria consertar um grande tinalhão que serve para levar as uvas à Cooperativa.

Por fim, alguém me informou que esse trabalho só seria capaz de o fazer um sr. Almeida que mora no lugar da Carpinteira, mais conhecido por "Almeida, guarda-florestal". Dirigi-me à sua casa e encontrei-o bem disposto. Conversamos e ele mostrou-me trabalhos feitos pela sua mão. São inacreditáveis. Fiquei admirada. Por último, apresentei-lhe o meu caso do já referido tinalhão. Disse-me que não me podia fazer

esse trabalho, em virtude de ser muito esforçado e que a sua idade não lhe permitia. Depois, acabou por me dizer que, como me foi difícil encontrar quem lhe fizesse o trabalho, ia fazer mais um sacrifício. Por fim, fez-me a obra com a máxima perfeição. Muito obrigada, sr. Almeida, faço votos para que continue sempre de boa saúde, e a ainda tenha muitos anos de vida. É pena não aparecer alguém que queira dar continuidade a esta profissão que está em vias de acabar!

Alice Salgado

A Caminho da Terra Santa – XIV Descobrimo o 5º Evangelho 15 a 25 de Setembro de 1968 Em direção ao Mar Morto

Havia em todos os excursionistas a Israel uma certa ansiedade em ver o Mar Morto.

De vez em quando, no autocarro, o Guia ouvia a perguntar: – Quando vamos ao Mar Morto?

Depois o mesmo Guia dera a esperança de que tomariam banho os que desejassem.

Apesar dos quartos do hotel terem banho e haver piscina, a verdade é que era uma "novidade" tomar banho em águas dormentes do deserto.

Na manhã do quarto dia lá se concretizou o desejo de todos: uma viagem ao Mar Morto.

Fomos de manhã para evitar o calor mais intenso do dia alto, e porque a visita prolongar-se-ia até às 14 horas.

Logo que saímos de Jerusalém, os nossos olhos poisam continuamente numa região desértica, desde os nossos pés até às longínquas serras que os Árabes habitam.

Estamos em pleno deserto da Judeia, e vamos sentir-lhe a temperatura desalmada, a qual atingiu 40 graus no Mar Morto.

Outra particularidade que espicaça a nossa ânsia de visitarmos o Mar Morto é que é o ponto mais baixo da superfície terrestre em relação ao nível do mar.

Por seu lado – e esta é a razão bíblica do nosso desejo de vermos esse mar – a cidade de Sodoma e as restantes destruídas pelo fogo, por castigo de Deus, os historiadores e arqueólogos colocam-nas ali.

Esta viagem, julgo que de uns 70 quilómetros, permite-nos recuar milénios e evocar o Povo de Deus, quando se dirigia para a Terra da Promissão.

Ao deixarmos o Monte das Oliveiras, que já nos esconde a cidade de Jerusalém, ao longe avista-se o monte Nebo, donde Moisés contemplou a terra prometida.

O autocarro vai deslizando numa estrada moderna e bem cuidada, que ligava Jerusalém a Aman, e o calor aperta...

Entretanto chegamos à Cota Zero, que está bem assinalada e onde se atinge o nível do mar.

Situa-se aqui o albergue do Bom Samaritano.

O autocarro parou uns instantes para o vermos bem.

Este albergue transformou-se mais tarde numa estalagem para os que demandavam a Cidade Santa.

Aqui e além aparecem abandonados engenhos bélicos a lembrar a guerra dos "seis dias".

Ao nosso lado direito regista-se, em determinado momento, uma cena bíblica eloquente: um enorme rebanho em marcha cadenciada e ordenada seguia por uma encosta diante do pastor – um beduíno – escoltado por dois cães.

O Guia chama-nos a atenção para o caso.

Vencida a Cota Zero, começamos a descer sob um sol mais forte.

Jerusalém está situada a 700 metros acima do nível do mar, o Mar Morto, a 399 metros abaixo do nível do mar.

Estamos em pleno deserto: secura total, sem pinga de água, serra escavadas e montanhas agrestes porque sem vida e sem vegetação.

Vendo o rebanho inquirimos de nós mesmos: onde se alimenta?

Aqui e além uma giesta raquítica, que vão tosando.

Antes de chegarmos ao Mar Morto, fizemos um desvio para Jericó, que é uma das mais antigas cidades do mundo, localizada numa planície fértil junto daquele mar.

Existem achados arqueológicos que datam de há dez mil anos.

O Guia afinçou-nos que havia uns 15.

Frente ao Monte da Quarrentena, este conjunto desconcertante: no deserto um tufo de verdura.

É o Jordão, e está assinalado o local onde nasceu Jesus.

Mais distante, os montes de Moab, até onde chegou Moisés, o Chefe do Povo de Deus, que o comandou desde o Egito.

Tudo é majestoso: a paisagem, a história divina, e os caminhos do Céu que ali se cruzaram com os caminhos de Israel.

Nas proximidades vê-se o palácio do inverno de Herodes, o Monte da Tentação, e o Nebo

A Caminho da Terra Santa – XIV

Descobrimo o 5º Evangelho - 15 a 25 de Setembro de 1968

Em direção ao Mar Morto



Continuação da pag. 31

Musa, que é o túmulo de Moisés de acordo com a tradição muçulmana.

Foi de Jericó que Josué partiu para a conquista da Terra Prometida. E foi de Jericó, que Jesus empreendeu a conquista do mundo.

Foi daqui que partiu para ser imolado em Jerusalém.

Dali, de bem perto, do Jordão e do Monte da Quarentena, saiu para iniciar a pregação do seu Evangelho.

Estamos num local que sob o aspecto arqueológico, histórico e religioso nos impressiona profundamente.

Andamos por caminhos que Jesus trilhou, e nesta mesma localidade é que se teria registado a hospitalidade que Zaqueu ofereceu a Jesus.

Jericó é um oásis, onde a vegetação é abundante, e onde não faltam as uveiras.

Antes de entrarmos na cidade, avista-se um grande campo repleto de casas térreas. São os campos dos refugiados árabes.

Estes trabalham geralmente nas estradas.

Estes árabes são da Jordânia.

Há os árabes palestinos, antiquíssimos, que vivem na Palestina, mas que nunca se enten-



Cidade de Jericó



Monte da Tentação



Mar Morto



Rio Jordão

deram com os demais, e vivem em perfeita harmonia com os Israelitas.

Sobranceiro à cidade, no alto de uma montanha abrupta e escavada, o *Monte da Quarentena*, onde Jesus jejuou quarenta dias, também chamado *Monte da Tentação*.

Parece escavado na rocha, e ao qual se liga o mosteiro grego da Quarentena, construído no fim do século passado (XIX) em frente às grutas que foram eremitérios de ascetas.

Um destes eremitérios é venerado como tendo sido o local onde Jesus jejuou durante os quarenta dias.

Este eremitério foi coberto por uma capela no ano de 1902.

No cimo da montanha, uma outra capela lembra a tentação a que o Senhor se sujeitou após o jejum.

A paisagem, vista do alto do monte, deve ser grandiosa, porque alguém escreveu que dali se compreende bem o Evangelho quando refere que Satanás ofere-

ceu a Cristo todas as nações do Mundo.

Os religiosos que habitam no mosteiro oriental consagraram-se ao jejum.

Não é este o único convento do deserto.

20 de Outubro de 1968
in "Diário do Minho"



Monte Nebo